

FACULDADE CÁSPER LÍBERO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

WEINNY GORATO EIRADO

Direitos de Transmissão x Cobertura Jornalística:  
O esvaziamento do mito da Seleção Brasileira pelo Jornal da Globo na  
Copa América de 2021

SÃO PAULO  
2022

WEINNY GORATO EIRADO

Direitos de Transmissão x Cobertura Jornalística:  
O esvaziamento do mito da Seleção Brasileira pelo Jornal da Globo na  
Copa América de 2021

Dissertação apresentada para a obtenção de  
grau de Mestre em Comunicação e  
Mercado pela Faculdade Cásper Líbero.  
Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Marli dos Santos

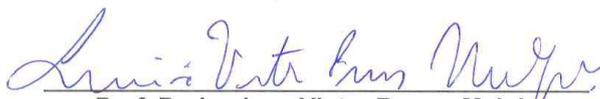
SÃO PAULO

2022

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

AUTOR: WEINNY GORATO EIRADO

“DIREITOS DE TRANSMISSÃO X COBERTURA JORNALÍSTICA: O  
ESVAZIAMENTO DO MITO DA SELEÇÃO BRASILEIRA PELO JORNAL DA  
GLOBO NA COPA AMÉRICA DE 2021”



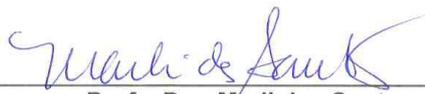
---

Prof. Dr. Luciano Victor Barros Maluly  
Escola de Comunicação e Artes – ECA/USP



---

Prof. Dr. Liraucio Girardi Junior  
Faculdade Cásper Líbero - FCL



---

Profa. Dra. Marli dos Santos  
Faculdade Cásper Líbero - FCL

Data da Defesa: 28 de março de 2022.

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer profundamente a todos que acreditaram na minha carreira profissional e acadêmica ao longo da minha trajetória até aqui. Completei dez anos de jornalismo no final do ano passado, e neste ano completarei dez anos do meu primeiro artigo apresentado em congresso acadêmico. Para todos que deram suporte desta última década, meu gigantesco obrigado. Em especial, gostaria de eternizar neste primeiro parágrafo o meu mais puro reconhecimento aos meus pais, Antonio e Elaine, por todo o esforço que vocês fizeram ao longo dessa trajetória, fazendo grandes sacrifícios para que eu tivesse as ferramentas para me tornar este jornalista e pesquisador que sou. Sem o apoio de vocês eu não teria chegado até aqui. Vocês são parte fundamental da minha construção como ser humano, e é por vocês que eu faço cada esforço extra para apreender e fazer algo a mais na carreira profissional e na sala de aula. Muito obrigado por tudo. Amo vocês.

Em segundo lugar, gostaria de agradecer a minha companheira Luana, que além de incentivar o meu ingresso na Cásper Líbero, deu enorme suporte para que este trabalho pudesse se tornar real. Foi em cada palavra de motivação e cada gesto de apoio nas tarefas mais difíceis que encontrei o caminho para fechar este trabalho e minha formação com muito orgulho aqui na Cásper. Você é demais, Lu.

Agradeço também a todos os amigos e companheiros de trabalho que deram palavras ou gestos de apoio ao longo da construção desta pesquisa, destacando meus companheiros mais de uma década de paixão pelos esportes, Levi e Caio. Cada estádio e cada arquibancada que frequentamos só fortaleceu essa minha relação com os esportes e a comunicação. Cada debate sobre cobertura jornalística e as relações de direitos de transmissão ajudaram a pensar essa metodologia aplicada no estudo.

Também gostaria de agradecer aos mestres que nortearam esta pesquisa, sobretudo na orientação. Meu agradecimento ao Professor Cláudio Coelho, que orientou por quase um ano e meio esta pesquisa. Também gostaria de agradecer a professora Marli dos Santos, primeiramente por ter topado participar da avaliação deste trabalho ao lado do professor Luciano Maluly, a quem também muito agradeço pelo tempo e sugestões. Mas sobretudo, Marli agradeço por assumir a orientação na reta final e por ajudar demais a engrandecer a pesquisa, mesmo com todas as adversidades que encontramos em um curtíssimo espaço de tempo. Obrigado pela dedicação.

Para encerrar, gostaria de dedicar essa obra a todos os apaixonados por esportes, sobretudo aqueles que sonham com a oportunidade de trabalhar no mundo do jornalismo esportivo. Acredite, se prepare e lute pelo que você almeja. Repito um ensinamento do gênio Ayrton Senna que me apoiou nos momentos mais difíceis: faça tudo com muito amor e fé que um dia você chegará lá.

## EPÍGRAFE

*Eu hoje, igual a todo brasileiro  
Vou passar o dia inteiro  
Entre faixas e bandeiras coloridas*

*Parece, até que eu estava em campo  
Buscando a paz nos quatro cantos  
Aquele gesto de erguer a taça ao povo*

(Trecho de “Sou Tricampeão/Coração do Mundo”,  
composta por Marcos Valle e Paulo Sérgio Valle)

## RESUMO

Esta dissertação, que está vinculada à linha de pesquisa “Jornalismo, Imagem e Entretenimento” do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero, tem o objetivo de estudar como os direitos de transmissão podem influenciar a cobertura jornalística de eventos esportivos, sobretudo em veículos de comunicação que acabem deixando de transmitir um campeonato após perder os direitos para uma emissora concorrente. O objetivo é analisar a forma como a TV Globo tratou a cobertura do evento e compará-la com as duas coberturas anteriores, realizadas nas edições de 2019 e 2016. Para isso, foi realizada uma análise de conteúdo, tendo como objeto de estudo a TV Globo, através da cobertura jornalística realizada pelo Jornal do Globo na Copa América de 2021, evento que a emissora não possuía os direitos de transmissão após décadas de quase monopólio sobre competições envolvendo a Seleção Brasileira. Para chegar aos resultados, foi desenvolvido um estudo sobre a construção do mito da Seleção Brasileira através dos esforços da TV Globo. Além disso, foi analisada a importância do Jornal da Globo como elemento de cobertura esportiva, além de um estudo comparativo de 73 edições do telejornal que foram ao ar durante a cobertura da Copa América de 2021, 2019 e 2016, comparando-as entre si. Como resultado, foi observado uma grande mudança na forma como a Seleção Brasileira e o torneio Sul-americano foram tratados pelo noticiário esportivo do telejornal, passando por reduções e omissões dos assuntos na pauta em detrimento de eventos que faziam parte do catálogo de direitos de transmissão da TV Globo, como a Eurocopa jogada em 2021.

**Palavras-chave:** Cobertura Jornalística Esportiva, Jornal da Globo, Seleção Brasileira, Direitos de Transmissão, Copa América

## ABSTRACT

This dissertation is a part of the research line “Journalism, Image and Entertainment” of the Graduate Program in Communication at Faculdade Cásper Líbero, and has the objective to study how broadcasting rights can influence journalistic coverage of sporting events, especially in press companies that have lost the rights to a competing broadcaster. That mean, how the company will make a coverage of the same event previously broadcasted on its news TV shows. It was developed a content analysis, having TV Globo as object of study, through the journalistic coverage by Jornal do Globo in the 2021 CONMEBOL Copa America, searching how TV Globo behaved in the first event after decades it did not have the broadcasting rights involving the Brazilian national team. To reach the results, it was developed a study about the construction of the myth of the Brazilian National Team through the efforts of TV Globo. In addition, the importance of Jornal da Globo as element of sports coverage it was analyzed, together with comparative study of 73 editions of the TV news aired during the coverage of the CONMEBOL Copa America in 2021, 2019 and 2016, comparing them with each other. As a result, a huge difference in the way how the Brazilian National Team and Copa America was found, make some reductions and omissions in the Copa America’s news on the detriment of events that were part of the broadcast rights catalog of TV Globo, like a UEFA Euro 2020, played in 2021.

**Keywords:** Sports News Coverage, Jornal da Globo, Brazilian National Team, Sports Broadcasting Rights, Copa America

## LISTA DE TABELAS

Quadro 1 – Gêneros e Formatos de classificação de conteúdo na cobertura jornalística da Copa América de 2021, 2019 e 2016.....	46
Quadro 2 – Subdivisão temporal da cobertura do Jornal da Globo sobre a Copa América de 2021.....	50
Quadro 3 – Primeira Etapa: Cobertura da definição do Brasil como país-sede da Copa América e da Seleção nas Eliminatórias da Copa do Mundo.....	55
Quadro 4 – Segunda Etapa: Primeira semana de cobertura da Copa América 2021 no Jornal da Globo (período Pré-Copa América).....	57
Quadro 5 – Segunda Etapa: Segunda semana de cobertura da Copa América 2021 no Jornal da Globo.....	61
Quadro 6 – Segunda Etapa: Terceira semana de cobertura da Copa América 2021 no Jornal da Globo.....	64
Quadro 7 – Segunda Etapa: Quarta semana de cobertura da Copa América 2021 no Jornal da Globo.....	68
Quadro 8 – Segunda Etapa: Quinta semana de cobertura da Copa América 2021 no Jornal da Globo.....	71
Quadro 9 – Segunda Etapa: Edição Pós-Copa América e Pós Eurocopa de 2021 no Jornal da Globo.....	72
Quadro 10 – Primeira semana da cobertura da Copa América 2019 no Jornal da Globo.....	76
Quadro 11 – Segunda semana da cobertura da Copa América 2019 no Jornal da Globo.....	76
Quadro 12 – Terceira semana da cobertura da Copa América 2019 no Jornal da Globo.....	76

Quadro 13 – Quarta semana da cobertura da Copa América 2019 no Jornal da Globo.....	77
Quadro 14 – Edição Pós-Copa América 2019 no Jornal da Globo.....	77
Quadro 15 – Primeira semana da cobertura da Copa América Centenário (2016) no Jornal da Globo.....	79
Quadro 16 – Segunda semana da cobertura da Copa América Centenário (2016) no Jornal da Globo.....	79
Quadro 17 – Terceira semana da cobertura da Copa América Centenário (2016) no Jornal da Globo.....	80
Quadro 18 – Quarta semana da cobertura da Copa América Centenário (2016) no Jornal da Globo.....	80
Quadro 19 – Edição Pós-Copa América Centenário (2016) no Jornal da Globo.....	80
Quadro 20 – Parâmetros de pontuação dos formatos de conteúdo jornalístico utilizados no método qualitativo.....	82
Quadro 21 – Comparativo quantitativo de formatos de conteúdo sobre a Seleção Brasileira utilizados nas coberturas da Copa América de 2021, 2019 e 2016 pelo Jornal da Globo.....	84
Quadro 22 – Comparativo quantitativo de formatos de conteúdo sobre a Copa América utilizados nas coberturas da Copa América de 2021, 2019 e 2016 pelo Jornal da Globo.....	85
Quadro 23 – Comparativo quantitativo de formatos de conteúdo sobre a Eurocopa utilizados nas coberturas de 2021 e 2016 pelo Jornal da Globo.....	87
Quadro 24 – Comparação de formatos de conteúdo do Jornal da Globo sobre a Copa América de 2021, 2019 e 2016 pelo método qualitativo de esforços/impactos de cobertura.....	90

Quadro 25 – Comparação de formatos de conteúdo do Jornal da Globo sobre a Seleção Brasileira na Copa América de 2021, 2019 e 2016 pelo método qualitativo de esforços/impactos de cobertura.....	92
Quadro 26 – Comparação de formatos de conteúdo do Jornal da Globo sobre a Seleção Brasileira em dias de jogos do Brasil na Copa América de 2021, 2019 e 2016 pelo método qualitativo de esforços/impactos de cobertura.....	93
Quadro 27 – Comparação de formatos de conteúdo do Jornal da Globo sobre a Seleção Brasileira em vésperas de jogos do Brasil na Copa América de 2021, 2019 e 2016 pelo método qualitativo de esforços/impactos de cobertura.....	94

## LISTA DE SIGLAS

AFC	<i>Asian Football Confederation</i> (Confederação Asiática de Futebol)
BOL	Boletim
CGESP	Central Globo de Esportes
CAR	Caricatura
CGJ	Central Globo de Jornalismo
CMT	Comentário
CONMEBOL	<i>Confederación Sudamericana de Fútbol</i> (Confederação Sul-Americana de Futebol)
CRO	Crônica
D&C	Dossiê e cronologia
ED	Editorial
ESC	Destaque da Escalada
ENQ	Enquete
ENT	Entrevista
ESPN	Entertainment and Sports Programming Network
FIFA	<i>Fédération Internationale de Football Association</i> (Federação Internacional de Futebol)
JG	Jornal da Globo
MM	Melhores Momentos
NTC	Nota Coberta
NTS	Nota Simples
PER	Perfil
REP	Reportagem
RES	Resenha
SBT	Sistema Brasileiro de Televisão
UEFA	<i>Union of European Football Associations</i> (União das Associações Europeias de Futebol)
VIVO	Link Ao Vivo

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	14
<b>2. A CONSTRUÇÃO DO MITO DA SELEÇÃO BRASILEIRA COMO PRODUTO DA TV GLOBO</b>	17
2.1. A formação da identidade da Seleção Brasileira no período pré-TV Globo	18
2.2. O Futebol na Globo e suas contribuições ao mito da seleção brasileira	23
2.2.1. Fabricando o som do mito: os temas da Seleção 25	
2.2.2. A voz do Brasil em decisões: A contribuição de Galvão Bueno para o mito	27
2.3. O esvaziamento da concorrência nas transmissões da seleção brasileira	29
2.4. Copa América e a tradição da TV Globo no evento	31
<b>3. A LINGUAGEM DO JORNAL DA GLOBO E SUA IMPORTÂNCIA COMO ELEMENTO DE COBERTURA ESPORTIVA</b>	35
3.1. História e transformações do formato do Jornal da Globo	36
3.2. Características da versão atual do Jornal da Globo	38
3.3. A ambientação de programa pós-jogo no Jornal da Globo	41
<b>4. A COBERTURA DA COPA AMÉRICA 2021 NO JORNAL DA GLOBO</b>	43
4.1. Metodologia de classificação de gênero e período de estudo: os critérios e métricas utilizados na análise de conteúdo da cobertura do Jornal da Globo na Copa América de 2021	44
4.2. Análise de conteúdo do Jornal da Globo na Cobertura da Copa América de 2021	50
4.2.1. Primeira etapa: Definição do Brasil como sede da Copa América e Seleção nas Eliminatórias da Copa do Mundo (31 de maio a 8 de junho de 2021)	51
4.2.1.1. Resumo da cobertura da definição do Brasil como sede da Copa América e da Seleção nas Eliminatórias da Copa do Mundo	54
4.2.2. Segunda Etapa: A cobertura do período Pré-Copa América, a Copa América 2021 e a superexposição da Eurocopa no Jornal da Globo	56
4.2.2.1. Primeira semana: Pré-Copa América (9 de junho a 11 de junho de 2021)	56
4.2.2.1.1. Resumo da primeira semana de cobertura da Copa América (período Pré-Copa América)	57
4.2.2.2. Segunda semana: primeiras rodadas da Copa América e Eurocopa (14 de junho a 18 de junho de 2021)	58
4.2.2.2.1. Resumo da segunda semana de cobertura da Copa América (rodadas 1 e 2)	60
4.2.2.3. Terceira semana: 3ª rodada da Copa América e definição dos classificados para as oitavas de final da Eurocopa (21 de junho a 25 de junho de 2021)	61
4.2.2.3.1. Resumo da terceira semana de cobertura da Copa América	64
4.2.2.4. Quarta semana: Quartas-de-final da Copa América e Oitavas e Quartas-de-Final da Eurocopa (28 de junho a 1 de julho de 2021)	64

4.2.2.4.1. Resumo da análise da quarta semana da Copa América (28 de junho a 1 de julho de 2021)	67
4.2.2.5. Quinta semana: Semifinais da Copa América e Eurocopa, e expectativas para a final das duas competições (5 de julho a 9 de julho de 2021)	68
4.2.2.5.1. Resumo da análise da quinta semana (5 de julho a 9 de julho de 2021)	71
4.2.2.6. A edição pós-Copa América e pós-Eurocopa de 2021 no Jornal da Globo	72
<b>5. COMPARAÇÕES DE COBERTURA JORNALÍSTICA: AS DIFERENÇAS DE ABORDAGEM SOBRE A COPA AMÉRICA E A SELEÇÃO BRASILEIRA NA PAUTA DO JORNAL DA GLOBO NAS EDIÇÕES DE 2021, 2019 E 2016</b>	<b>74</b>
5.1. Resumo da cobertura da Copa América 2019 no Jornal da Globo	75
5.2. Resumo da cobertura da Copa América de 2016 no Jornal da Globo	78
5.3. Metodologia de comparação: critérios e parâmetros utilizados para estabelecer valores de diferenciação de conteúdo jornalístico das coberturas de 2021, 2019 e 2016	81
5.4. Comparações quantitativas: o contraste das coberturas da Copa América de 2021, 2019 e 2016 pela quantidade de conteúdos exibidos no Jornal da Globo	84
5.5. Comparações Qualitativas: o contraste das coberturas da Copa América de 2021, 2019 e 2016 pelas classificações de esforços/impactos de cobertura no Jornal da Globo	89
5.5.1. Analisando de forma qualitativa os esforços de cobertura da Copa América de 2021, 2019 e 2016	89
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>96</b>
<b>7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>99</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Se o “futebol é o código comum que nos une como brasileiros” (DA MATTA, 2014), a Seleção Brasileira<sup>1</sup> é um dos grandes instrumentos desta união. Dentro da mitologia de “país do futebol”, a Seleção é alicerce da narrativa, sendo um objeto de representatividade do que é o nosso orgulho como nação, principalmente pelos seus símbolos, como a camisa verde e amarela. Se “a seleção é a pátria em calções e chuteiras”, como definiu Nelson Rodrigues em 1976, parte das simbologias que compõe o mito da Seleção Brasileira foram construídas através do interesse público sobre o futebol da Seleção.

Assim, a cobertura da mídia sobre a Seleção ajudou na construção do mito através de símbolos e reprodução das conquistas alcançadas por ela, sendo uma parcela desta construção desenvolvida pela emissora que deteve um “quase monopólio” sobre seus direitos de transmissão pelas últimas décadas. Parceira histórica, a TV Globo é sinônimo de Seleção. Se há um jogo do Brasil na televisão hoje, a maioria tende a imaginar que passará na TV Globo.

Contudo, em 2021, quem buscou assistir a Seleção Brasileira na 47ª edição da Copa América, não sintonizou no canal de costume. Pela primeira vez, desde de que a competição passou a receber esta nomenclatura em 1975 (chamada entre 1916 e 1967 de Campeonato Sul-Americano de Futebol), a TV Globo não conseguiu adquirir os direitos de transmissão da Copa América, e perdeu o evento para o Sistema Brasileiro de Televisão (SBT). Desta forma, uma concorrente da TV Globo transmitiu os jogos da Seleção Brasileira de forma exclusiva em um campeonato disputado pelos principais craques do Brasil. A Globo passou a ter que realizar uma cobertura sem ter os direitos de transmissão, algo raro desde que a emissora passou a ser o principal grupo de comunicação do país e praticamente inédito para um evento importante do calendário da Seleção principal.

Levando em conta essas características, esta pesquisa tem como tema a cobertura jornalística do Grupo Globo na Copa América de 2021, tendo como objeto o Jornal da Globo (JG), observando a forma de abordagem referente a competição, com foco na participação da Seleção Brasileira no evento. O estudo propõe analisar e comparar a maneira como as informações foram exibidas pelo telejornal, o primeiro a ir ao ar logo após os jogos, tendo, portanto, uma função importante na construção da cobertura jornalística do evento. A intenção é analisar a

---

<sup>1</sup> Por predileção do pesquisador, Seleção Brasileira será sempre grafado com as primeiras letras “S” e “B” maiúsculas, seguindo assim o mesmo padrão proposto pelo Manual de Redação e Estilo do Diário Lance! (LANCE, 2008, p.81)

forma como a TV Globo tratou a cobertura do evento e compará-la com as duas coberturas anteriores, realizadas nas edições de 2019 e 2016.

Observando os conteúdos produzidos pelo Jornal da Globo na cobertura das edições recentes da Copa América, sobretudo no que envolve a Seleção Brasileira, a pergunta-chave que orienta esse trabalho é: Como o Jornal da Globo realizou a cobertura da Seleção Brasileira na Copa América em 2021, em relação às coberturas de 2016 e 2019, quando possuía os direitos de transmissão do evento?

Para alcançar a resposta do problema de pesquisa, este estudo buscou verificar por meio de abordagem quantitativa e qualitativa, a maneira como a Copa América e a Seleção Brasileira foram abordadas na pauta do telejornal nestes três diferentes anos, através de análise de conteúdo da cobertura feito pelo Jornal da Globo, inspirada no método proposto por Itania Maria Mota Gomes, envolvendo 31 edições de 2021, 21 edições de 2019 e também 21 edições de 2016, em períodos delimitados pela pré-cobertura, cobertura e pós-cobertura do evento.

Como categorias de análise, considerou-se a utilização de gêneros e formatos jornalísticos relacionados a Copa América e a Seleção, mensurando também o tempo de exibição de assuntos ligados aos temas, tempo e proporção do noticiário esportivo em relação a íntegra da edição que está disponibilizada no acervo do Jornal da Globo na plataforma Globoplay. A partir de critérios ligados a complexidade da produção jornalística e ao destaque dos conteúdos no contexto do telejornal G, foi devolvida uma metodologia de análise baseado num sistema de valores e pesos atribuídos para cada tipo de gênero/formato. A soma das modalidades de conteúdo telejornalístico determina o tamanho do esforço de cobertura e o seu destaque, podendo assim comparar diferentes coberturas da Copa América pelo JG.

Para referenciar o desenvolvimento da pesquisa, foram utilizados autores da área da comunicação e outros das ciências sociais, sobretudo do campo sociológico e dos estudos teóricos e aplicados de comunicação, com foco no jornalismo. No campo da sociologia, a pesquisa foi orientada por pensadores franceses como Pierre Bourdieu e Roland Barthes. A parte histórica envolvendo imprensa e Seleção é referenciada por Alberto Léo (2017) e Paulo Vinícius Coelho (2003). Na relação do jornalismo e as lógicas de mercado, foram aplicados conceitos desenvolvidos por Ciro Marcondes Filho e Cremilda Medina. Por fim, também suportam a análise de conteúdo Itania Maria Mota Gomes, Nelson Traquina, José Marques de Melo e Ana Carolina Temer.

No primeiro capítulo deste estudo, será apresentada a forma como foi construído o mito da Seleção Brasileira, destacando as contribuições da TV Globo como arquiteta deste mito, observando suas contribuições nas simbologias e signos. Para chegarmos ao que conhecemos como os valores dessa mitologia, serão apresentados os símbolos que foram adicionados antes da TV Globo atuar como agente construtor do mito.

No segundo capítulo é apresentado um estudo de formato sobre o Jornal da Globo, que serve como o objeto desta pesquisa. O objetivo deste capítulo é apresentar a importância do JG como elemento de cobertura esportiva, levando em conta a sua posição na grade de programação da emissora. Foi desenvolvido uma análise que permitiu apontar quais são as principais características do telejornal, além da sua linguagem e sua diferenciação dos demais telejornais da emissora, incluindo também o histórico do JG e suas transformações ao longo das décadas.

No terceiro capítulo são inseridos os primeiros resultados da etapa analítica com relação a cobertura do Jornal da Globo na Copa América de 2021. Nesta etapa, foram analisadas e descritas as edições do período de 44 dias, delimitados como o período de cobertura do evento, que incluíram 31 edições do telejornal, com enfoque na composição do noticiário esportivo. Além da Copa América, é observada a abordagem da TV Globo em relação a Eurocopa, que teve presença constante na pauta do telejornal. Por fim, foram comparadas as duas etapas diferentes da cobertura, levando em conta o momento que a Seleção Brasileira realizou dois jogos pelas Eliminatórias da Copa do Mundo, competição que a TV Globo detinha os direitos de transmissão, e o momento que o JG cobre apenas a Copa América, sem os direitos de transmissão.

No quarto e último capítulo, são descritas e contabilizadas de forma quantitativa e qualitativa as coberturas da TV Globo nas edições da Copa América de 2019 e 2016, períodos em que a emissora possuía direitos de transmissão do evento. Após o levantamento de 42 edições, são realizadas comparações quantitativas e qualitativas dos conteúdos, gêneros e formatos exibidos nas coberturas de 2021, 2019 e 2016, observando a forma e a frequência que os assuntos sobre a Seleção Brasileira, a Copa América e a Eurocopa foram abordados pelo telejornal.

## **2. A CONSTRUÇÃO DO MITO DA SELEÇÃO BRASILEIRA COMO PRODUTO DA TV GLOBO**

Neste primeiro capítulo desta dissertação discutiremos os símbolos e as transformações que são o primeiro passo para entender a construção do mito da Seleção Brasileira pelos olhos da Globo, observando em que ponto estava o mito do futebol e da seleção antes de ser um produto sinônimo da TV Globo. Desta forma, poderemos entender as transformações que vieram das mãos da emissora nos valores, signos e símbolos da mitologia que envolve o futebol do Brasil.

O conceito de mitologia para essa análise será o orientado pelo pensamento do francês Roland Barthes (1915-1980), através da sua obra *Mitologias*, de 1956. Para Barthes (2001), o mito não é um objeto, não é algo físico. O mito é uma mensagem atribuída ao objeto. Portanto, a Seleção não é um mito pelos seus jogadores ou pela sua história. A construção do mito é um discurso, ou uma fala projetada, que foi desenvolvida através dos tempos como uma atribuição à Seleção Brasileira.

Já que o mito é uma fala, tudo pode constituir um mito, desde que seja suscetível de ser julgado por um discurso. O mito não se define pelo objeto da sua mensagem, mas pela maneira como a profere. Logo, tudo pode ser mito? Sim, julgo que sim, pois o universo é infinitamente sugestivo. Cada objeto do mundo pode passar de uma existência fechada, muda, a um estado oral, aberto à apropriação da sociedade, pois nenhuma lei, natural ou não, pode impedir-nos de falar das coisas. (BARTHES, 2001 p.131)

Como descrito por Barthes, o conceito não permite, portanto, o entendimento que o mito atribuído a Seleção tenha sua construção controlada por um único ser ou instituição. Seria ilusório imaginar que, conhecendo a popularidade e a permeabilidade do futebol em todas as camadas da sociedade brasileira, que tal imagem pudesse ser centralizada por apenas uma corrente de pensamento. É de se imaginar que muitos farão parte da construção do mito do futebol brasileiro e da seleção nacional, sobretudo os que detém exclusividade sobre as transmissões em veículos de massa: a mídia falada, escrita, e aquela que possui a condição de levar aos olhos do torcedor as imagens de um jogo mesmo que ele não esteja no estádio, a televisão. Contudo, não se deve esquecer da importância do torcedor na construção desse mito, já que é para ele que a imprensa irá dirigir seu conteúdo, e é ele quem vai aceitar os valores, perpetuar os símbolos e ajudar a difundir o mito através da paixão.

De lá pra cá, o futebol tornou-se não só o esporte mais popular do país, como também passou a ser motivo de integração e orgulho nacional. A presença da Seleção em campo faz o caldeirão politeísta brasileiro transformar-se em uma fé monoteísta - a fé de que o Brasil irá vencer dentro de campo, numa projeção do que desejamos para nosso país também em outras esferas. (SIROTSKY, 2014, p.14)

Contudo, como já observado, a fala sobre o mito está sujeita a mudanças, substituições de símbolos, ou até mesmo o esquecimento. “Não existe, evidentemente, uma manifestação simultânea de todos os mitos: certos objetos permanecem cativos da linguagem mítica durante um certo tempo, depois desaparecem, outros substituem-no, acedendo o mito” (BARTHES, 2001 p. 132). Desta forma, o mito da seleção brasileira nos dias de hoje não possui o mesmo significado que possuía há mais de um século. O mito não é uma mensagem intocável. A fala se transforma conforme o passar dos anos, mantendo significados, é claro, mas também perdendo.

Assim, para entendermos essas transformações, e principalmente o que se pode atribuir à TV Globo na arquitetura dessas mitologias, primeiro é preciso entender o estado do mito da Seleção antes da Globo surgir como um canal de televisão, e antes dela começar a construir e atribuir símbolos ao que significa a Seleção Brasileira.

### **2.1. A formação da identidade da Seleção Brasileira no período pré-TV Globo**

O futebol chegou ao Brasil ainda no século XIX, e teve suas primeiras competições disputadas entre os anos 1890 e 1900, mas não teve uma organização de um selecionado com os jogadores de elite do futebol nacional até 1914, quando, em 21 de julho, o nosso primeiro registro de Seleção Brasileira realizaria no Estádio das Laranjeiras um amistoso contra o clube inglês Exeter City. Aliás, mesmo com o futebol ganhando terreno em setores da sociedade no início do século passado, demorou a aparecer uma instituição nacional para cuidar do futebol brasileiro se comparado aos vizinhos sul-americanos. Federação nacionais apareceram na Argentina (1893), Chile (1895), Uruguai (1900) e Paraguai (1906) muito antes do Brasil.

O atraso foi recuperado em pouco tempo, já que em 1919, o Brasil venceria o Campeonato Sul-Americano de Futebol (atual nome da Copa América) em casa, repetindo o feito na década seguinte. A conquista da Copa América de 1919 marca inclusive a aproximação do futebol com a imprensa, com espaços maiores nos jornais à medida que a Seleção foi avançando no torneio. Mas ainda demorou até a década de 1930 para que a cobertura esportiva passasse a encarar o futebol como um produto a ser explorado e difundido para as massas.

Até o começo dos anos 1930, a cobertura jornalística do futebol era restrita, quase marginal e insossa. O jornalista pernambucano Mário Filho [1908–1966], um dos precursores dessa popularização, seria um dos primeiros responsáveis pela colocação do futebol nas primeiras páginas dos jornais no final dos anos 1920. Ele traria uma linguagem mais elegante e acessível para a crônica esportiva. (SCHWOB, 2019, pos.50)

Assim como Schwob (2019), Paulo Vinicius Coelho (2021) também define que o futebol já era o esporte nacional após as duas conquistas sul-americanas, mas ainda recebia pouco espaço na mídia na era pré-profissionalização. A partir do surgimento da estrutura profissional, com clubes pagando salários aos atletas e com o objetivo de tornar o produto rentável no meio da década de 1930, a mídia passou a se aproximar mais da cobertura, e posteriormente, passou a romantizar o esporte através de seus cronistas. Daí, a partir desses relatos, do aumento de exposição, e das conquistas sul-americanas é que irá surgir a romantização do mito da seleção brasileira, e da cultura de “país do futebol”. Entre as transformações da década, a consolidação do rádio como veículo de transmissões esportivas seria fundamental para o maior alcance da Seleção na sociedade da época.

A criação de mitos e heróis pelo rádio esportivo, e posteriormente pela imprensa em geral, ajudou a formatar o caráter nacionalista e épico atribuído ao futebol. A seleção brasileira começava a representar a pátria, e o futebol, em geral, era uma robusta manifestação de brasilidade. A união desses dois fenômenos da história brasileira – o futebol, que mobilizava a massa de brasileiros cada vez mais urbanos, e o rádio, que cumpria o papel de levar a essa massa todo tipo de informação e entretenimento, ao vivo e com emoção – gerou enormes possibilidades políticas, como Getúlio, com sua impressionante capacidade de adaptação, não tardou a perceber. (GUTERMAN, 2009, pos.994)

A política nacionalista de Vargas pode ter ajudado na construção do mito da seleção, sobretudo na busca de uma unificação do país sob o mesmo objeto de identificação: o orgulho da nossa Seleção, sobretudo como nossa propaganda diante das outras nações estrangeiras. E foi ali, também na década de 1930, que surgiu uma nova competição que colocava países do mundo frente a frente, e que se tornaria um dos símbolos de desejo do brasileiro ao longo de décadas: a Copa do Mundo.

A obsessão pela conquista em Copas do Mundo é algo que faz parte do mito da seleção brasileira, e atravessa décadas de desejo, mesmo em sociedades completamente diferentes. O que o torcedor brasileiro dos anos 1950 tem em comum com o dos anos 1990 é a obsessão pela conquista do mundo, que acabou em ambos os casos por ser alcançada dentro da década, mas também a dramática e traumática derrota no jogo derradeiro, após ter chegado muito perto do título mundial.

A fixação pela conquista em Copas do Mundo pode ter nascido inclusive nos anos 50. Com a expansão do futebol na cultura brasileira, e com a escolha do Brasil como sede da Copa do Mundo de 1950, houve a primeira grande explosão da cobiça pelo troféu Jules Rimet. O orgulho brasileiro passava pela conquista do Campeonato Sul-americano de 1949, em casa, e com construção do até então maior estádio do mundo para sediar o evento: o Maracanã, que viria a se tornar parte do mito da seleção, como aquele que é o seu templo, o seu grande palco.

A expectativa pela conquista foi aumentando a medida que a atuação brasileira passou a ser cada vez mais espetacularizada, sobretudo nas goleadas na fase final por 7x1 contra a Suécia e 6x1 contra Espanha. A grande espetacularização em clima de “já ganhou” pelo ufanismo de parte da mídia às vésperas do jogo contra o Uruguai acabou por elevar o fracasso no jogo derradeiro como um dos maiores traumas já vividos dentro da autoestima do futebol brasileiro: o Maracanaço. A origem do termo é tão vívida dentro da uma sociedade que, apesar de não ser contemporânea ao evento, criou 64 anos depois um apelido para outra derrota, se inspirando no drama de 1950. Após perder por 7 a 1 para Alemanha no Mineirão nas semifinais da Copa de 2014, o episódio acabou por ser chamado por “Mineiraço” – e a perpetuação do “7 a 1” se tornou uma expressão para definir qualquer tipo de fracasso acachapante no vocabulário do brasileiro.

A Seleção encarnava o Brasil. O Brasil eram todos. E o melhor futebol do mundo era o nosso. Assim, tomando ao pé-da-letra algumas metáforas, os brasileiros se identificaram com o escrete e equacionaram este com a nação. O Seleccionado era a Mãe-Pátria de calções e chuteiras. E, então, quando o Brasil perdeu, todos choraram, mortos de tristeza. (DA MATTA, 1982, p. )

O trauma foi tão grande que alguns símbolos foram abandonados, considerados como azarados. É o caso da camisa da Seleção. O uniforme símbolo do mito da seleção brasileira era a camisa branca, que acabou por ser substituída em 1953 pela amarela que conhecemos hoje (YELLOW, 2014, p.22).

Outros foram condenados como vilões, como o caso do goleiro Barbosa, que recebeu o estigma de culpado por décadas no mito da seleção, algo que foi revertido posteriormente, e que hoje já é revisto como uma injustiça histórica. Fato é que, daquele time até a Copa do Mundo de 1954, 15 dos 22 jogadores de 1950 seriam substituídos. Nos 60 anos seguintes, o Brasil nunca mais realizaria uma troca tão radical entre um ciclo e outro (BRUM, 2014, p.797). Houve, portanto, uma espécie de condenação aos personagens da derrota.

O Maracanã também foi considerado parte do trauma, tanto que demorou anos para ser desvinculado da imagem de campo quase “amaldiçoado” para a Seleção. Os clubes voltaram a jogar no estádio logo na semana seguinte da Copa, mas a seleção tardou a pisar novamente no palco da derrota de 1950.

Se no futuro ele viria a ser palco de muitos triunfos, embora sempre menores do que aquele sonhado em 50, o estigma da derrota permaneceu nos tempos iniciais. O Brasil tardou a atuar outra vez no Rio de Janeiro. Nos anos três anos seguintes, a Seleção jogou 14 partidas pelo continente. Enfrentou equipes diferentes no Chile, no Peru e no Paraguai. No Maracanã, porém, só voltou a pisar no início de 1954. (BRUM, 2014, pos.804)

As ressignificações vistas após 1950 fazem parte da construção do mito na lógica barthesiana. Como vimos no caso de Maracanço e Mineiraço, criar palavras para atribuir um significado com elo marcante, elevar heróis ao patamar de vilões, e substituir símbolos fazem parte da mutabilidade do mito.

Não existe nenhuma rigidez nos conceitos míticos: podem construir-se, alterar-se, desfazer-se, desaparecer completamente. E é precisamente porque são históricos que a história pode facilmente suprimi-los. Esta instabilidade obriga o mitólogo a ter uma terminologia adaptada, sobre a qual gostaria de dizer algumas palavras, já que muitas vezes ela suscita a ironia: trata-se do neologismo. O conceito é um elemento constituinte do mito: se pretendo decifrar mitos, é necessário que possa nomear conceitos. (BARTHES, 2001 p.142)

Voltando a trajetória dos anos de 1950 como fundamentais para o entendimento da obsessão brasileira por Copas, oito anos mais tarde viria o evento que acabou por ser importantíssimo para tal fixação: o sabor da vitória na conquista de 1958, na Copa do Mundo da Suécia, e o fim do complexo de vira-lata estigmatizado após a derrota em 1950, como descreveu Nelson Rodrigues logo após a vitória em crônica de 1962 compilada no livro “A Pátria de Chuteiras”:

O triunfo, na Suécia, em 58, foi para nós tão importante como a Primeira Missa. Começava o Brasil. Nós nos inaugurávamos. Tudo o que ficava para trás era o pré-Brasil. E basta comparar. Até 58, o brasileiro não ganhava nem cuspe à distância. O sujeito dormia enrolado na derrota como num cobertor. Ninguém acreditava no Brasil, nem o Brasil acreditava em si mesmo. (RODRIGUES, 2015, p.140)

Surge nesta conquista inclusive a figura de um herói, e o surgimento do maior herói do mito da seleção brasileira: Rei Pelé. É claro que os feitos do eterno camisa 10 da Seleção tem sua parte importante como figura lendária no mito do futebol como um todo, mas é no mito da seleção brasileira que atribuímos a ele valores que carregam um peso maior do que o mito do futebol, considerando-o “rei do futebol”, acima portanto, de qualquer outro que tenha jogado o esporte.

A exaltação constante a suas qualidades o tornam uma figura quase dotada de superpoderes, que jamais poderá ser alcançada por nenhum atleta que venha a aparecer no esporte. Tal valor é parte do mito do futebol em muitas regiões do mundo aonde o Brasil é valorizado como uma superpotência. Contudo, o mesmo valor mitológico que o brasileiro tem por Pelé não é o mesmo que o argentino tem, por exemplo. O mito do futebol pelo viés argentino tende a exaltar Diego Maradona como essa figura; o mito francês tende a exaltar Zidane e Platini; o mito português, Eusébio e Cristiano Ronaldo; o holandês, Johan Crujff, e por assim vai. Fato é que se pode até atribuir a Pelé dentro dessas culturas o status de maior figura, mas é difícil que apaixonados de outras nações, que tem seus heróis, acabem por ter a mesma visão de idolatria que o brasileiro possui. Isso porque cada um tende a enxergar um valor diferente sobre a figura mitológica.

O mito é um valor, não tem a verdade como sanção: nada o impede de ser um perpétuo álibi: basta que o seu significante tenha duas faces para dispor sempre de um “outro lado”: o sentido existe sempre para apresentar a forma; a forma existe sempre para distanciar o sentido (...) Do mesmo modo, se estou num automóvel e olho a paisagem ou a vidraça: ora me aperceberei da presença do vidro e da distância da paisagem; ora, pelo contrário, da transparência do vidro e da profundidade da paisagem; mas o resultado desta alternância será contrastante: a vidraça estará para mim simultaneamente presente e vazia, a paisagem simultaneamente irreal e plena. (BARTHES, 2001 p. 144)

Naquela Copa de 1958 ainda surgiria um símbolo das conquistas esportivas, que é executado em todas as demais conquistas: erguer a taça. Após a vitória contra a Suécia na final, em meio ao concorrido trabalho da imprensa para conseguir um registro de Bellini, capitão daquele time, surgiu o simbólico ato, que se tornou uma figura de linguagem para definir a conquista de um campeonato.

Até aquele tempo, o gesto usual do esportista, em qualquer modalidade, era exibir o troféu na altura do peito. Mas, naquele dia era muita gente em torno do jogador. Os fotógrafos mais altos e mais próximos estavam em vantagem, até que os profissionais Jader Neves (Manchete) e Luiz Carlos Barreto (O Cruzeiro), em dificuldades para realizar uma boa foto, gritaram para o capitão do time: “Bellini, levanta a taça!”. E Bellini ergueu-a num gesto novo e inusitado, permitindo que todos fotografassem o craque com a taça, num ângulo muito próprio e favorável. E de uma forma que seria eternizada, não só no futebol, mas em todos os esportes. (SCHWOB, 2019, pos.1429)

O gesto de Bellini transcenderia o mito da seleção brasileira e se tornaria um signo da conquista no futebol. Todas as demais conquistas brasileiras terminariam com a representação do mesmo símbolo. Os grandes campeonatos de futebol do mundo, seja de seleções ou de clubes, acabaria por criar uma espetacularização do gesto, que é acompanhado de artifícios visuais e sonoros

para engrandecer o momento. Canhões de papéis picados, fogos de artifícios, e músicas especiais são acionados assim que a taça é levantada.

A figura da Taça Jules Rimet levantada por Bellini ainda inspiraria uma canção que faz parte dos símbolos da seleção brasileira, e um dos primeiros hinos informais relacionados ao mito. A canção “A Taça do Mundo é Nossa” se tornou rapidamente popular pela exaltação à conquista de 1958, e revivida em 1962 após a conquista do bicampeonato no Chile. Os compositores Wagner Maugeri, Lauro Müller, Maugeri Sobrinho e Victor Dagô simplificaram em duas estrofes e nove versos a conquista brasileira, lançando uma canção que em figuras de linguagem resumem a conquista brasileira e estereótipos presentes na nossa cultura: “O brasileiro lá no estrangeiro / Mostrou o futebol como é que é / Ganhou a taça do mundo / Sambando com a bola no pé / A taça do mundo é nossa / Com brasileiro não há quem possa”.

Nas conquistas de 1958, apesar de muitos terem cravado na memória o gol antológico de Pelé após aplicar um chapéu no defensor sueco, não houve a transmissão de imagens ao vivo das partidas. A televisão já era um veículo que passava jogos de futebol no Brasil, mas ainda não possuía a capacidade de fazer as imagens cruzarem o Oceano Atlântico. Os jogos eram transmitidos pelo rádio, com algumas pequenas tentativas de inovação na televisão, como a de utilizar o som da transmissão do rádio como fonte preliminar da informação, e a imagem da TV como algo secundário, mostrando torcedores ou anunciantes (Léo, 2017). Os jogos das copas eram transmitidos em VTs dias depois, por mais que a tecnologia tentasse levar de maneira rápida imagens dos jogos para o público brasileiro.

Às 21 horas daquele domingo, na TV Tupi, o tradicional prefixo musical anunciava uma edição extraordinária do Repórter Esso. Os telespectadores puderam ver as primeiras imagens da grande vitória da Seleção. Eram duas radiofotos sensacionais feitas durante o jogo. A primeira mostrava o gol que abriu o placar, feito por Vavá, logo aos dois minutos de jogo. A bola estava na rede e o goleiro Yaschin, inteiramente batido. Na outra radiofoto, uma jogada de Garrincha, o destaque da partida, marcado por dois zagueiros soviéticos. (LÉO, 2017 p.43)

Mesmo com a televisão tentando desenvolver formas mais rápidas de exibir esses VTs, o rádio ficou elevado ao protagonismo das transmissões até a Copa de 1970, quando pela primeira vez o brasileiro teria como assistir aos jogos ao vivo do mundial. E é nesse momento que a TV Globo aparece como uma das protagonistas, contribuindo para a construção de novos símbolos da seleção.

## **2.2. O Futebol na Globo e suas contribuições ao mito da seleção brasileira**

Como a história conta, a TV Globo não foi a primeiro canal de televisão a surgir no Brasil, e nem mesmo chegou perto de ser pioneira em transmissões esportivas. Nos seus primeiros anos inclusive, a TV Globo chegou a classificar o futebol e as transmissões esportivas como um produto pouco interessante, como destacou Luciano do Valle em depoimento a Alberto Léo na obra “História do jornalismo esportivo na TV brasileira”, de 2017.

Eu já tinha feito Pan-Americano para a rádio, eu já tinha feito um monte de transmissões. (...) Mas há muita responsabilidade. A responsabilidade a que me refiro são as repercussões dentro da própria emissora. A Globo tinha uma tradição de jornalismo, de novelas, de shows, não de esporte.” (LÉO, 2017 p. 155)

A pouca tradição em transmissões esportivas acabou por forçar a Globo a adaptar recursos de outras mídias para sua identidade na TV. Nesse período de consolidação do seu estilo próprio, foi criada o mais popular símbolo da TV Globo para o mito da Seleção. Não seria uma criação primariamente televisiva, mas sim de uma obra radiofônica, onde o conglomerado de Roberto Marinho já possuía uma expertise e tradição em transmissões esportivas. Coube a TV realizar a adaptação para o uso de uma vinheta que consolidaria um marcante símbolo do mito da Seleção: o famoso “Barsi-sil-sil”, eternizado pela locução de Edmo Zarife, e que foi criada há quase 60 anos para a Rádio Globo no Rio de Janeiro, e adaptada para a televisão pouco depois (BOCKEL E PIERRE, 2018). Da Copa de 1974 para cá, ela é um símbolo exclusivo da TV Globo e que continua como o sinônimo de um grande feito do Brasil. Ela é uma pontuação sonora em cima de uma imagem que exalte uma grande jogada, um gol, ou algum momento chave da partida.

A vinheta “Brasil-sil-sil” é uma espécie de validação de algo notável realizado por algum jogador em campo, que soa como um grito de “bravo” por um personagem que até então não estava presente na mensagem. A voz da vinheta não é a de nenhum dos emissores que estão ao vivo na transmissão. Ela chega ao receptor como a participação estética de um terceiro elemento, entrando no ar sem que algum outro participante da conversa tenha solicitado. Para o telespectador é algo espontâneo, quase lúdico, mas tecnicamente a vinheta foi acionada por um profissional que está nos bastidores da transmissão, e que precisa ser cirúrgico para não banalizá-la.

Não importa qual seja o narrador, comentarista ou profissional envolvido na transmissão, a voz da vinheta “Brasil-si-sil” é uma conexão lúdica que a Globo apresenta no seu produto esportivo há seis décadas, sendo que o autor da voz que vai ao ar é a de alguém que já morreu há mais de

duas décadas. Zarife continua participando do mito e da transmissão, mesmo que ele tenha falecido em 1999.

É uma das simbologias mais fortes que envolvem a Seleção Brasileira, mesmo que não seja um símbolo exclusivo do futebol da Seleção Brasileira. A vinheta também faz parte da construção da narrativa que é contada pela TV Globo em outros grandes eventos esportivos, como os Jogos Olímpicos. É possível ouvir a vinheta como a validação de uma grande conquista em todos os principais eventos que o Brasil seja o vencedor.

### **2.2.1. Fabricando o som do mito: os temas da Seleção**

Quase 15 anos antes da Globo realizar sua primeira transmissão, a TV chegava ao Brasil como veículo revolucionário, com inúmeras oportunidades de produtos inexplorados, entre eles a transmissão das imagens de um jogo de futebol para o público além das arquibancadas de um estádio. E em 1970, pela primeira vez a arquibancada viria de tão longe, com a Copa do Mundo sendo levada para a casa de cada brasileiro que possuía um televisor, com transmissões através de um pool de quatro emissoras que passaram os jogos ao vivo da Copa do Mundo no México de maneira conjunta. Dentre elas estava a TV Globo, que aponta em seus arquivos o sucesso da competição como produto de televisão:

A notícia de que os jogos seriam exibidos ao vivo pela televisão provocou uma corrida às lojas de eletrodomésticos, que venderam milhares de televisores nos meses que antecederam a Copa. Durante as transmissões dos jogos e boletins, a TV Globo alcançou altos níveis de audiência. O jogo contra a Inglaterra, por exemplo, exibido em 7 de junho, teve índices mais altos do que a transmissão da chegada do homem à Lua, ocorrida no ano anterior (MEMÓRIA GLOBO).<sup>2</sup>

Para a abertura das transmissões foi ao ar uma canção escolhida em um concurso realizado previamente, que sonorizava a vinheta de abertura que servia para unificar as emissoras dos Diários Associados (TV Tupi), Rede Globo de Televisão e Rede de Emissoras Independentes (TV Bandeirantes e TV Record). O tema composto por Miguel Gustavo abria o que era chamado de “minuto zero” da transmissão, e apresentava os anunciantes Esso, Gillette e Souza Cruz. Embalando os primeiros instantes dos esperados jogos ao vivo da Seleção Brasileira, “Pra

---

<sup>2</sup> MEMÓRIA GLOBO. Copa do Mundo do México – 1970: Transmissão e Cobertura. Disponível em <<https://memoriaglobo.globo.com/esporte/busca/copa-do-mundo-do-mexico-1970/transmissao-e-cobertura/3306022/>>. Acesso em 23 nov. 2021.

frente Brasil” acabou por se tornar o símbolo maior da conquista do tricampeonato mundial, e se tornar um dos hinos ufanistas que exaltavam o nacionalismo e os valores do Brasil.

A marcha que mostrava o tamanho da torcida dos “90 milhões em ação” fez sucesso já durante a Copa do Mundo. O terceiro título brasileiro – e a maneira apoteótica com que foi ganho – só petrificou “Pra frente Brasil” como um símbolo musical não só da Copa de 1970, mas também daquele momento da sociedade brasileira (para o bem e para o mal). (SOUZA, 2018)<sup>3</sup>

O que Souza se refere como “bem” e “mal” são as ressignificações atribuídas a canção pelo regime militar na época. Pegando carona no sucesso e na conquista de 1970, o governo militar se apropriou do até então hino de exaltação ao futebol da seleção, e passou a utilizá-lo como símbolo do próprio regime. “Algumas canções da mesma época foram apropriadas pelo governo militar, é o caso de Pra Frente Brasil, outras foram apenas admiradas por ele, e algumas simplesmente foram cantadas por um povo que desejava o mais rápido possível se tornar realmente a nação que se cantava (MORAIS e PANIAGO, 2014, p.12).”

A Globo chegou a utilizar a versão instrumental da composição até 1982, mas possivelmente tentando se desvincular de qualquer símbolo do regime militar, acabou por aposentar o tema na Copa seguinte.

A emissora iniciou aí uma tradição em desenvolvimento de temas musicais que embalam o período que antecede a realização de Copas do Mundo. Em 1986, a emissora lançou o samba “Mexê Coração” como tema musical da Copa, e em 1990 acabou por tentar vincular “Papa essa Brasil” como símbolo da seleção, mas nenhuma das duas canções acabou por atravessar os anos como parte do mito, assim como “Pra Frente Brasil” e “A Taça do Mundo é Nossa”.

Porém, em 1993, a Globo conseguiria vincular o mais longo símbolo do mito da seleção brasileira que tenha derivado de uma canção própria, com “Coração Verde e Amarelo”, de autoria de Tavito e Aldir Blanc. É muito provável que um telespectador não consiga atribuir ao título da obra o seu significado, já que pelo nome atribuído a música que a Globo promoveu para a Copa de 1994 não ficou popular, mas é através dos versos “Eu sei que vou, vou do jeito que eu sei / De gol em gol, Com direito a “replay” / Eu sei que vou, Com o coração batendo a mil / É taça na raça, Brasil” que o público que assistiu futebol na década de 1990 identifica um dos símbolos que até hoje fazem parte do mito da seleção.

---

<sup>3</sup> SOUZA, Felipe dos Santos. Matéria publicada em 23 abr. 2018. “Cantando na Copa (II): no Brasil, muitas canções, poucas marcantes”. Disponível em: <[www.trivela.com.br/copa-do-mundo/cantando-na-copa-ii-no-brasil-muitas-cancoes-poucas-marcantes/](http://www.trivela.com.br/copa-do-mundo/cantando-na-copa-ii-no-brasil-muitas-cancoes-poucas-marcantes/)>. Acesso em 23 nov. 2021.

O símbolo mitológico de “Coração Verde e Amarelo” como herança para o mito da Seleção Brasileira não é bem na sua letra, e sim nos seus acordes. A versão instrumental é executada desde os anos 90 até os dias de hoje como parte da vinheta de gol do Brasil. A maioria dos espectadores tem no imaginário que após o gol do Brasil um trecho do nosso hino nacional é tocado, mas na TV Globo, o hino é tocado apenas para os outros países, ou para os clubes – algo que foi abandonado a partir de 2020 para uma mesma vinheta genérica para todos os times, exceto para o Brasil. Os acordes de “Coração Verde e Amarelo” continuam até hoje presentes no tema pós-gol, mesmo que já tenham sofrido inúmeras alterações plásticas em atualizações dessa vinheta, sempre acompanhadas da já citada vinheta “Barsil-sil-sil”.

Há de se ressaltar também, que além de valor atribuído a Seleção Brasileira, a versão instrumental de “Coração Verde e Amarelo” já foi o tema do futebol da Globo, sendo a trilha que embalou por muitos anos os comerciais da programação futebolística, incluindo campeonatos nacionais, internacionais e regionais, também sendo a música em que os anunciantes eram exibidos no pré e pós-jogo. Mesmo que não cumpra mais essa função na grade da emissora, os acordes de “Coração Verde e Amarelo” tocados após um gol do Brasil podem soar como uma espécie de autopromoção da ideia de que o futebol é um sinônimo da TV Globo, sobretudo no que se refere a Seleção Brasileira, que por muitos anos foi um produto exclusivo da emissora.

As Copas de 1994, 1998, 2002, 2006, 2010 e 2014 tiveram versões de “Coração Verde e Amarelo” como seus temas das vinhetas de abertura das transmissões de todos os jogos, sofrendo pequenas alterações para vincular o mito da Seleção ao país que sediava o evento. Ainda que, em algumas dessas edições o tema passasse despercebido por causa da vinheta oficial da FIFA, o tema estava lá presente.

### **2.2.2. A voz do Brasil em decisões: A contribuição de Galvão Bueno para o mito**

Saindo do espectro da música, e partindo para a improvisação da palavra que descreve uma jogada, a TV Globo criou um estilo próprio de transmitir os jogos da Seleção, sobretudo na figura do narrador. Se Barthes conclui que o mito é uma mensagem, o narrador tem por muitas vezes a função de mensageiro, podendo através de suas palavras exaltar o mito ao ponto de ajudar na sua construção.

O narrador esportivo tem o poder da mensagem, o dom da comunicação, o domínio da eloquência e sabe valorizar como ninguém a palavra falada, como

faziam os filósofos gregos. O uso do verbo é fluente, e os narradores no passado, de tão letrados que eram, chegavam a ser eruditos em suas transmissões. Era uma maneira de se potencializar a veia poética por intermédio das metáforas, usando o futebol como pano de fundo. (SCHINNER, 2004, p.103)

Em Copas do Mundo, desde o momento que a Globo passou a transmitir os jogos de forma independente das outras, poucos narradores chegaram a emprestar sua voz nas transmissões da Globo. Geraldo José de Almeida (1974), Luciano do Vale (1978-1982), Osmar Santos (1986) transmitiram jogos do Brasil em Copas, mas não em conquistas. A voz que permeia todos os sucessos da Seleção após o tricampeonato são de Galvão Bueno.

Galvão pode ser considerado uma espécie de comandante de um avião gigante chamado Rede Globo, com milhões de passageiros a bordo. Curiosamente, o mesmo carinho dos fãs que o aceitam representa a dose exata de afastamento dos que os rejeitam. A não-aprovação do locutor está ligado ao conceito de centralização, prepotência e invasão da área alheia. Seus críticos entendem que o locutor da Globo ultrapassa os limites da ponderação, do bom senso de análise, e vez por outra, atropela de forma implacável os comentaristas e convidados. Chega a ser confundido com o dono da verdade absoluta. (SCHINNER, 2004, p.56)

A voz marcante de Galvão, seus bordões, e seu jeito peculiar de conduzir as transmissões, acabam complementando as simbologias do mito, ao ponto da sua ausência acabar por criar no espectador a sensação de que o produto não está completo. A voz de Galvão se tornou sinônimo de seleção brasileira nos mais de 30 anos em que está à frente das transmissões, como mensageiro oficial do mito.

As críticas a Galvão como locutor ufanista são reflexo crítico da escola brasileira de profissionais que valorizam nosso futebol um a um patamar imparcial, superior ao de qualquer clube. É corriqueiro observar uma equipe transmissão “torcendo” para o Brasil durante os comentários e narrações da partida. “Jamais, qualquer comentarista, salvo um ou dois, em jogos da Seleção Brasileira, é capaz de comentar o desempenho do adversário”. (TÁVOLA, 1985, p. 285)

Expressões cunhadas por Galvão acabaram por se tornar símbolos do mito da Seleção que acabam por serem usadas pela sociedade até mesmo fora do contexto do futebol. Por exemplo, quem nunca viu alguém comemorar a conclusão de uma tarefa exclamando “É Tetra, É tetra”; pontuar que algo emocionante com “haja coração”; ou adicionar uma quantidade enorme de “R” a alguma palavra, como ele faz com “Rrronaldinho”. Galvão é sinônimo de TV Globo, e sinônimo de Seleção. Por mais que ele já tenha saído da emissora por um breve período nos

anos 90, ou que tenha deixado de narrar o Brasil em alguns poucos amistosos nos últimos anos, não há como fazer uma dissociação da sua marca ao mito.

### **2.3. O esvaziamento da concorrência nas transmissões da seleção brasileira**

Podemos afirmar que o primeiro evento chave para a definição do sinônimo Globo de seleção foi a Copa de 1982. Pela primeira vez na história da era das transmissões audiovisuais no Brasil uma emissora obteve exclusividade sobre os jogos da seleção brasileira no mundial. Isso rendeu as primeiras acusações de monopólio pelos veículos concorrentes, mesma acusação que os Diários Associados sofreram após adquirirem os direitos da Copa de 1970, e acabassem por reparti-los com Globo, Record e Bandeirantes. As negociações com a detentora dos direitos, a Organização das Televisões Ibero-americanas (OTI), foi rígida, somente autorizando a compra dos direitos para a Copa de 1982 para aquelas emissoras que tivessem adquirido os direitos dos Jogos Olímpicos de Moscou, em 1980. Como a TV Globo foi a única que realizou a aquisição, somente ela transmitiu os jogos na TV brasileira em 1982.<sup>4</sup>

Para realizar a primeira cobertura exclusiva da história de uma Copa do Mundo, a TV Globo realizou uma extensa preparação com seus profissionais, tanto que um jornal de circulação interna foi editado durante o período pré-copa para orientar os profissionais que fariam parte da cobertura. O Grupo Globo enviou cerca de 20 toneladas de equipamentos e 150 profissionais, entre jornalistas, técnicos, engenheiros, produtores, locutores e comentaristas.<sup>5</sup>

Até mesmo um centro de operações foi desenvolvido em Madri, com a estrutura de uma miniestação de televisão, que ocupava dois andares no centro de imprensa. A emissora foi a única do mundo a ter repórteres fixos em todas as 14 cidades-sede da Copa.<sup>6</sup>

Tal esforço de cobertura marca a primeira vez que a Globo pode ser atribuída como “sinônimo de seleção”. Todos os esforços para a transmissão seriam inéditos à época, aumentando em níveis absolutos o que foi a cobertura de 1978, que já havia sido a maior da emissora. Os 150 profissionais superaram em 25% os mesmos enviados para a Argentina em 1978, e se aproximam da marca de dez vezes mais do que o time enviado para a Alemanha em 1974.

---

<sup>4</sup> MEMÓRIA GLOBO. Copa do Mundo da Espanha – 1982: Transmissão e Cobertura. Disponível em <<https://memoriaglobo.globo.com/esporte/busca/copa-do-mundo-da-espanha-1982/transmissao-e-cobertura/>>. Acesso em 23 nov. 2021.

<sup>5</sup> Opus citatum na nota 4

<sup>6</sup> Opus citatum na nota 4

Em 1986, a Globo voltaria a ter companhia de outras emissoras nas transmissões do Brasil na Copa, incluindo a concorrência de dois players novos, com Manchete e SBT (essa em rede com a TV Record), duas emissoras fundadas após a Copa de 1982, aparecendo para dissolver a audiência da TV Globo em transmissões de futebol. Ambas voltariam a concorrer com a Globo em 1990, mas a hegemonia já havia sido conquistada através do seu altíssimo padrão de qualidade percebido pela audiência colocado a partir de 1982.

De 1990 em diante, os jogos da seleção passaram a ser esvaziados de concorrência pouco a pouco. Na década de 1990, a emissora começou a enxergar o futebol com um produto relevante dentro do seu catálogo de produtos, e começou a adquirir os campeonatos buscando não apenas ter o evento para exibi-lo, como também tirar a chance de ter telespectadores assistindo-os em outro canal.

Assim, do que se viu na partida final e decisiva contra o Uruguai nas Eliminatórias da Copa de 1994, quando cinco emissoras estavam listadas como as que passariam o jogo (ESTADÃO, 19/09/1993), o enxugamento causado pelas negociações de direitos de transmissão caminhou para apenas duas na partida final das Eliminatórias de 2002 contra a Venezuela (ESTADÃO, 14/11/2001), e para apenas uma emissora exibindo a Copa do Mundo em 2002.

A Copa de 2002 também marca o momento-chave da percepção da Globo do nos índices de audiência que ela poderia atingir com o evento em exclusividade pelos próximos anos. A exclusividade em TV aberta e com o domínio dos televisores nas madrugadas fez com que a emissora alcançasse à época índices que beiravam os 70 pontos de audiência. A semifinal Brasil 1 x 0 Turquia, em 26 de junho de 2002, é a maior audiência da emissora neste século (BERNARDO, 25/09/2012)<sup>7</sup>.

Em 2002, a Globo não apenas monopolizou os direitos de transmissão, bem como tentou monopolizar a informação relacionada a Copa do Mundo, como conta Paulo Vinícius Coelho no livro “Jornalismo Esportivo”:

Durante a Copa 2002, os globais cediam apenas noventa segundos de imagem para as emissoras que não tinham direito de transmissão. E se reservava fazê-lo depois da exibição do "Globo Esporte", seu programa diário de informação esportiva que vai ao ar às 12h40. Os direitos de exibição para aquelas receptoras também terminavam 24 horas depois da cessão das imagens. O que vale dizer que ninguém mais poderá mostrar lances do Mundial 2002 pelo resto dos dias, a menos que alguma alma global caridosa tenha a percepção de

<sup>7</sup> Bernardo, André. “Qual foi a maior audiência de todos os tempos na TV brasileira?” Publicado em 25 set 2012. Disponível em <<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/qual-foi-a-maior-audiencia-da-tv-brasileira/>>. Acesso em 21 nov. 2021.

que a memória coletiva do pentacampeonato estará comprometida. (COELHO, 2021, p.67)

A ideia de dificultar o trabalho jornalístico das concorrentes passou a ser um padrão da emissora por algum tempo. As imagens de eventos foram cada vez mais limitadas, e o até o trabalho dos profissionais de emissoras concorrentes começou a ser limitado aonde ela detinha os direitos de transmissão (COELHO, 2021, p.66). Na briga pela cobertura esportiva, a Globo foi desarmando a concorrência com o objetivo de fidelizar o público no canal, que ou assistia na Globo, ou não assistiria ao evento na TV aberta. Quando houvesse concorrência na mesma transmissão, o concorrente teria que desembolsar uma boa quantia para transmitir o jogo. Esse senso de monopólio através do seu poderio financeiro acabou por afastar o interesse da concorrência nos anos seguintes, excluindo emissoras como SBT e Record da transmissão do futebol.

Contudo, a Globo não teve exclusividade nas Copas do Mundo subsequentes, dividindo os direitos com a Band na TV Aberta em 2006, 2010 e 2014. Pode se imaginar que havia uma concorrência, mas na prática a emissora do Morumbi estava concorrendo com a Globo porque ela próprio permitia. O Grupo Bandeirantes sublicenciava os direitos com a própria Globo na maioria dos eventos. Em crise após a Copa do Mundo no Brasil, a Bandeirantes optaria por desfazer a parceria com a Globo no ciclo da Copa de 2018, perdendo até mesmo os direitos sobre os campeonatos estaduais e Brasileirão, produtos que estavam na grade da emissora há décadas.

O fim da parceria com a Bandeirantes acabou por deixar a Globo isolada em TV Aberta nas transmissões esportivas da seleção Brasileira. A emissora já detinha o direito exclusivo sobre os jogos das Eliminatórias e sobre quase todos os amistosos internacionais da Seleção desde 2003. Sem a Band, a Globo ainda passaria de forma exclusiva na TV aberta a Copa América Centenário em 2016, a Copa do Mundo de 2018 e a Copa América de 2019, realizada no Brasil.

#### **2.4. Copa América e a tradição da TV Globo no evento**

A Copa América é uma das competições internacionais mais antigas do mundo, sendo disputada pela primeira vez no início ainda do século passado, em 1916, sob o nome Campeonato Sul-Americano de Futebol. O nome se manteve até a edição de 1967, quando oficialmente passou a se chamar Copa América na edição seguinte, em 1975. As edições de 1975, 1979 e 1983 foram disputadas sem uma sede fixa, com os países alternando os mandos de campo de acordo

com os adversários. A partir de 1987, a competição passaria por uma reestruturação, passando a ser disputada a cada dois anos (com pequenas exceções), tendo uma sede fixa determinada por uma rotação dos países membros da Confederação Sul-Americana de Futebol (COMNEBOL). Tal sistema se manteve até 2004, quando as competições passaram a ser realizadas com intervalo maior, de quatro anos, com exceção de edições especiais, como a Copa América Centenário, realizada um ano após a edição regular de 2015; e da edição de 2021 (programada inicialmente para 2020, e adiada em razão da pandemia de covid-19), realizada dois anos após a edição de 2019, com o objetivo de sincronizar a competição com os mesmos anos da UEFA Euro. Desta forma, ambas as competições passariam a ser realizadas no segundo ano de intervalo entre duas Copas do Mundo.

A competição tradicionalmente tem como participantes as seleções nacionais dos dez países membros da CONMEBOL, mas passou a contar com a participação de seleções convidadas nas edições a partir de 1993, sobretudo com membros da Confederação de Futebol da América do Norte, Central e Caribe (CONCACAF), como México, Costa Rica, Estados Unidos e Honduras. Nas edições de 1999 e 2019, houve também convite para seleções da Confederação Asiática de Futebol (AFC), com a participação de Japão e Catar, o que distorceu o sentido do nome dado a competição.

É da Copa América que remonta a primeira conquista brasileira em uma competição nacional, ocorrida em 1919. A vitória na segunda prorrogação contra o Uruguai no Estádio de Laranjeiras, no Rio de Janeiro, se tornou a primeira conquista importante do Brasil, sendo sucedida por poucos títulos na Copa América até a década de 1990. O Troféu viria apenas nas edições em que o Brasil foi sede: além de 1919, o Brasil sediaria e venceria apenas as edições de 1922, 1949 e 1989.

A TV Globo transmitiu todas as edições da Copa América desde que ela passou a ter essa nomenclatura em 1975. Contudo, é a partir do formato remodelado da edição de 1987, na Argentina, que a competição passa a ser melhor explorada como um produto de transmissão televisiva, já que o formato de sede única trouxe também um calendário mais enxuto, onde os times jogavam não apenas com intervalos menores (as edições de 1975, 1979 e 1983 duravam meses, com muitos intervalos entre as fases da competição), mas também com um senso de necessidade de vitória para avançar na competição, semelhante aos moldes da Copa do Mundo.

Na edição de 1987, a primeira fase foi composta por três grupos de três equipes, com o Uruguai, sendo o atual campeão, o time já pré-classificado para as semifinais. Apenas o primeiro

colocado no grupo avançava rumo às semifinais. Isto fez com que o Brasil acabasse eliminado precocemente, e por ter apenas dois jogos transmitidos na competição: A vitória contra a Venezuela em 28 de junho, e a derrota que desclassificou o Brasil para o Chile por 4 a 0 na noite de 3 de julho.

Na edição seguinte da Copa América, em 1989, o produto foi muito mais explorado por três razões: a competição voltava ao Brasil como sede única após 40 anos de intervalo, logo, havia uma proximidade cultural maior do qualquer outra Copa América desde 1949; em segundo, a competição passou por um novo regulamento, que proporcionou 4 jogos na primeira fase, e mais outros 3 no quadrangular final, totalizando 7 transmissões da seleção brasileira; Além de ter participação revertida no que seria o primeiro título importante desde a Copa de 1970.

Importante também destacar a narrativa da partida derradeira de 1989: o Brasil enfrentaria o Uruguai em pleno Maracanã na disputa pelo título, remetendo portanto ao valor da narrativa de 1950, quando numa competição de mesmos moldes, o Brasil decidiria contra a Celeste Olímpica o título do torneio. Cinco emissoras realizaram a transmissão da partida decisiva, sendo a TV Globo concorrente de SBT, TV Manchete, e TV Bandeirantes (ESTADÃO, 16/07/1989).

Após o fracasso na Copa de 1990, e a renovação da comissão técnica, a seleção brasileira acabou ficando como produto exclusivo da Globo na Copa América de 1991, realizada no Chile. Nenhuma outra emissora passou os jogos do Brasil (ESTADÃO, 17/07/1991). Em 1993, ainda no clima de incerteza em relação ao trabalho de Carlos Alberto Parreira no comando do time, a TV Globo e a TV Bandeirantes exibiram os jogos da Competição (ESTADÃO, 19/07/1993). A parceria entre as duas emissoras na divisão da Copa América continuaria por décadas, hora ou outra com alguma outra concorrente (caso da Record em 1997, por exemplo).

Mas são pelas lentes da TV Globo nas coberturas de edições de Copa América que surgiriam frases que compõe alguns símbolos da seleção. Em 1997, instantes após o fim de jogo no jogo final, na vitória contra a Bolívia em La Paz, que o até então técnico da seleção Zagallo desabafaria, de forma enfática e quase colérica, o famoso “vocês vão ter que me engolir” em entrevista ao repórter Tino Marcos. Tal frase se tornou folclórica para o próprio mito de Zagallo como o personagem de conquistas à frente da seleção. Por exemplo, tal frase foi reproduzida por décadas, e ainda é um dos grandes símbolos de personagens à frente da Seleção que enfrentavam contestação.

Na edição do Peru em 2004, na Copa América em que o Brasil disputou a final contra a Argentina, surgiu a frase derradeira de um discurso do narrador Galvão Bueno, tentando desvalorizar a derrota contra o rival levando vários aspectos como o fato de não termos levado os principais jogadores, e a Argentina sim; da pressão que os comandados de Marcelo Bielsa enfrentava, incluindo a fila de títulos que perdurava mais de uma década; e que eles iriam atrasar todas as reposições de bola assim para gastar tempo. Tal discurso de justificativa foi interrompido pelo gol de empate do Brasil aos 48 do segundo tempo, com sua frase “pode até empatar” em uma bola levantada na área que culminaria chute certo de Adriano. A frase seria repetida aos berros durante a comemoração do gol, e se tornaria o símbolo de um jogo histórico do mito da Seleção Brasileira na rivalidade com os argentinos.

Para concluir, a tradição da Globo na transmissão do evento até 2019 proporcionou símbolos próprios e marcantes à Seleção Brasileira, e que construíram parte da percepção da TV Globo como sinônimo de Seleção. Como a competição passou décadas como um evento bienal, se tornou um produto esperado nos meses de junho e julho nos anos em que não havia Copa do Mundo ou Jogos Olímpicos. A partir da metade da década de 2000, essa lógica se altera, mas não a percepção de que a Globo é a casa da Copa América. Até porque, além de sempre ter transmitidos os jogos da Copa América, os elementos de cobertura esportiva estavam presentes nos produtos jornalísticos da emissora, sobretudo aqueles que vão ao ar após a realização dos jogos ao vivo. E esse é justamente o objeto de estudo dessa dissertação, e tema do nosso próximo capítulo.

### 3. A LINGUAGEM DO JORNAL DA GLOBO E SUA IMPORTÂNCIA COMO ELEMENTO DE COBERTURA ESPORTIVA

Neste capítulo iremos observar a história, as características e a importância do objeto de estudo desta pesquisa, o Jornal da Globo, com o objetivo de entender as contribuições do telejornal nas transformações do gênero jornalístico da TV Globo através das últimas quatro décadas.

Além disso, com foco nas contribuições para o jornalismo esportivo diário, iremos analisar os elementos que colaboram no telejornal como ferramenta *hardnews* na cobertura de jogos de futebol, incluindo sua importância e contribuição na continuidade de transmissões esportivas, através de uma ambientação de pós-jogo em eventos importantes.

Os telejornais noturnos, especialmente os últimos da grade de uma emissora que tenha mais de um telejornal no horário da noite, possuem características diferenciadas dos programas que vão ao ar em outros horários. O caráter de imediatismo raramente acaba sendo um fator que proporciona a produção de conteúdo de assuntos inteiramente novos.

Telejornais exibidos tarde da noite, além de falar para outro público, têm o desafio de dar notícias que, normalmente, começaram a se desenrolar bem mais cedo e já foram ao ar mais de uma vez, ao longo do dia. Quando é possível avançar e mostrar o desfecho, ótimo. O imediatismo em televisão conta pontos. Notícia fresca "esquenta" o jornal. Mas, às vezes, até o final da história já foi revelado. Se no noticiário da noite o fato merecer apenas um registro, dá-se uma nota coberta. Para isso, trinta segundos de texto resolvem a questão. Se o tema for relevante, como, por exemplo, uma votação importantíssima do Congresso, é preciso destacar o assunto. Nesse caso o ideal é ir além, analisá-lo e explicar as consequências da decisão, as repercussões em setores da sociedade etc. Esse tratamento representa um diferencial em relação aos telejornais já exibidos. (BISTANE e BACELLAR, 2005, pos.373)

Assim, noticiar já não é o único objetivo de um programa nesta faixa horária. Um telejornal noturno puramente informativo é algo que pode alcançar uma parte da audiência, mas não vai fazer sentido para outra, sobretudo a que acompanhou o noticiário em qualquer outro momento do dia, seja na TV ou outra modalidade de mídia. Um telejornal de informações repetidas soa pouco atrativo levando em conta o que o jornalismo tem como função. Há mais de 40 anos, a TV Globo já havia percebido esse conceito, e inaugurou em 1979 um novo formato de telejornal dentro da sua grade diária, passando a contemplar a análise e opiniões referentes à notícia como forma de reaquecer a informação e torná-la interessante para sua audiência.

### 3.1. História e transformações do formato do Jornal da Globo

A versão atual do que conhecemos como o Jornal da Globo (JG) foi inaugurado em 1979, mas não foi o primeiro programa da emissora a ter esse nome. O título “Jornal da Globo” já havia sido utilizado em outro telejornal que ficou no ar entre 1967 e 1969, ocupando a faixa horária das 19h45. Em setembro de 1969, o jornalístico foi substituído pelo Jornal Nacional, e o nome Jornal da Globo permaneceu na gaveta por uma década inteira, até sua reintrodução na grade em 1979.

O formato da segunda versão do JG era diferente dos outros telejornais de rede nacional. A versão de 1979 era um “noticiário de fim de noite recheado de análises, grandes reportagens, séries e entrevistas de estúdio. As informações internacionais eram apresentadas diretamente de Londres e Nova York.” (G1, 19/04/2018)<sup>8</sup>. Era comum o programa ter um entrevistado, com o debate sendo parte fundamental da estrutura. A versão ficou no ar até 1981, quando novamente houve uma troca na programação, com o espaço do JG passando a se chamar “Jornal Nacional 2ª Edição”.

A terceira fase do Jornal da Globo seria reintroduzida na grade em agosto de 1982, agora em um novo formato. Passando a ir ao ar às 23h15, o JG passou a contemplar política, economia e cultura como os principais assuntos, tornando-o um produto qualificado e mais rebuscado. Segundo o projeto Memória Globo, o JG da fase de 1982 “privilegiava a análise mais apurada da notícia, com espaço para comentários e matérias elaboradas que aprofundavam a informação”, desta forma, “fugindo do papel do apresentador-locutor tradicional, que mantinha um distanciamento em relação ao noticiário”<sup>9</sup>.

Tal característica é o alicerce que mantém o estilo do Jornal da Globo relevante e diferenciado dos demais telejornais da emissora até hoje. Se o JG está posicionado na grade para resumir o dia, ele o faz com muito mais profundidade do que qualquer outro telejornal da casa. O Jornal da Globo passou a ter um quadro fixo de comentaristas e uma linguagem que passou a ser moldada pelos articulistas que fizeram parte das primeiras versões, como Theresa Walcacer (cultura), Marilena Chiarelli, Antônio Brito, Álvaro Pereira, Carlos Monforte, Enio Pesce e

---

<sup>8</sup> G1. História do Jornal da Globo. Disponível em <https://g1.globo.com/jornal-da-globo/noticia/historia-do-jornal-da-globo.ghtml/>. Acesso em 19 nov. 2021.

<sup>9</sup> MEMÓRIA GLOBO. Jornal da Globo: Anos 1980. Disponível em <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/jornalismo-e-telejornais/jornal-da-globo/anos-1980/>. Acesso em 23 nov. 2021.

Paulo Francis (todos falando de política), Marco Antônio Rocha (economia) e Márcio Guedes (esporte).

A opinião passou a receber um peso importante no DNA do telejornal, sendo até hoje a fórmula que é usada em diversos programas jornalísticos na programação de televisão noturna de outras emissoras, e dos canais de notícias na TV por assinatura. O formato passaria por remodelações ainda nos anos 80 e início dos anos 90, mas seria em 1993 que o estilo do jornal de hoje nasceria, dando importância também à opinião do âncora nos assuntos, sobretudo na abertura do programa. Esse modelo seria explorado por apresentadores marcantes do JG, como Lillian Witte Fibe, Ana Paula Padrão, William Waack, e mais recentemente, com Renata Lo Prete.

Tradicionalmente temida na principal emissora do Brasil, a opinião dos âncoras virou realidade em seus telejornais, o que, aos telespectadores mais desatentos, pode até passar despercebido ou ser confundido com informação. A notícia de abertura do Jornal da Globo abria claramente as portas do jornalismo opinativo, mas no Jornal Nacional, e até nos demais noticiosos da emissora, a linguagem opinativa ainda é apresentada muito sutilmente. (BRITTOS e RÚHEE, 2007, p.71)

Não apenas a linguagem mudou em 1993, como também a plástica. Se pelas primeiras quatro décadas da TV no Brasil, pouco se modificou na composição de um cenário de uma atração jornalística, a descentralização do jornalismo da Globo acabou por criar outra revolução no gênero: o maior protagonismo da linguagem estética. A redação do JG migrou do Rio de Janeiro para São Paulo, com o programa passando a ser apresentado dos estúdios da TV Globo na capital paulista. Assim, foi construído ali uma nova estrutura que modificou a cara do telejornal.

Em 1993, quando Lillian Witte Fibe virou apresentadora e editora-chefe do Jornal da Globo, houve mudanças no cenário do telejornal. Projetado por Alexandre Arrabal, o novo espaço foi concebido para refletir o caráter dinâmico da notícia, e passou a contar com 54 monitores de TV, dispostos na parede de fundo, à esquerda e abaixo da mesa da apresentadora. A mesa passava a impressão de estar flutuando. Os assuntos em foco eram projetados nos aparelhos posicionados à esquerda, que podiam mostrar três imagens diferentes simultaneamente. Lillian chegou a apresentar algumas notícias de pé, circulando pelo cenário. Três câmeras se movimentavam sobre trilhos ou gruas para acompanhar a apresentadora – recurso até então inédito no telejornalismo brasileiro. O cenário era o maior de jornalismo para televisão até então, e foi montado em 17 dias. (MEMÓRIA GLOBO<sup>10</sup>)

Junto com a nova estética, o Jornal da Globo passou a contar na época com o uso do repórter introduzindo a matéria por link ao vivo em várias praças do Brasil, mesmo que o assunto tivesse

---

<sup>10</sup> MEMÓRIA GLOBO. Jornal da Globo: Cenários. Disponível em <<https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/jornalismo-e-telejornais/jornal-da-globo/cenarios/>>. Acesso em 23 nov. 2021.

se desdobrado muito mais cedo. Após mais de 30 anos, essa é até hoje uma das principais características do estilo do JG.

O cenário passaria por reformulações em 1999, quando passou a ser apresentado da redação e ter o trabalho da equipe de jornalismo como plano de fundo, e outra em 2005, quando William Waack e Christiane Pelajo passaram a apresentar em dupla. Nas remodelações de 2009 e em 2014 surgiram os monitores interativos que servem como fundo para explicações dos comentaristas, participação de repórteres no link ao vivo, e de onde são apresentados os resultados e as tabelas das competições esportivas. O apresentador passou a apresentar parte do telejornal de pé, alternando sua posição frente a câmera durante o jornal, que passou a contar com planos de enquadramentos contrastantes, trazendo assim elementos de neotelejornalismo que foram definidos por Jaqueline Naujorks em 2017. “A linguagem visual utilizada, embora formal no figurino e no texto, é retratada nas reportagens e comentários de forma simples e dinâmica, com o objetivo de informar da maneira mais prática e eficiente possível e atender ao perfil deste telespectador” (NAUJORKS, 2017, p.135).

Tal recurso visual não é uma característica exclusiva do JG nos telejornais de rede da emissora. O Jornal Hoje também utiliza os mesmos estúdios, e acaba por ter características semelhantes na forma de apresentar os conteúdos, mas não tem as mesmas características de linguagem e modo de fazer, como veremos em seguida.

### **3.2. Características da versão atual do Jornal da Globo**

A atual versão do Jornal da Globo possui, de acordo com a própria emissora, o envolvimento direto de 72 profissionais, dentre seus editores, colunistas, comentaristas, produtores e equipe técnica. Jorge Sacramento é o editor-chefe, e Renata Lo Prete é a apresentadora titular.

O JG permanece até hoje respeitando o formato de jornal opinativo, contemplando a participação de seus comentaristas fixos nas suas edições. Nas exibições de telejornais na grade de programação, o Jornal da Globo continua sendo o último a ir ao ar na emissora, sendo também geralmente a última transmissão ao vivo do dia.

Aliás, vale ressaltar as características do jornalismo da Globo na sua grade de programação nacional. São cinco jornais de rede, além de três espaços para o jornalismo local de segunda a sexta. A programação nacional de jornalismo começa com o “Hora 1” às 4h da manhã, passando o bastão para os telejornais regionais às 6h, e reassumindo a rede às 8h30 da manhã com o Bom Dia Brasil. Ao meio-dia, as praças regionais voltam a exibir um telejornal, seguido de

uma edição do Globo Esporte. O próximo jornal de rede a ir ao ar é o Jornal Hoje, que inicia sua escalada após as edições locais do Globo Esporte. Após o Jornal Hoje, a emissora só retoma o jornalismo local na faixa das 19h, e o de rede na faixa das 20h, com o Jornal Nacional – tradicionalmente o principal jornalístico do canal. Fechando a programação nacional, o Jornal da Globo vai ao ar após a atração noturna pós-horário nobre do canal: às segundas-feiras, o programa costuma ir ao ar após a exibição de um filme da Tela Quente; nas terças, quintas e sextas, o telejornal vai ao ar em horários distintos já que a grade varia conforme a sazonalidade da temporadas de programas flutuantes. Nas quartas, é costume que o JG comece após o Profissão Repórter, ou Big Brother Brasil, variando de acordo com o momento do ano.

Isso proporciona uma grade confusa em termos de rotinas estabelecidas para o espectador, que não consegue cravar em que momento começa o programa. Para acompanhar o JG desde o início, o telespectador precisa checar o horário na grade, ou assistir ao menos parte da atração anterior. Essa é uma característica problemática do JG, que não tem a faixa horária do programa de forma fixa como acontece com os demais programas jornalísticos (com exceção dos jornais de praça noturnos e o Jornal Nacional, que podem ter variações de horários em razão da transmissão dos jogos das quartas-feiras). Durante o levantamento de edições para a pesquisa, foi observado que edições começaram na faixa das 23h, mas também foi encontradas variações na grade que empurraram o telejornal para começar após a 1h da manhã. Nenhum outro programa da emissora na grade de segunda-a-sexta possui tamanha variação de horário de um dia para o outro.

Com relação ao modo de fazer, o programa possui um formato base, que sofre poucas variações. É comum que, a primeira parte do programa seja destinada ao fato mais importante do dia, com uma pequena apresentação em formato de editorial pela âncora Renata Lo Prete, que resume a principal notícia do dia e segue com um comentário sobre o tema, geralmente envolvendo uma interpretação dos fatos, isso é, uma opinião que vai ao ar antes mesmo da escalada.

Tal formatação de partida é diferente de qualquer outro programa jornalístico de rede: a abertura já começa com uma opinião, personificando a figura do âncora como ponto fundamental da edição. O telejornal tem a cara de quem o apresenta desde sua estreia na emissora. Cada âncora, seja Lillian Witte Fibe, Ana Paula Padrão ou William Waack, possuía maneiras de conduzir a linguagem e os bate-papos com os comentaristas e entrevistados pelo jornal. Com Renata Lo Prete, por exemplo, o JG passou a ter características herdadas do estilo do Jornal das Dez, da GloboNews, no qual Lo Prete conduziu antes da chegada ao JG.

O fato do Jornal da Globo ser ancorado por uma jornalista que foi escolhida — e é reconhecida — por suas opiniões políticas na GloboNews por si só indica essa segmentação de público. Falando do perfil dos jornais, é nítido que o JG é voltado para quem compreende de forma mais aprofundada o universo político — a presença de especialistas políticos e econômicos é constante. (VALENTIM, 2018<sup>11</sup>)

Com essa importância nas características da figura central do âncora, não é rotineira a introdução de apresentadores substitutos, até porque, assim como o Hora 1 e o Bom Dia Brasil, o Jornal da Globo tem a característica de telejornal de segunda-a-sexta, enquanto Jornal Hoje e Jornal Nacional possuem edições aos sábados, o que acaba exigindo um sistema com substitutos para as folgas do titular. No JG, o apresentador eventual costuma ocupar o espaço em momentos que o titular está afastado por licença ou férias, e não por plantão. Por sinal, o apresentador eventual costuma ser deslocado de outro telejornal, dando preferência para figuras experientes da casa. Atualmente, o primeiro reserva costuma ser Rodrigo Bocardi, mas já houve momentos em que Roberto Kovalick e Carlos Tramontina assumiram a função. Todos são os atuais apresentadores de telejornais da casa (Hora 1, Bom Dia SP e SP2, respectivamente).

Após a escalada, o tema mais importante do dia pode não ser o primeiro assunto do telejornal, mas será contemplado geralmente no primeiro bloco. Isso varia em razão de quem será acionado primeiro na rotação de comentaristas, ou no link ao vivo. Na primeira inserção, através de uma introdução de Lo Prete que chama a participação de um repórter ou correspondente, que faz uma abertura da matéria antes de chamar o VT. Na volta, é comum que a apresentadora intervenha do estúdio para realizar alguma pergunta para o(a) repórter, geralmente pegando o gancho no próximo subtema do assunto, tornado o telejornal dinâmico e extremamente fluído.

A linguagem do telejornal é bem mais dinâmica, já que vai ao ar no fim da noite e entende-se que o telespectador esteja cansado. Correspondentes tem mais tempo para falar das notícias do dia e os comentários sobre música e variedades encerram o jornal deixando um clima descontraído de fim de noite que antecede o programa de entrevistas que vem a seguir. (NAUJORKS, 2017)

Fato curioso é que, desde o início da pandemia de covid-c19 em 2020, é rotineiro o repórter não estar no local da matéria que ele produziu. É possível perceber que a equipe de reportagem muitas vezes está em um saguão fechado, próximo de alguma janela ou parede de vidro que

---

<sup>11</sup> VALENTIM, Janaína. Jornal Nacional x Jornal da Globo: público de massa x público segmentado. Disponível em <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/eleicoes-2018/jornal-nacional-x-jornal-da-globo-publico-de-massa-x-publico-segmentado/>>. Publicado em 25 set. 2018. Acesso em 22 nov. 2021.

possa demonstrar que está de noite, validando portanto que a imagem é ao vivo. Mas muitas vezes é possível perceber que o link está sendo gerado de dentro da sede da emissora.

Após relatar a notícia, entra em cena a característica marcante do jornal: a opinião de comentaristas fixos. Para a política, Giuliana Morrone é a titular; Carlos Alberto Sardenberg fala de assuntos econômicos; também há a participação fixa de uma coluna gravada com Arnaldo Jabor durante a semana; nas sextas-feiras, Nelson Motta assina uma crônica audiovisual sobre cultura, geralmente envolvendo temas musicais, cinema ou televisão. Se o futebol for tema importante no dia, Caio Ribeiro ou Felipe Diniz são acionados como co-âncoras, trazendo destaques do mundo esportivo no último bloco. Aliás, tal participação apresenta outra característica que o telejornal adotou através dos anos: a de resumir eventos do esporte, sobretudo nos jogos noturnos de campeonatos de futebol.

### **3.3. A ambientação de programa pós-jogo no Jornal da Globo**

Uma característica comum de jornalismo *hardnews* no Jornal da Globo é relacionado aos eventos esportivos. Isto porque a posição em que o telejornal ocupa na grade de programação da emissora lhe dá vantagem para noticiar os resultados dos eventos em primeira mão. Com edições começando após às 23h, e muitas vezes após às 00h, o JG é primeiro do gênero jornalístico a ir ao ar após o término das partidas de futebol da noite, e assim, cumpre a função de trazer a notícias destes eventos antes mesmo dos programas esportivos da emissora.

Tal característica já teve maior protagonismo no passado. Até 2009, período anterior da criação de programas de resumo esportivo noturnos na emissora, cabia ao Jornal da Globo assumir a linha continuidade dos jogos noturnos. Se a Seleção Brasileira realizasse uma partida a noite com transmissão da Globo, por exemplo, era comum a abertura do JG trazer a participação do narrador e dos comentaristas diretamente do estádio, fazendo a análise da partida e mostrando os principais lances. Não que esse formato tenha sido abandonado, mas com a criação do Segue o Jogo em 2019, o JG acabou empurrado para o início da madrugada, o que tirou a possibilidade de elementos de continuidade da transmissão. Contudo, o bloco esportivo está lá, ainda com o formato de um programa pós-jogo que foi absorvido pelo JG em 2011: o Placar da Rodada.

Em 2009, a emissora lançou um programa que tinha pouco menos de dez minutos, e que mostrava de maneira dinâmica os gols da rodada, seguido da classificação dos campeonatos. O Placar da Rodada entrou no ar em abril de 2009, já nos planos de separação da editoria de esporte da equipe de jornalismo. Nasceria no meio o ano a cisão da Central Globo de Jornalismo

(CGJ) e Central Globo de Esportes (CGESP), que seguem debaixo de uma mesma “Direção Geral”, mas passariam a ser áreas independentes com hierarquias distintas.

Dois anos depois, o programa acabou por ser absorvido pelo Jornal da Globo por questões de grade de programação, afetadas pelo resgate de telenovelas no período das 23h. Com o jornal empurrado para mais tarde, o Placar da Rodada passou a ser parte do JG, sendo a linguagem do último bloco, geralmente destinado aos assuntos do esporte, heranças da linguagem do Placar da Rodada.

Nos grandes eventos realizados no Brasil nos anos seguintes, como a Copa do Mundo de 2014, os Jogos Olímpicos de 2016, e a Copa América de 2019, o JG foi ferramenta importante da estrutura de cobertura das competições, sendo apresentado inclusive do Parque Olímpico da Barra da Tijuca nos Jogos de 2016. Pelo seu horário na grade, parte da análise e do noticiário desses eventos acabava por ser realizada em primeira mão no Jornal da Globo.

Em 2019, após um hiato de oito anos sem um programa fixo de pós-jogo noturno, a emissora introduziu o “Segue o Jogo”, que desde 2020, ano que Lucas Gutierrez e Paulo Nunes assumiram as posições de titulares, foi totalmente remodelado na linguagem, saindo do gênero jornalístico robusto para uma versão de esporte e entretenimento, passando por doses de informação e humor.

O Segue o Jogo se tornou um programa com função de “meio-campo” entre a transmissão de um jogo e o Jornal da Globo nas quartas-feiras. Mas, desde o meio de 2020, houve momentos que a atração passou por semanas de interrupção, cabendo ao JG noticiar o esporte no formato *hardnews* tradicional, apresentando os resultados da noite em primeira mão no canal.

Tal relançamento do Jornal da Globo ao posto de protagonista em informações em pós-jogos não ocorre porque a emissora pretende devolver ao JG a função informativa em detrimento ao Segue o Jogo. Também não é pela falta de relevância dos jogos noturnos. A saída discreta e esporádica do Segue o Jogo da grade passou a ocorrer com frequência no momento que a TV Globo passou ter que lidar com a perda de direitos de transmissão de eventos esportivos importantes para outras emissoras, como veremos no capítulo a seguir.

#### **4. A COBERTURA DA COPA AMÉRICA 2021 NO JORNAL DA GLOBO**

Neste capítulo, será apresentado um descritivo e análise da cobertura realizada pela TV Globo na Copa América de 2021, através do que foi veiculado no Jornal da Globo, objeto de estudo do qual perfil no capítulo anterior.

O Grupo Globo e a Confederação Sul-Americana de Futebol (CONMEBOL) não estavam com boas relações desde o rompimento do contrato de transmissão da Copa Libertadores da América em 2020, com a competição em andamento, por questões financeiras durante os primeiros meses da pandemia de covid-19 (SACCHITIELLO, 2020).

Sem emissora parceira da CONMEBOL para transmitir a competição, o SBT adquiriu os direitos da Libertadores para a TV aberta até 2022, passando a transmitir o evento em setembro de 2020, logo após o retorno da competição que foi suspensa em março daquele ano (SBT, 2020).

Em 2021, ainda com a relação desgastada entre Globo e CONMEBOL, que seguiam em litígio jurídico por um processo arbitral em andamento na Suíça para definir pagamentos relacionados a quebra de contrato de 2020, o SBT e o Grupo Disney foram escolhidos pela confederação para transmitirem a Copa América na TV aberta e TV por assinatura respectivamente (FOLHA, 2020). No dia 31 de maio de 2020, a competição foi transferida de sede, passando a ser realizada no Brasil, após a desistência da Colômbia e da Argentina.

Por este motivo, pela primeira vez em décadas, a TV Globo não possuía os direitos de transmissão de uma competição que envolvia a Seleção Brasileira principal jogando em seu próprio país. O futebol foi desde o início dos anos 90 (COELHO, 2021, p.64-65) um produto com protagonismo na grade da emissora, e os jogos e competições envolvendo a Seleção foram tratados como prioridade na grade de programação em praticamente todo esse período. Tendo este fato marcante para o mito da Seleção Brasileira, o objetivo deste capítulo é analisar como o jornalismo da emissora passou a noticiar a Seleção Brasileira em um evento que ela não possui os direitos de transmissão, levando em conta que, em outros raros momentos em que a Globo não possuía os direitos de um evento importante, ela suprimiu ou simplesmente não noticiou informações sobre estes eventos, como o caso dos Jogos Olímpicos de Londres em 2012, destacado por Antonio Luis Fermino, Leandro Bianchini, Heitor Luiz Furtado, Josimar Lotterman e Giovani De Lorenzi Pires nos resultados do artigo “Futebol masculino nos jogos olímpicos de Londres/2012: enquadramentos de alguns telejornais brasileiros”.

As evidências discutidas nas cinco categorias de análise demonstram com clareza uma associação direta entre o telejornalismo e o produto comercial de entretenimento. A diversidade dos enquadramentos procedidos pelos três telejornais, em relação às informações sobre a participação da seleção brasileira olímpica de futebol, expressa tanto quantitativa quanto qualitativamente que a esfera jornalística foi refém dos interesses comerciais das emissoras. (...) Globo e Bandeirantes não tiveram pruridos éticos ao quase ignorarem a participação da seleção brasileira de futebol nos JO/2012, evitando divulgar o produto da concorrente e assim ampliar sua audiência. (FERMINO et al, 2017).

Todavia, a Seleção Brasileira olímpica é formada com restrição de idade. O futebol inclusive é coadjuvante nos Jogos Olímpicos. No caso da Copa América 2021 envolve um produto importante que a TV Globo ajudou a construir, e que ainda possui direitos de transmissão em outras competições que a Seleção joga, como a Copa do Mundo de 2022. Assim, é importante observar o comportamento do jornalismo da emissora para entender o que pode acontecer nos telejornais se o Grupo Globo perder o direito de transmissão sobre outras competições tradicionais do seu catálogo de futebol.

#### **4.1. Metodologia de classificação de gênero e período de estudo: os critérios e métricas utilizados na análise de conteúdo da cobertura do Jornal da Globo na Copa América de 2021**

Como metodologia de pesquisa, este estudo propõe uma análise de conteúdo. Tal processo foi definido por Laurence Bardin (1977) como uma técnica de procedimento que tem o objetivo de interpretar sobre as significações que o conteúdo de mensagens possam ter pela ótica do analista.

Designa-se sob o termo de análise de conteúdo: um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. (...) Esta abordagem tem por finalidade efetuar deduções lógicas e justificadas, referentes à origem das mensagens tomadas em consideração (o emissor e o seu contexto, ou, eventualmente, os efeitos dessas mensagens). O analista possui à sua disposição (ou cria) todo um jogo de operações analíticas, mais ou menos adaptadas à natureza do material e à questão que procura resolver. (BARDIN, 1977, p.42)

Como já mencionado anteriormente, para isso, o Jornal da Globo foi escolhido como objeto de estudo desta pesquisa, sobretudo pelo seu posicionamento na grade da emissora, sendo o

primeiro telejornal a ir ao ar após o encerramento das partidas de todas as rodadas da Copa América de 2021. Assim, o telejornal é o primeiro a ter condições de noticiar informações dos jogos, o que o torna uma peça importante na cobertura da competição.

Foram analisadas as edições do telejornal que foram ao ar desde que houve o anúncio do Brasil como sede da Copa América, em 31 de maio de 2021, até a edição que foi ao ar após a final da competição, realizada em 10 de julho de 2021, sendo assim, até a edição de 12 de julho de 2021. Desta forma, o período total de análise incluiu 43 dias corridos, com todas as 31 edições do Jornal da Globo que foram ao ar no período selecionado.

Como há edições do Jornal da Globo que vão ao ar após a meia noite, o que pode gerar uma interpretação dúbia da data do telejornal, para fins de definição do que é considerado a data do programa, é levado em conta a ordem cronológica e a data dos acontecimentos noticiados ali. Na prática, é como se a virada do dia não acontecesse a meia noite, e sim após o término da edição. Por exemplo, por mais que a edição do dia 2 de julho tenha ido ao ar após a meia-noite, portanto, oficialmente nos primeiros minutos de 3 de julho, a data em consideração para nomear a edição é o dia que ele trata as notícias e foi confeccionado pela redação, portanto, 2 de julho.

Na análise de conteúdo, será levado em consideração os dados obtidos através da classificação e dos resultados da contabilização dos gêneros/formatos classificados pelo pesquisador em 16 categorias de conteúdo. Tais categorias são baseadas nas definições da Classificação Marques de Melo (2016), além da definição de gênero telejornalístico de Guilherme Rezende (2000, 2014) e Ana Carolina Temer (2006), citados também por Itania Maria Mota Gomes como formatos de apresentação da notícia (2011).

Os formatos de apresentação da notícia: nota, reportagem, entrevista, indicador, editorial, comentário, resenha, crônica, caricatura; enquete, perfil, dossiê e cronologia e a relação com as fontes de informação são outros aspectos que devem ser observados, pois dizem das escolhas jornalísticas realizadas. (GOMES, 2011, p.40)

Para delimitarmos as categorias, e as suas respectivas características para classificação, foram redesenhadas definições, flexibilizando ou deixando mais rigoroso os critérios que definem e distinguem formatos pela percepção baseada na Classificação Marques de Melo. Segundo Temer (2009), os gêneros e os formatos passam por convergência de características ao passar dos anos, definido pela autora como hibridização.

Os gêneros se reestruturam também a partir de processos de hibridização – ou seja, práticas e conteúdos estruturados e consolidados que funcionam de forma separada combinam-se para dar origem a novas práticas e/ou estruturas. Ou,

ainda, novos gêneros surgem a partir da somatória de elementos de gêneros já existentes ou a partir da inclusão de elementos típicos de outros gêneros. (TEMER, 2009, p.100)

Por este motivo, as delimitações de classificação respeitam requisitos desenvolvidos pelo pesquisador. Também foram adicionas categorias que fazem sentido para a cobertura das características do JG. As 16 categorias e suas respectivas especificidades estão descritas no quadro abaixo, em ordem alfabética.

Quadro 1 – Gêneros e Formatos de classificação de conteúdo na cobertura jornalística da Copa América de 2021, 2019 e 2016

FORMATO	ABREV.	GÊNERO	REQUISITOS DE CLASSIFICAÇÃO <sup>1</sup>
Boletim	BOL	Informativo	Para esta classificação, o repórter necessita dar a informação iniciando com uma cabeça em <i>Stand-up</i> . Pode conter imagens de apoio ou não.
Caricatura	CAR	Opinativo	Breve animação exibida com caráter crítico ou opinativo sobre um determinado tema. No caso do JG, o mesmo que charge.
Comentário	CMT	Opinativo	Deve partir de um comentarista da emissora, se não, entra na classificação de resenha. Pode estar inserido dentro de uma reportagem.
Crônica	CRO	Opinativo	Limite entre a informação jornalística e produção literária. (REZENDE, 2014). Deve incluir um texto elegante e aprofundado sobre o tema.
Destaque da Escalada*	ESC	Destaque de cobertura*	Complemento de cobertura que destaca uma informação na apresentação das principais notícias do dia, como se fosse uma manchete do telejornal.
Dossiê e cronologia	D&C	Interpretativo	Exibição de conteúdo que contenha profundidade de dados históricos, utilizando-se de pesquisa de acervou ou pesquisa de dados sobre o objeto ou tema tratado.
Editorial	ED	Opinativo/ Destaque de cobertura*	Deve conter valor opinativo da empresa ou apresentador (REZENDE, 2009, p.13). No caso do JG, seu número de inserções é limitada a uma por edição, obrigatoriamente sendo o primeiro conteúdo da edição, indo ao ar antes da escalada.
Enquete	ENQ	Interpretativo	“Conjunto de entrevistas curtas com populares acerca de determinado assunto” (REZENDE 2000).
Entrevista	ENT	Informativo	"A entrevista se define como o diálogo que um jornalista mantém com um entrevistado, através do sistema de perguntas e repostas, com o objetivo de extrair informações, ideias e opiniões a respeito de fatos, questões de interesse público e/ ou e aspectos da vida pessoal do entrevistado. Isso se dá ao longo da

			transmissão do telejornal, geralmente ao vivo, mas às vezes gravada e editada" (REZENDE, 2009, p.11)
Link Ao Vivo*	VIVO	Destaque de cobertura*	Não é um formato, e sim uma qualidade atribuída ao formato noticioso. De forma qualitativa, agrega valor e credibilidade a informação. É um complemento atribuído ao formato informativo, mostrando que o repórter está no local do acontecimento ou próximo dele.
Melhores Momentos*	MM	Informativo	VT editado com os principais lances de um jogo. Deve conter a narração original. Se for feito por meio do off do âncora ou coâncora, é classificado como nota coberta.
Nota Coberta	NTC	Informativo	Informação lida pelo âncora com suporte de imagens de apoio ou arte gráfica.
Nota Simples	NTS	Informativo	Informação lida pelo âncora sem apoio de nenhum recurso estético que contenha algum complemento de informação.
Perfil	PER	Interpretativo	Descrição bibliográfica de uma personalidade, reunindo textos, imagens e depoimentos (REZENDE 2000).
Reportagem	REP	Informativo	Relato ampliado de um acontecimento, mostrando as causas e repercussões. Pode ser factual (quente) ou <i>feature</i> (fria) (REZENDE 2000). Deve obrigatoriamente conter cabeça ou passagem, e ao menos uma sonora de fonte ouvida pelo repórter. Pode até ser iniciada por um <i>stand-up</i> , mas só recebe essa nomenclatura se conter tais inserções das fontes.
Resenha	RES	Opinativo	Informação que vem acompanhada da opinião do apresentador ou coapresentador, podendo conter comentários ou análise sobre o acontecimento/informação.

Fonte: Marques de Melo e classificação do pesquisador

Nota: <sup>1</sup> Adaptação restritiva ou flexibilizada dos conceitos de Marques de Melo, Gomes e Rezende

<sup>2</sup> Termos marcados com um asterisco (\*) não fazem parte da Classificação Marques de Melo

Como podemos observar no quadro acima, o formato de nota foi expandido para “nota simples” (quando não há inserção de imagens de apoio, com apenas o âncora ou coâncora informando a notícia de forma seca) e “nota coberta” (quando há o uso de imagens de apoio). Quando a reportagem possui um caráter de boletim, ou seja, com o repórter iniciando a matéria em *stand-up*, acompanhado ou não por imagens de apoio, sem a inserção de nenhuma arte gráfica ou sonora de alguma fonte, haverá a denominação de que o conteúdo foi um “boletim”. Se a aparição no boletim ou reportagem for com repórter sendo acionado através de um link ao vivo, também é atribuída a categoria “link ao vivo” na classificação de conteúdo. Também há a adição da categoria “melhores momentos” para classificar quando o telejornal adota a exibição de

trechos do jogo com a narração original do evento, e “nota coberta” quando a descrição dos gols ou das jogadas é realizado pelo âncora ou coâncora. Para a denominação de “comentário”, a opinião deve vir obrigatoriamente de um comentarista da emissora, e não da análise do repórter ou apresentador. No caso de uma reportagem ter o comentarista como fonte, fazendo algum tipo de uma análise exclusiva para a reportagem, também é atribuído a denominação de “comentário”, juntamente com o de reportagem. Quando a opinião é emitida pelo âncora na abertura do jornal, a denominação é “editorial”. O destaque de uma notícia na escalada também é um critério mesurável, dado que, quando isso acontece, é por decisão editorial de destacar aquela determinada informação como uma das principais manchetes da edição.

Para o desenvolvimento da análise e interpretação de pesquisa, são utilizados conceitos apresentados em “Metodologia de análise de telejornalismo”, por Gomes (2011).

A análise deve nos levar ao que é específico da linguagem televisiva, tal como construída num determinado programa e, conseqüentemente, tal como socialmente partilhado pela audiência. A gravação ao vivo, as simulações, bem como infográficos, mapas do tempo, vinhetas, telões e cenários virtuais formam o conjunto dos recursos que, para além de credibilidade, dão agilidade e ajudam a construir a identidade dos programas e das emissoras. A análise do texto verbal, por sua vez, deve revelar as estratégias empregadas pelos mediadores para construir as notícias, interpelar diretamente a audiência e construir credibilidade. (GOMES, 2011, p.37)

Foram utilizados os conceitos “operadores de análise” (GOMES, 2011, p.38-40), avaliando assim as ações dos mediadores (âncoras, coâncoras, repórteres e comentaristas), o contexto comunicativo (objetivos e dos modos de comunicar, sobretudo nas diferenças nas informações de eventos em que há o direito de transmissão pela emissora, e os que não ela não detém), o pacto sobre o papel do jornalismo (através dos formatos de apresentação da informação) e a organização temática (em qual bloco a informação foi inserida, e em qual ordem).

Para resumir a análise, também serão apresentados quadros descritivos com elemento desta classificação de formatos atribuídos aos principais temas do bloco esportivo. Para preencher os quadros que organizam e totalizam de forma quantitativa dos assuntos abordados num determinado período, foram criadas abreviações para ajudar na formatação destes elementos: Nota Simples (NTS), Nota Coberta (NTC), Reportagem (REP), Boletim (BOL), Link Ao Vivo (VIVO), Melhores Momentos (MM) Entrevista (ENT), Editorial (ED), Destaque da Escalada (ESC), Comentário (CMT), Resenha (RES), Crônica (CRO), Caricatura (CAR), Enquete (ENQ), Perfil (PER) e dossiê e cronologia (D&C). Na legenda dos elementos gráficos, as siglas são novamente apresentadas, para proporcionar facilidade no entendimento. Foram inseridos

nos quadros as medições de tempos totais dos blocos esportivos, assim como a duração total do telejornal, observando apenas o que faz parte do conteúdo do JG – desconsiderando assim os intervalos comerciais.

Por fim, vale ressaltar que, a plataforma Globoplay, que foi utilizada como fonte de coleta das edições dos telejornais, apresentou distorções de conteúdo do Jornal da Globo em relação ao que foi transmitido na TV em quatro edições das 31 analisadas: respectivamente as edições dos dias de quatro jogos da Copa América envolvendo a Seleção Brasileira. Apesar de intitular o vídeo na plataforma como “Edição na Íntegra”, diferentemente do que o título apresenta, ao iniciar a reprodução do vídeo, é possível ver a mensagem “essa edição foi modificada na sua versão web” nos 10 segundos iniciais. Ao fim do estudo, foi possível notar que a plataforma removeu justamente os trechos dos quais ela tratava sobre a Copa América e da Seleção Brasileira nestas quatro edições. Todos os pontos de corte foram identificados, e apresentados na descrição do conteúdo apresentado pelo JG.

Na edição de 23 de junho de 2021, o mesmo aviso foi mostrado no início do vídeo, porém, em uma outra reportagem disponibilizada de forma separada da “edição na íntegra” na plataforma, foi possível encontrar o conteúdo suprimido, e mensurar o tempo destinado a Copa América no telejornal. Nas outras três edições (17 de junho, 2 de julho e 5 de julho de 2021), o pesquisador assistiu ao conteúdo levado ao ar na TV, mas não conseguiu realizar nenhuma forma de medição temporal sobre o tempo de exibição relacionado ao tema na edição do telejornal. Desta forma, nas edições em que não há distorção pela plataforma Globoplay, todas as informações relacionadas a tempo total do telejornal contém um asterisco e uma nota de rodapé avisando sobre a distorção. Por essa razão, para não gerar distorções ou imprecisões estatísticas, não é contabilizado nos quadros descritivos a quantidade de tempo que cada elemento de cobertura possuía, e sim, apenas a frequência dos tipos de elementos jornalísticos empregados nas edições.

#### **4.2. Análise de conteúdo do Jornal da Globo na Cobertura da Copa América de 2021**

Dentro deste período de 43 dias, foi realizada uma subdivisão de duas etapas em razão dos momentos distintos que o período pré-Copa América apresentou. A primeira etapa analisada consiste no período de 31 de maio a 8 de junho de 2021, momento em que a Argentina anunciou

que não sediaria mais a Copa América (prevista para começar em 13 de junho de 2021), e o Brasil vem a ser anunciado como novo país sede do evento pela CONMEBOL em dia 31 de maio de 2021, com a confirmação ocorrendo pelo governo federal no dia 1º de junho de 2021. Nesta mesma semana, a Seleção estava em preparação na Granja Comary para dois jogos que seriam realizados antes da Copa América. Nos dias 4 de junho e 8 de junho de 2021, a Seleção Brasileira realizou partidas pelas Eliminatórias da Copa do Mundo, torneio que possui direitos de transmissão por parte da TV Globo. Por este motivo, a delimitação de duas etapas foi aplicada, para separar o momento em que a TV Globo falava sobre a Seleção atuando numa competição que ela possui os direitos de transmissão, e o período que os jogos da Seleção seriam transmitidos pela concorrência. Ambos os jogos das Eliminatórias aconteceram em dias que o Jornal da Globo foi veiculado. O período compreende o total de 9 dias, com análise da íntegra das 7 edições do telejornal.

A segunda etapa começa a partir da edição do dia seguinte da partida contra o Paraguai nas Eliminatórias, em 9 de junho de 2021, encerrando na primeira segunda-feira após a realização da final da Copa América. Desta forma, a segunda etapa incluiu todas as 24 edições que foram ao ar entre 9 de junho e 12 de julho de 2021. Dentro deste período, há uma subdivisão semanal, que apresentará 6 subcapítulos. Tal separação se dá em razão do afunilamento da competição, quando informações sobre a Seleção vão se tornando de maior interesse do público, já que time seguiu avançando no torneio, chegando à final da competição. A cada semana, as notícias envolvendo a Seleção se tornaram assim mais relevantes, dado que ela está mais próxima de conquistar o título.

As diferentes etapas e as subdivisões destas etapas estão no quadro 2, que demonstra como foi realizada essa separação temporal.

Quadro 2 – Subdivisão temporal da cobertura do Jornal da Globo sobre a Copa América de 2021

ETAPA	SEMANA	PERÍODO	EDIÇÕES
PRIMEIRA ETAPA	1ª e 2ª Semana	31 de maio a 8 de junho de 2021	7 edições
SEGUNDA ETAPA	1ª Semana	De 9 a 11 de junho de 2021	3 edições
	2ª Semana	De 14 a 18 de junho de 2021	5 edições
	3ª Semana	De 21 a 25 de junho de 2021	5 edições
	4ª Semana	De 28 a 02 de julho de 2021	5 edições
	5ª Semana	De 28 a 02 de julho de 2021	5 edições
	Pós-Copa América	12 de julho de 2021	1 edição
TOTAL	7 semanas	44 dias	31 edições

Fonte: O próprio autor

#### **4.2.1. Primeira etapa: Definição do Brasil como sede da Copa América e Seleção nas Eliminatórias da Copa do Mundo (31 de maio a 8 de junho de 2021)**

Na primeira etapa deste estudo, analisaremos o período anterior ao início da Copa América, onde houve a preparação do Brasil para a competição ao mesmo tempo que eram realizadas rodadas das Eliminatórias da Copa do Mundo. Estão descritos neste subcapítulo as notícias veiculadas referentes as repercussões da definição do Brasil como o país sede da Copa América de 2021 após a desistência da Argentina.

Na primeira edição do período analisado, que foi ao ar no dia 31 de Maio de 2021, logo no editorial tradicional do telejornal, a âncora Renata Lo Prete tratou do tema Copa América através da definição do Brasil como sede do evento, utilizando-se de uma crítica forte sobre a decisão de receber a competição vir em meio a um momento político delicado, com manifestações pelo país realizadas nos dias anteriores contra o governo federal, e com a pandemia também em momento grave. O editorial, que costuma ser o momento da personificação da opinião do mediador ou da emissora (REZENDE, 2000, p.158), e pelas características do Jornal da Globo, se torna um dos momentos mais importantes do telejornal, com a opinião de maior destaque atribuída a notícia mais relevante do dia. Nesta abertura, a opinião destacada foi contrária à realização do evento no Brasil, em 46 segundos. Esta foi a única vez em todo o período analisado da Copa América de 2021 que algum tema relacionado ao evento foi tratado como tema do editorial.

Ainda na edição de 31 de maio, a Copa América foi destacada dentro do bloco político do programa, e não na parte final, onde foi noticiado o esporte com os comentários de Caio Ribeiro. Foram exibidas duas reportagens, uma destacando o contexto de desistência da Colômbia e da Argentina como países-sedes nas semanas anteriores, e depois outra matéria destacando a repercussão do anúncio, sobretudo a negativa no meio político. Também foi mostrado que a pasta da Casa Civil preferiu não confirmar o evento, apesar da CONMEBOL já ter anunciado oficialmente em seus canais oficiais. No total, foram 6 minutos e 22 segundos tratando exclusivamente do tema Copa América. No bloco esportivo, que teve 5 minutos e 4 segundos, foram realizados comentários e informações sobre a rodada do fim de semana do Campeonato Brasileiro, e uma homenagem ao narrador Januário de Oliveira, em nota simples, que havia

falecido no final de semana. Não foi abordado nenhum tema direto sobre a Seleção Brasileira nesta edição.

Na edição que foi ao ar no dia 1º de junho, a confirmação por parte do governo federal da transferência da competição para o Brasil foi destaque na escalada. O assunto foi novamente tratado no bloco político, com 4 minutos e 59 segundos, iniciando com uma reportagem sobre a repercussão da realização do evento no Brasil pelos senadores integrantes da CPI da Pandemia, com o repórter Hugo Evaristo fazendo a passagem na frente do Estádio Nacional Mané Garrincha, em Brasília. Também foi falado dos governos estaduais que barraram a realização da competição em seus estádios. No bloco esportivo, com coâncoragem de Felipe Diniz, foram mostrados gols de quatro jogos da Copa do Brasil e da Série B, seguido da primeira reportagem sobre a Seleção Brasileira no período analisado. Na matéria assinada pelo repórter Fernando Saraiva, foram mostrados os trabalhos nos treinamentos com imagens da CBT TV, além de anunciar a data dos jogos pelas Eliminatórias, com uma deixa “por hora, esse é o foco”. Dentro da reportagem, houve um comentário de Caio Ribeiro sobre a disputa por posições no time titular. No total, foram destinados 2 minutos e 12 segundos de conteúdo sobre a Seleção Brasileira, mas não houve nenhuma menção relacionando a Seleção com a Copa América.

Na edição que foi ao ar no dia 2 de junho, houve menção aos gols da Copa do Brasil na escalada. O noticiário esportivo teve o total de 7 minutos e 44 segundos, com os gols de jogos da Copa do Brasil, além de um boletim de 1 minuto e 32 segundos da chegada da Seleção Brasileira em Porto Alegre, com imagens dos jogadores chegando ao hotel e com um relatório completo das lesões e substituições no time titular. Foi anunciada também a coletiva do técnico Tite para o dia seguinte. Após o boletim, Felipe Diniz, que estava na coâncoragem do bloco esportivo, ainda anunciou a data de estreia do Brasil na Copa América através de nota simples. No total, 2 minutos e 21 segundos do bloco esportivo trataram sobre a Seleção Brasileira, representando 30,39% do noticiário esportivo.

Na edição que foi ar no dia 3 de junho, o bloco esportivo teve 7 minutos e 19 segundos. Foram mostrados gols da Copa do Brasil, além de noticiar os resultados e mostrar os gols quatro jogos das seleções sul-americanas pelas Eliminatórias da Copa Mundo. Os dois temas foram destacados também na escalada. Após os resultados dos jogos, uma reportagem de Guilherme Pereira falou sobre a Seleção Brasileira, mas não tratou de praticamente nenhum assunto relacionado ao jogo que seria realizado no dia seguinte. Toda a matéria foi relacionada a insatisfação dos jogadores brasileiros sobre realização da Copa América no Brasil, incluindo

uma sonora do técnico Tite falando sobre o assunto. Nesta edição, o bloco esportivo não fechou o telejornal, sendo o penúltimo bloco do dia.

Na edição de 4 de junho de 2021, uma sexta-feira, dia em que o Brasil venceu o Equador pelas Eliminatórias da Copa do Mundo pouco antes do início do telejornal, o assunto já foi citado na escalada. No bloco esportivo de 7 minutos e 15 segundos, 4 minutos e 48 segundos foram dedicados exclusivamente sobre a cobertura da partida. Com uma reportagem de Guilherme Pereira, o telejornal informou novamente sobre a insatisfação dos jogadores com a realização da Copa América no Brasil, citando a presença de Rogério Caboclo no estádio, e depois mostrando os gols. Ao final da matéria, ainda foi ao ar um comentário de Roger Flores analisando o jogo e mostrando a classificação das Eliminatórias no telão. Também foi anunciado na tela a data do próximo jogo da Seleção pelas Eliminatórias (8 de junho, a próxima terça-feira). Também foi exibida uma reportagem sobre as acusações de assédio do presidente da CBF Rogério Caboclo de 2 minutos e 26 segundos. No entanto, para os critérios estabelecidos neste estudo, apesar de envolver a Confederação Brasileira de Futebol, o tema não envolve a Seleção Brasileira de forma direta, e sim, a parte administrativa da entidade, não entrando dessa forma na contabilidade de conteúdos relacionados a Seleção especificamente.

No dia 7 de junho, uma segunda-feira, logo na escalada, a Copa América foi destacada com os protocolos de testagem que seriam realizados no evento. Também foi anunciado na escalada que Caio Ribeiro iria analisar o último treino da Seleção antes do jogo contra o Paraguai. Os dois assuntos foram tratados dentro do bloco esportivo, que teve 5 minutos e 47 segundos. Logo na abertura do bloco, uma reportagem de Gabriela Ribeiro, direto de Assunção, abordou as repercussões sobre o afastamento de Rogério Caboclo da presidência da entidade, além de novamente citar a insatisfação dos jogadores com a realização da Copa América no Brasil. Após a reportagem, em nota simples de 35 segundos, Renata Lo Prete citou as medidas sanitárias que seriam adotadas na Copa América. Na sequência, Caio Ribeiro realizou uma breve análise das mudanças que iriam acontecer no time titular da Seleção, e falou brevemente sobre os destaques do final de semana do Campeonato Brasileiro. No total, sobre a Seleção Brasileira, o telejornal destinou 3 minutos e 52 segundos, que significa dois terços do bloco esportivo, com 66,86% do conteúdo sendo relacionado a Seleção nessa véspera de jogo pelas Eliminatórias.

Na última edição desta primeira etapa de edições analisadas, em 8 de junho de 2021, foi ao ar a edição do Jornal da Globo que tratou sobre o último jogo da Seleção Brasileira masculina principal que a TV Globo detinha os direitos de transmissão no período total analisado. A cobertura foi ampla. O bloco esportivo do telejornal tratou sobre dois jogos do Brasil que

havia sido realizados neste dia (um com a Seleção Olímpica), além de mostrar os gols de quatro jogos das Eliminatórias.

Nesta edição de 8 de junho, na abertura do noticiário esportivo, através de nota simples de 19 segundos, Renata Lo Prete falou sobre a Mastercard desistir de patrocinar ativamente a Copa América. Logo após, foi exibida uma reportagem de Marco Aurélio Souza sobre a vitória por 2 a 0 contra o Paraguai. Após a matéria, o coâncora Felipe Diniz leu a nota completa emitida pelos jogadores da Seleção com relação a opinião deles sobre a realização da Copa América no Brasil. Vale ressaltar que, apesar de toda a cobertura e expectativa gerada pelas edições anteriores do JG, a nota oficial teve tom muito abaixo do que era esperado, com uma crítica muito sutil dos jogadores, que ao final do texto, disseram que iriam defender a Seleção. Após a exibição dos gols dos outros jogos das Eliminatórias, ainda foi exibida uma nota coberta com os lances da vitória da Seleção Brasileira Olímpica sobre a Sérvia, jogo que a Globo transmitiu mais cedo. Também foram mostrados gols da Copa do Brasil. No total, 3 minutos e 39 segundos de conteúdo foram exibidos em temas relacionados a Seleção Brasileira, sendo assim 42,69% dos 8 minutos e 33 segundos do bloco esportivo desta edição.

#### **4.2.1.1. Resumo da cobertura da definição do Brasil como sede da Copa América e da Seleção nas Eliminatórias da Copa do Mundo**

Para apoiar os comentários sobre o período analisado, foi elaborado um quadro com o tempo total das edições do JG, tempo total destinado ao noticiário esportivo, além dos temas “Seleção Brasileira”, “Copa América”, “Eurocopa” (que ainda não foi abordada nesta primeira etapa), e os demais eventos que tiveram notícias veiculadas (Campeonato Brasileiro, Copa do Brasil, jogos das Eliminatórias que não envolveram o Brasil, etc). No quadro abaixo, podemos observar quais foram os recursos jornalísticos empregados na cobertura dos temas selecionados.

Quadro 3 – Primeira Etapa: Cobertura da definição do Brasil como país-sede da Copa América e da Seleção nas Eliminatórias da Copa do Mundo

DATA DA EDIÇÃO	TEMPO TOTAL	TEMPO NOTICIÁRIO ESPORTIVO	SELEÇÃO BRASILEIRA	COPA AMÉRICA	EUROCOPA	OUTROS TEMAS
31/05/2021	40m20s	5m04s	-	ED, ESC, REP, REP	-	CMT
01/06/2021	54m27s	7m15s	REP, CMT	ESC, REP	-	ESC, NTC
02/06/2021	54m04s	7m44s	BOL, NTS	NTS	-	ESC, NTC

03/06/2021	43m27s	7m19s	REP	REP	-	ESC, NTC
04/06/2021	49m42s	7m15s	ESC, REP, CMT, NTS	REP	-	REP
07/06/2021	38m26s	5m47s	ESC, CMT, REP	ESC, REP, NTS	-	CMT
08/06/2021	49m24s	8m33s	ESC, REP, NTS, NTC	NTS	-	NTC

Fonte: Globoplay e classificação do pesquisador

Nota: Siglas – Boletim (BOL); Comentário (CMT); Editorial (ED); Destaque na Escalada (ESC); Nota Simples (NTS); Nota Coberta (NTC); Reportagem (REP);

Neste período específico, diferente dos demais, a Seleção Brasileira foi destacada em 6 das 7 edições que foram ao ar. Mesmo em dias que o Brasil não tinha jogos agendados, havia uma reportagem ou boletim para abordar temas relacionados, destacando inclusive a agenda de jogos e as transmissões que iriam ao ar futuramente. Foram feitas críticas à CBF, mas não houve nenhum tipo de aspereza com relação ao futebol da Seleção. Pelo contrário, o mito da Seleção Brasileira continuou a ser alimentado, sempre com a valorização do que era feito pelo time. Os esforços de cobertura foram grandes. Cinco reportagens foram ao ar, além de três destaques na escalada.

A Copa América foi abordada em todas as edições do período, mas na maioria das vezes, o evento foi citado de maneira negativa, ou de forma crítica a sua realização. Com exceção da nota simples que informou quando seria a estreia do Brasil na competição, todos os outros conteúdos que foram ao ar continham a reprovação por parte da opinião das figuras mediadoras do telejornal ou das fontes ouvidas nas reportagens. Ou seja, a emissora sem os direitos de transmissão do evento, não fez menção para defender a sua realização, ou valorizar a Copa América. Diferentemente, não houve qualquer tipo de reprovação ou crítica a realização dos jogos das Eliminatórias, ou qualquer outra competição que a emissora detinha os direitos de transmissão, cujos jogos foram realizados nos mesmos locais e período que a Copa América seria sediada, como Campeonato Brasileiro, Copa do Brasil, etc.

#### **4.2.2. Segunda Etapa: A cobertura do período Pré-Copa América, a Copa América 2021 e a superexposição da Eurocopa no Jornal da Globo**

Nesta etapa, foram observadas as 24 edições do período em que a Seleção Brasileira masculina passou a se dedicar exclusivamente a Copa América, e quando a UEFA Euro, chamada popularmente no Brasil de Eurocopa, passou a ser realizada concomitante a Copa América.

#### **4.2.2.1. Primeira semana: Pré-Copa América (9 de junho a 11 de junho de 2021)**

Em razão do jogo das Eliminatórias ter sido realizado numa terça-feira, a primeira semana de cobertura da Copa América é mais curta, com apenas três edições. Neste período, não foi realizado nenhum jogo da competição, mas as 10 seleções participantes já estavam no Brasil se preparando para o evento. Logo, podemos chamar esse período de preparação como “Pré-Copa América”, já que esse passou a ser o único foco do time convocado.

Na edição que foi ao ar no próprio dia 9, em meio a um bloco esportivo de 7 minutos e 1 segundo, o único espaço dedicado a Seleção Brasileira foram 23 segundos em um nota simples lida por Felipe Diniz, que registrou a convocação da Seleção para a Copa América, mas não destacava quais eram os atletas. Apenas relatou quais foram as trocas em relação ao time que havia sido convocado para a as Eliminatórias. Pouco depois, a âncora Renata Lo Prete fez uma menção a saída da Ambev dos patrocinadores oficiais do evento, como última informação, por meio de nota simples. Também foram exibidos gols do Campeonato Brasileiro, assunto inclusive que teve destaque na escalada.

Na edição do dia 10 de junho, a Seleção Brasileira que iria jogar a Copa América não foi abordada. Houve um destaque rápido, em nota simples, para a Seleção Brasileira feminina, que faria um amistoso preparatório para os Jogos Olímpicos de Tóquio, com a informação que a Globo transmitiria o jogo às 16h do dia seguinte. Em contrapartida, a Eurocopa passou a receber destaque dentro do bloco esportivo. Neste dia, foi ao ar uma matéria especial de 3 minutos e 7 segundos de Marcelo Courrage, direto de Londres, explicando o que era a competição, trazendo as expectativas, história e uma breve análise das principais seleções participantes. Também houve duas menções rápidas à Copa América, mas com informações sem relação esportiva da competição. Foi informado que o STF retirou todas as ações que pediam que o evento fosse barrado judicialmente, e uma menção rápida a saída da Diageo como patrocinadora da Copa América. Nos dois casos, a informação foi dada pela âncora Renata Lo Prete por meio de nota simples. Também foi destacado na escalada e no bloco esportivo os jogos da noite na Copa do Brasil. Por fim, foi exibida uma reportagem especial sobre um atleta americano que buscava participação na Olimpíada, assinada pelo repórter Guilherme Roseguini, direto de Nova York.

Na edição de 11 de junho, a Seleção Brasileira feminina foi destacada logo na escalada, com as imagens do jogo que havia sido realizado mais cedo contra a Rússia. Também na escalada, foi destacada a abertura da Eurocopa com a repórter Marina Izidro. No bloco esportivo, que teve duração total de 6 minutos e 35 segundos, a Eurocopa teve 1 minuto e 38 segundos de destaque, com um boletim de Marina Izidro direto do campo do Estádio Olímpico de Roma, onde mais cedo havia acontecido a abertura da competição. Na sequência, o amistoso da Seleção Brasileira feminina foi destacada com uma reportagem de 1 minuto e 57 segundos, com boa parte da atenção voltada às críticas contra a permanência de Rogério Caboclo na CBF após acusações de assédio, mostrando a entrada das atletas e da comissão no jogo com uma faixa escrita “assédio não”. Pouco depois, em uma nota simples de 52 segundos de duração, foi informado que a Seleção Brasileira masculina estrearia no domingo pela Copa América contra a Venezuela, e que a seleção adversária do Brasil teve 5 atletas afastados por terem testado positivo para a COVID-19. A nota também destacou que houve uma mudança no regulamento da competição que autoriza que qualquer seleção troque atletas convocados para o elenco se também apresentarem problemas por contaminação. Em seguida, foram mostrados gols da série B.

#### 4.2.2.1.1. Resumo da primeira semana de cobertura da Copa América (período Pré-Copa América)

Mesmo em um período mais curto do que os demais, já foi possível perceber nesta primeira semana a redução do número de inserções de conteúdo que falavam sobre a Seleção Brasileira, como podemos ver no quadro abaixo.

Quadro 4 – Segunda Etapa: Primeira semana de cobertura da Copa América 2021 no Jornal da Globo (período Pré-Copa América)

DATA DA EDIÇÃO	TEMPO TOTAL	TEMPO NOTICIÁRIO ESPORTIVO	SELEÇÃO BRASILEIRA	COPA AMÉRICA	EUROCOPA	OUTROS TEMAS
31/05/2021	54m59s	7m01s	NTS	NTS, NTS	-	ESC, NTC
01/06/2021	55m08s	11m47s	NTS	NTS, NTS	REP	ESC, NTC, REP
02/06/2021	45m33s	6m35s	REP, NTS	NTS	ESC, BOL	NTC

Fonte: Globoplay e classificação do pesquisador

Nota: Siglas – Boletim (BOL); Destaque na Escalada (ESC); Nota Simples (NTS); Nota Coberta (NTC); Reportagem (REP);

Nos momentos que a Seleção foi abordada como tema, apenas em duas notas simples haviam informações sobre o time que estava na Copa América. A Seleção Brasileira feminina foi tema duas vezes no JG, como uma forma de manter os conteúdos relacionados ao mito Seleção valorizados no telejornal. Diferente do que aconteceu na semana anterior, não houve qualquer menção aos treinos da Seleção masculina, e não houve uso de reportagem ou boletim na cobertura. Ou seja, não havia uma equipe do CGJE acompanhando a Seleção e enviando material especificamente para o Jornal da Globo.

Foi possível observar também os primeiros conteúdos relacionados a Eurocopa e o alto investimento de esforços de cobertura que seriam empregados no evento. Em dois dias de cobertura, foram utilizados dois repórteres diretamente da Europa, falando de Londres e de Roma, cidades-sede da competição.

Sobre a Copa América, mais uma vez os conteúdos que foram ao ar continham na maioria das vezes críticas entrelaçadas a informação, trazendo desistências de patrocinadores e questões envolvendo a segurança sanitária da competição. Tal destaque não foi dado aos outros eventos que também aconteciam no Brasil e que faziam parte do catálogo de direitos de transmissão da TV Globo.

#### **4.2.2.2. Segunda semana: primeiras rodadas da Copa América e Eurocopa (14 de junho a 18 de junho de 2021)**

Na segunda semana de cobertura da Copa América foram realizados as duas primeira rodadas do torneio, com os 8 primeiros jogos da competição, sendo seis deles jogados em noites que o Jornal da Globo foi ao ar – incluindo uma partida do Brasil contra o Peru. Contudo, como veremos a seguir, muito pouco foi noticiado da competição, com a cobertura discreta do evento, com poucos esforços de cobertura jornalística desprendidos pelo JG.

No dia 14 de junho, mesmo com dois jogos da Copa América realizados antes da edição ir ao ar, não houve nenhuma menção a competição. Em contrapartida, a Eurocopa foi o grande destaque da pauta esportiva, sendo citado já na escalada. No bloco esportivo, que totalizou 6 minutos e 53 segundos, o telejornal destinou 4 minutos e 17 segundos exclusivamente para falar da Eurocopa, com gols e descrição das jogadas feitas por Caio Ribeiro. Foi exibida também uma reportagem de pré-jogo de Portugal e Hungria, assinada pelo repórter Raphael de Angeli, direto de Budapeste. Do tempo total do noticiário esportivo, a Eurocopa ocupou 62,23% da pauta. O noticiário esportivo ainda trouxe uma análise rápida da rodada do fim de semana do

Campeonato Brasileiro com o comentarista Caio Ribeiro, também destacado na escalada. A Seleção Brasileira não foi citada nesta edição.

No dia 15 de junho, a edição abriu destacando a Eurocopa na escalada, com Cristiano Ronaldo se tornando o maior artilheiro da história da competição. O bloco esportivo teve 6 minutos e 55 segundos, sendo que a Eurocopa ocupou 5 minutos e 43 segundos. Uma reportagem pré-jogo de Marina Izidro, direto de Roma, foi exibida. Foram também destacados os gols de dois jogos da competição. Após dois dias sem citar a Copa América, o telejornal abordou a competição comparando-a com a Eurocopa na questão de ter o retorno dos torcedores no estádio na Europa. Foi apresentado uma nota coberta com dados no telão do estúdio, comparando os números de casos e mortes causadas pela COVID-19 em países sedes da Eurocopa, como Hungria (8 mortes, 137 casos), Reino Unido (8 mortes, 6.150 casos), Itália (64 mortes, 1.761 casos) e Alemanha (79 mortes, 1.975 casos), fazendo uma crítica comparativa com a realização dos jogos da Copa América no Brasil, que apresentou 1.980 mortes e 72.193 casos naquele mesmo dia. Felipe Diniz, que estava na coâncoragem do bloco esportivo, ainda proferiu uma frase de reprovação à disputa da competição no Brasil: “Ainda assim, Renata, o Brasil está sediando a Copa América”. A crítica ficou mais dura quando Diniz leu uma nota simples do Ministério da Saúde defendendo o evento, seguido do número de casos positivos que foram constatados em atletas ou membros das comissões técnicas participantes da competição, fazendo uma ênfase tônica na quantidade de casos, que eram 52 até então. Não houve, contudo, qualquer informação com relação aos casos de COVID-19 dos times participantes da Eurocopa.

No dia 16 de junho, a edição do Jornal da Globo novamente não citou nada sobre a Seleção Brasileira que se preparava para o um jogo no dia seguinte contra o Peru. Na escalada houve menção aos gols da Copa do Brasil, Brasileirão e Eurocopa. O bloco esportivo teve 7 minutos e 48 segundos, e apresentou os gols de quatro jogos do Campeonato Brasileiro, dois jogos da Série B, e os melhores momentos de Flamengo e Coritiba pela Copa do Brasil. A Eurocopa também foi destaque com 2 minutos e 4 segundos de conteúdo, apresentando os gols dos três jogos da competição que foram realizados naquele dia.

A edição de 17 de junho de 2021 é primeira das quatro que foram encontradas com o aviso de “edição modificada” exibido nos dez segundos iniciais do que deveria ser a “íntegra” na plataforma Globoplay. O bloco esportivo da edição disponibilizada na internet teve 8 minutos e 51 segundos, contudo, não há nesta mensuração dados contabilizados do conteúdo referente a Seleção Brasileira na Copa América. O ponto de corte da remoção de conteúdo foi identificado aos 39 minutos e 36 segundos do vídeo. Apesar de não ter os dados cronometrados,

pela edição assistida pelo pesquisador na TV, os gols da Seleção foram exibidos em nota coberta.

Além desse rápido destaque, ainda sobre a Seleção, também foi exibida uma reportagem de Eudes Júnior sobre a convocação da Seleção Brasileira Olímpica masculina, com a apresentação de todos os convocados. No total, o tema teve 2 minutos e 39 segundos de destaque, mais do que a nota coberta da Copa América. Vale destacar também que a Eurocopa também teve menos tempo de cobertura destinado no telejornal neste dia, com 2 minutos e 26 segundos de gols exibidos em nota coberta. Também foram mostrados gols do Campeonato Brasileiro e da Série B, e a tabela de classificação das competições.

No dia 18 de junho, houve uma mudança importante no JG. Rodrigo Bocardi assumiu a bancada do telejornal e permaneceu como titular até o dia 5 de julho. Incomum para uma sexta-feira, esta edição contou com Felipe Diniz na coâncoragem do bloco esportivo. Normalmente as sextas-feiras, o próprio titular da bancada é quem fala sobre as notícias esportivas do dia. Nesta edição, o telejornal voltou a tratar da Seleção Brasileira, mas sem vínculos com a Copa América. Foi citado já na escalada a convocação das jogadoras que iriam representar o time feminino do Brasil nos Jogos Olímpicos de Tóquio, evento que também possuía direitos de transmissão da TV Globo. O bloco esportivo teve 7 minutos e 55 segundos, com a Eurocopa sendo o primeiro assunto. Para tratar dos gols do dia e de uma matéria pré-jogo assinada por Felipe Brisola, direto de Sevilla, foram dedicados 3 minutos e 12 segundos sobre o tema. Após falar da Eurocopa, foi exibido no telão todas as convocadas da Seleção Brasileira feminina para os Jogos Olímpicos. Porém, diferente do que foi feito com os jogadores do time masculino, não houve a informação de qual clube as jogadoras pertenciam. No total, o telejornal destinou 1 minuto e 34 segundos de cobertura sobre a Seleção feminina. A seguir, o tema tratado foi dos Jogos Olímpicos, com Felipe Diniz informando a contagem regressiva para o evento, avisando que faltavam 39 dias. Não foi citado nada sobre os dois jogos da Copa América que foram realizados nesta data (Chile 1 x 0 Bolívia; Argentina 1 x 0 Uruguai). Também foi exibida uma reportagem sobre canhotos nos esportes olímpicos.

#### **4.2.2.2.1. Resumo da segunda semana de cobertura da Copa América (rodadas 1 e 2)**

Em mais uma semana foi possível perceber a desaceleração dos esforços de cobertura jornalística desprendidos sobre a Seleção na Copa América. Em três dos quatro momentos em que a Seleção foi tema de algum conteúdo do telejornal, nada foi falado sobre o time que estava

na competição sul-americana, e sim sobre as Seleção nos Jogos Olímpicos. No quadro abaixo é possível observar a desproporcionalidade na cobertura da Eurocopa em comparação a Copa América e a Seleção Brasileira.

Quadro 5 – Segunda Etapa: Segunda semana de cobertura da Copa América 2021 no Jornal da Globo

DATA DA EDIÇÃO	TEMPO TOTAL	TEMPO NOTICIÁRIO ESPORTIVO	SELEÇÃO BRASILEIRA	COPA AMÉRICA	EUROCOPA	OUTROS TEMAS
14/06/2021	39m26s	6m53s	-	-	ESC, REP, NTC	ESC, CMT
15/06/2021	51m03s	5m43s	-	NTC, NTS	ESC, REP, NTC	NTC
16/06/2021	43m55s	7m42s	-	-	ESC, NTC	ESC, NTC
17/06/2021	45m42s*	8m51s*	NTC**, REP	NTC	NTC	NTC
18/06/2021	48m08s	7m55s	ESC, NTC	-	REP, NTC	NTC, REP

Fonte: Globoplay e classificação do pesquisador

Nota: Siglas – Boletim (BOL); Destaque na Escalada (ESC); Nota Simples (NTS); Nota Coberta (NTC); Reportagem (REP); \*Edição modificada na versão web, com remoção dos trechos citando a Copa América; \*\*não está disponível na plataforma Globoplay. Foi exibido apenas na TV.

A única oportunidade em que a Copa América foi citada de maneira positiva, o trecho foi removido do telejornal da versão da plataforma Globoplay, e por essa razão, atrapalha a contabilização dos dados totais de tempo de tela destinado a cada assunto.

Na forma crítica em que evento vinha sendo abordado, a Copa América ganhou um peso maior no momento que a competição foi comparada a Eurocopa com relação aos casos de COVID-19. O comentário seguiu a linha crítica de noticiar o evento de forma a desgastar a sua imagem, desta vez comparando o produto da concorrência com o produto que a TV Globo exibe.

#### **4.2.2.3. Terceira semana: 3ª rodada da Copa América e definição dos classificados para as oitavas de final da Eurocopa (21 de junho a 25 de junho de 2021)**

A terceira semana de cobertura exclusiva da Copa América e a segunda semana de cobertura da Eurocopa tiveram novamente diferenças de tratamento dos assuntos relacionados a Copa América e outras competições que a Globo possuía direitos de transmissão. Foram realizados 6 jogos da Copa América em dias que o Jornal da Globo foi ao ar, com destaque para o Brasil x Colômbia disputado na quarta-feira desta semana.

No dia 21 de Junho de 2021, a edição do Jornal da Globo destacou os gols de Atlético Mineiro e Chapecoense na escalada, além das seleções classificadas para a próxima fase da Eurocopa, mas não fez menção sobre os jogos da Copa América que foram realizados neste dia (Uruguai 1x1 Chile; e Argentina 1x0 Peru). O bloco esportivo durou 3 minutos e 21 segundos, sendo praticamente todo o noticiário dedicado a Eurocopa, com inclusive a exibição de uma reportagem de Raphael de Angeli, direto de Budapeste. Foram exibidos também dos gols citados na escalada e um comentário da rodada do final de semana do Campeonato Brasileiro.

No dia 22 de Junho, o noticiário esportivo teve 6 minutos e 15 segundos. A maior parte novamente foi dedicada a Eurocopa, que teve destaque na escalada, e o total de 4 minutos e 37 segundos de tempo de conteúdo. Foram exibidos os gols de dois jogos, além de uma matéria pré-jogo novamente assinada por Raphael de Angeli, direto de Budapeste. Após a matéria, ainda foi exibido no telão a agenda dos 4 jogos do dia seguinte. Apesar de toda a atenção para a Eurocopa, a Seleção Brasileira não foi mencionada nesta edição, sendo que ela também teria um jogo no dia seguinte contra a Colômbia na Copa América. Foram exibidos gols da Copa do Brasil e da Série B.

Na edição de 23 de junho, uma quarta-feira, tivemos a segunda edição das quatro que apresenta distorção do que foi apresentado na TV e o que foi disponibilizado na plataforma Globoplay. Logo no início, foi exibido o aviso de dez segundos alertando que a edição sofreu modificações para a versão web. O conteúdo retirado da edição foram mais uma vez os gols da Seleção Brasileira, desta vez na vitória contra a Colômbia por 2x1. É possível reparar o corte seco<sup>12</sup> aos 46 minutos e 29 segundos da íntegra do telejornal, mas o conteúdo permanecia disponível dentro de um vídeo separado intitulado “Cristiano Ronaldo garante a classificação de Portugal na Eurocopa”. Foi possível por este vídeo notar vários aspectos plásticos de forma detalhada sobre como os gols eram exibidos. O primeiro destaque é no critério estético, onde é possível notar que o SBT enviou os gols com a sua logomarca inserida exatamente no mesmo local e no mesmo tamanho que a marca d’água permanente da Globo, anulando assim a marca da emissora de origem pelos 24 segundos de imagem cedidas. No conteúdo, apenas o primeiro dos três gols da partida tiveram o replay exibido por outra câmera. Os demais foram apenas com a imagem da transmissão, sem focar na comemoração. O tempo total destinado a falar da vitória da seleção brasileira no Jornal da Globo foi de 48 segundos. Não houve análises profundas, apenas a descrição de quem fez o gol e a menção a classificação antecipada do Brasil para a próxima

---

<sup>12</sup> Jargão designado para determinar uma mudança abrupta de imagem, sem utilização de recursos de transição de tela

fase da competição. No total, o noticiário esportivo ocupou 8 minutos e 49 segundos da edição, e o tempo sobre a Seleção Brasileira representou apenas 9,07% do conteúdo esportivo do telejornal. Para comparar em apenas critérios quantitativos, a Eurocopa teve 3 minutos e 44 segundos de conteúdo nesta edição, totalizando 42,34% do tempo no noticiário esportivo, 4 vezes mais do que sobre a Seleção Brasileira. Não houve também qualquer menção ao outro jogo do mesmo dia da Copa América, o empate entre Equador e Peru por 2 a 2. Foi exibido um boletim de Renato Cury, a anunciando a rescisão de Danilo Avelar com o Corinthians por atos racistas cometidos pelo jogador. Na escalada, porém, apenas a Eurocopa e os gols do Brasileirão, exibidos mais tarde nesta edição, foram destacados.

Na edição de 24 de Junho, o noticiário esportivo ocupou 8 minutos e 32 segundos da edição. Pela primeira vez após 9 edições consecutivas, a Eurocopa não foi incluída nos destaques da escalada. Vale ressaltar que não houve jogos da competição neste dia, mas que ainda assim o assunto foi abordado com uma rápida informação em nota simples avisando que os jogos da Uefa Euro retornariam a partir do próximo sábado. Foram exibidos gols de 6 jogos do Campeonato Brasileiro, além de gols de Vasco e Cruzeiro pela Série B, além da tabela de classificação. Não houve nenhuma menção a Copa América ou a Seleção Brasileira.

Na edição de 25 de junho, a Eurocopa voltou a ser destaque na escalada do telejornal, mesmo que não houvesse nenhum jogo da competição neste dia. Como acontece tradicionalmente às sextas-feiras, não houve participação de coanoragem no bloco esportivo. Foram 6 minutos e 47 segundos de noticiário esportivo exibidos nesta edição, incluindo uma reportagem especial de Carlos Gil direto de Tóquio falando sobre a sede de aclimatação da delegação brasileira para os Jogos Olímpicos. O vôlei foi citado desta edição, com os algumas jogadas da derrota da seleção brasileira feminina na Liga das Nações. É a primeira vez desde o início do período analisado que uma notícia sobre um esporte que não seja o futebol foi exibida no telejornal. Vale destacar que os direitos de transmissão da Liga das Nações também pertence ao Grupo Globo. Uma reportagem especial da Eurocopa, destacando todos os oito jogos da fase de oitavas-de-final assinada por Raphael de Angeli de 2 minutos e 30 segundos foi exibida na sequência. Foram exibidos também os gols da Série B. A cobertura da Copa América novamente foi ignorada, assim como a Seleção Brasileira, que também iria jogar naquele fim de semana.

#### 4.2.2.3.1. Resumo da terceira semana de cobertura da Copa América

Nesta semana de cobertura foi possível perceber um grande distanciamento que o telejornal adotou em relação a Seleção Brasileira e Copa América. Apenas as informações relacionadas ao jogo contra o Peru foram noticiadas. O quadro abaixo demonstra as diferenças cada vez maiores nos esforços de cobertura entre a Copa América e a Eurocopa no Jornal da Globo.

Quadro 6 – Segunda Etapa: Terceira semana de cobertura da Copa América 2021 no Jornal da Globo

DATA DA EDIÇÃO	TEMPO TOTAL	TEMPO NOTICIÁRIO ESPORTIVO	SELEÇÃO BRASILEIRA	COPA AMÉRICA	EUROCOPA	OUTROS TEMAS
31/06/2021	40m20s	5m04s	-	-	ESC, REP	ESC. CMT, NTC
01/06/2021	54m27s	7m15s	-	-	ESC, NTC. REP	NTC
02/06/2021	54m04s	7m44s	NTC	NTC	ESC, NTC	ESC, BOL, NTC
03/06/2021	43m27s	7m19s	-	-	NTS	ESC, NTC
04/06/2021	49m42s	7m15s	-	-	ESC, REP	REP, NTC

Fonte: Globoplay e classificação do pesquisador

Nota: Siglas – Boletim (BOL); Destaque na Escalada (ESC); Nota Simples (NTS); Nota Coberta (NTC); Reportagem (REP); <sup>(f)</sup> Seleção Brasileira Feminina

Como é possível perceber, a coluna que demonstra os recursos empregados na cobertura da Copa América foram mínimos. Já em relação a Eurocopa, quatro dos cinco dias tiveram destaques da competição logo na escalada, seguido de três reportagens acionando os repórteres enviados a Europa, além do uso de nota coberta para mostrar os gols da competição. Ou seja, o jornalismo da Globo enviou uma equipe de reportagem do Brasil para a Europa, mas não teve a mesma postura em relação ao evento que acontece no próprio país e envolve a Seleção Brasileira.

#### 4.2.2.4. Quarta semana: Quartas-de-final da Copa América e Oitavas e Quartas-de-Final da Eurocopa (28 de junho a 1 de julho de 2021)

Na penúltima semana da Copa América e da Eurocopa, o Jornal da Globo intensificou a cobertura europeia, e permaneceu com a competição sul-americana em breves destaques apenas nos dias de jogos da Seleção Brasileira. Vale ressaltar, que em todo este período, Rodrigo

Bocardi foi o âncora, atuando com características diferentes de Lo Prete como mediador da atração. As críticas não foram tão intensas, e trechos com recursos de bom humor foram mais utilizados. Caio Maciel também passou a substituir Felipe Diniz na coâncoragem do bloco esportivo.

Em 28 de junho, a edição da segunda-feira do Jornal da Globo destacou na escalada a vitória do Bragantino no Campeonato Brasileiro, e que a Eurocopa teve 14 gols em dois jogos – ainda destacando que Espanha e Suíça avançaram para as quartas-de-finais. O noticiário esportivo teve o total de 9 minutos e 49 segundos, sendo que 5 minutos e 53 segundos foram dedicados exclusivamente para falar da Eurocopa. Além dos gols dos jogos das oitavas, ainda inseriram em nota coberta a repercussão da eliminação do França com uma mensagem de Pelé para Mbappé nas redes sociais. Também foi exibida uma matéria pré-jogo de Alemanha x Inglaterra, assinada por Marcelo Courrege, direto de Londres. Ao fim da matéria, ainda foi anunciado que o jogo passaria na Globo no dia seguinte, às 13h. Após a Eurocopa, houve destaques da rodada do Campeonato Brasileiro, seguido de duas breves notícias de dois esportes: tênis e vôlei. O destaque para o tênis veio através de uma homenagem na abertura de um dos jogos do evento, com a pesquisadora Sarah Gilbert, que colaborou no desenvolvimento das vacinas Oxford/AstraZeneca, sendo ovacionada. A nota coberta não entrou no mérito esportivo da competição, e não informou nenhum resultado. Na sequência, em nota simples, foi informado que o Brasil havia vencido a Polônia e havia se sagrado campeão da Liga das Nações no masculino. O evento, porém, foi realizado no dia anterior, no domingo, sendo essa uma informação fora do escopo temporal que o telejornal costuma abordar. Não foi mostrada nenhuma imagem da vitória no vôlei. Vale ressaltar que houve neste dia dois jogos da Copa América, que definiram os confrontos das quartas-de-final da competição, mas não foram citados os jogos e os classificados, ignorando a notícia da definição do adversário do Brasil na fase seguinte.

Na edição de 29 de junho houve uma novidade na escalada. Pela primeira vez um esporte diferente do futebol foi abordado nos destaques do telejornal. A informação das principais manchetes do JG era referente a vitória do Brasil sobre a Turquia no Pré-Olímpico de Basquete. Além desse destaque, a Eurocopa também foi citada na escalada, com a vitória da Inglaterra sobre a Alemanha, que teve mais cedo a transmissão da TV Globo. Apesar dos dois destaques esportivos na escaladas, o noticiário destinado ao esporte foi breve, com apenas 3 minutos e 11 segundos. Não houve coâncoragem na edição deste dia, e os gols da Eurocopa foram mostrados com um off previamente gravado pelo âncora Rodrigo Borcardi. Não houve nenhum tipo de

análise, ou comentário. Na sequência, uma reportagem de Renato Cury de 1 minuto e 42 segundos foi exibida analisando a vitória do Brasil no Pré-Olímpico de Basquete, e explicando como funciona o torneio classificatório. Vale ressaltar que o Pré-Olímpico de Basquete também era de direitos de transmissão do Grupo Globo, exibido nos canais Sportv. Não houve nenhuma menção a Seleção Brasileira ou a Copa América.

Na edição de 30 de junho, dois destaques esportivos foram incluídos na escalada. Primeiro o fim do contrato de Lionel Messi com o Barcelona, e os gols do Brasileirão. No bloco esportivo, Caio Maciel fez a primeira aparição na coâncoragem no período estudado. Foram 9 minutos e 17 segundos de tempo dedicado ao noticiário esportivo, com o resultado de e os gols de cinco jogos do Campeonato Brasileiro, além de 3 gols de jogos da Série B. Logo após, foi ao ar a cobertura da Eurocopa com 2 minutos e 43 segundos, incluindo uma reportagem de Felipe Brisola direto de Roma. Na matéria, houve análises e comentários sobre os quatro jogos da fase quartas-de-finais por parte do comentarista Pedrinho. Ao final da matéria, Caio Maciel ainda reforçou em nota simples que Bélgica e Itália teria transmissão da TV Globo no sexta.

Na sequência, ainda na edição de 30 de junho, foi ao ar uma nota coberta de 36 segundos explicando o fim do contrato de Messi com o Barcelona, mas não houve nenhuma menção que ele estava no Brasil junto com a delegação da Argentina disputando a Copa América. Para encerrar, mais uma vez houve destaque para o Pré-Olímpico de Basquete, com 44 segundos de nota coberta com os lances da vitória do Brasil sobre a Croácia, e uma breve explicação de como funcionariam os próximos passos da seleção de Basquete na busca pela vaga nos Jogos Olímpicos de Tóquio.

Na quarta-feira, na edição de 1º de julho de 2021, houve duas menções esportivas na escalada: os desfalques da Bélgica no jogo contra a Itália, e a vitória do Flamengo contra o Cuiabá. A edição foi a mais longa de todos os 31 programas analisados, com 1 hora, 1 minuto e 55 segundos de duração. Apesar do telejornal ter um tamanho superior ao normal, o bloco esportivo representou apenas 10,98% da edição, abaixo dos costumeiros números que ultrapassam os 15% e variam até a proporção de um quarto do tempo total. No bloco esportivo, dos 6 minutos e 48 segundos, 4 minutos e 22 segundos foram destinados a informações da Eurocopa, incluindo uma reportagem assinada pelo repórter Raphael de Angeli, direto de São Petersburgo, que analisou em profundidade as características das seleções de Bélgica e Itália, que se enfrentariam no dia seguinte. Pela primeira vez inclusive houve uma menção negativa sobre a competição europeia, alertando sobre o aumento de casos de COVID-19 nos países que

participaram do evento. Também foram mostrados gols em nota coberta do Brasileirão. Não houve menções à Seleção Brasileira ou Copa América na pauta deste dia.

Na edição do dia 2 de julho de 2021, houve a terceira das quatro modificações na versão de internet, tendo portanto conteúdo retirado em relação a edição que foi ar na TV naquele dia. Mais uma vez foi possível encontrar o ponto de corte da remoção, aos 33 minutos e 2 segundos da “íntegra”, com até mesmo um frame residual remanescente no vídeo com jogadores do Brasil comemorando o gol da vitória por 1 a 0 sobre o Chile. Como observado pelo pesquisador na edição que foi ao ar na TV, o gol da seleção foi exibido em nota coberta. Neste dia, diferente todos os outros analisados durante este estudo, não houve um bloco que se iniciasse falando exclusivamente sobre temas esportivos. O noticiário esportivo não veio após o intervalo, e sim, após uma matéria sobre garimpo ilegal na região de Roraima. Também não houve a presença de um coâncora para tratar sobre o esporte, como acontece nas sextas-feiras. Os gols dos dois jogos da Eurocopa foram descritos em nota coberta pelo próprio Rodrigo Bocardi, que na sequência chamou uma reportagem de pré-jogo com a prévia de República Tcheca e Dinamarca, assinada pelo repórter Felipe Brisola, direto de Roma. Na matéria também houve a segunda informação em dias consecutivos relacionando a COVID-19 com a Eurocopa, com os torcedores ingleses sendo barrados de entrar na Itália em razão do aumento de casos da variante Delta no Reino Unido. Apenas os gols da Série B foram exibidos além da Eurocopa no noticiário esportivo de 4 minutos e 27 segundos que estão disponíveis na plataforma Globoplay, mas como supracitado, há distorção na mensuração temporal e de conteúdo nesta edição em razão da modificação realizada na versão de internet do telejornal.

#### **4.2.2.4.1. Resumo da análise da quarta semana da Copa América (28 de junho a 1 de julho de 2021)**

Neste período de intensificação da importância da pauta sobre a participação da Seleção Brasileira na Copa América, já que o time se classificou para as quartas-de-finais e passou oficialmente a ter jogos onde a vitória definia uma classificação para a semifinais, e uma derrota a eliminação precoce no torneio, não houve a expansão dos esforços de cobertura sobre a competição como podemos ver no Quadro 5.

Quadro 7 – Segunda Etapa: Quarta semana de cobertura da Copa América 2021 no Jornal da Globo

DATA DA EDIÇÃO	TEMPO TOTAL	TEMPO NOTICIÁRIO ESPORTIVO	SELEÇÃO BRASILEIRA	COPA AMÉRICA	EUROCOPA	OUTROS EVENTOS
28/06/2021	42m33s	9m49s	-	-	ESC, NTC, NTC, REP, NTS	ESC, NTC, NTC, NTS
29/06/2021	49m11s	3m11s	-	-	ESC, NTC	ESC, REP
30/06/2021	41m21s	9m11s	-	-	ESC, REP, CMT, NTS	ESC, NTC, NTC
01/07/2021	1h01m55s	6m48s	-	-	ESC, REP, NTC	ESC, NTC
02/07/2021	38m17s*	4m27s*	NTC**	NTC**	ESC, NTC, REP	NTC

Fonte: Globoplay e classificação do pesquisador

Nota: Siglas – Boletim (BOL); Destaque na Escalada (ESC); Nota Simples (NTS); Nota Coberta (NTC); Reportagem (REP); <sup>(f)</sup> Seleção Brasileira Feminina

Foi verificado que, com as mesmas condições de evolução para a fase final do campeonato, a Eurocopa seguiu a expectativa de expansão da cobertura, tendo nesta semana a maior quantidade de destaques em relação a todas as outras semanas analisadas neste estudo. Em todos os dias desta semana, a competição europeia teve destaque na escalada do telejornal, com quatro reportagens exibidas no período, com repórteres fazendo conteúdo de profundidade, como uma espécie de “aquecimento” da pauta do dia seguinte, num esforço de gerar maior interesse para os jogos que seriam transmitidos pelo Grupo Globo.

Também foi verificado que o telejornal começou abordar com mais frequência notícias sobre outros esportes que não o futebol, como vôlei e basquete, sendo eles todos parte do programa olímpico. Desta forma, o JG iniciou nesta semana também a valorização do evento que iria começar no final de julho, e que teria transmissão da TV Globo.

#### **4.2.2.5. Quinta semana: Semifinais da Copa América e Eurocopa, e expectativas para a final das duas competições (5 de julho a 9 de julho de 2021)**

Na última semana completa de cobertura da Copa América e Eurocopa há a adição permanente de temas olímpicos na pauta do telejornal, com uma série especial chamada “Sentidos Olímpicos”, onde foram relacionados os 5 sentidos com a importância deles em algumas modalidades que são disputadas nos Jogos Olímpicos de verão. Apesar das reportagens especiais serem introduzidas antes do âncora declarar a abertura do “bate-papo esportivo”, por se tratar de um tema relacionado ao esporte, a série entra na contabilização do tempo do

noticiário esportivo. Como todas as reportagens ultrapassaram 5 minutos de duração, temos nesta semana os maiores volumes de conteúdo no noticiário esportivo de toda a cobertura analisada neste estudo, mas que não reflete necessariamente a maior quantidade de notícias sobre o esporte. A âncora Renata Lo Prete também reassumiu a bancada do telejornal por dois dias, voltando ao posto que estava sendo ocupado por Rodrigo Bocardi desde 18 de junho, mas deixaria novamente na terça-feira sua função à frente do telejornal para o substituto.

Na edição de 5 de Julho de 2021 temos a última das quatro edições que possuem o aviso de modificação na versão web. O ponto de corte foi encontrado aos 47 minutos e 30 segundos, onde mais uma vez o conteúdo retirado foi relacionado a Seleção Brasileira e sua participação na Copa América. No frame seguinte do ponto de corte é possível notar que no telão do estúdio ainda está o resultado “Brasil 1 x 0 Peru”. O gol e a informação da classificação para a final foi exibido na TV em nota coberta. Apesar da relevância da informação, ela não foi incluída na escalada, que teve destaque esportivo apenas para a primeira reportagem da série “Sentidos Olímpicos”. O bloco esportivo disponível na plataforma Globoplay possui 10 minutos e 19 segundos, sendo a maior parte do noticiário dedicado aos Jogos Olímpicos de Tóquio. Na cobertura do evento que começaria em 18 dias, incluíram a primeira parte da série especial “Sentidos Olímpicos”, e um boletim de Carlos Gil, direto de Tóquio em formato “falso vivo” com imagens da chegada de Ana Sátila, a primeira integrante do Time Brasil a se estabelecer em Tóquio. A Eurocopa também foi destacada, com uma reportagem de Raphael de Angeli, direto de Londres, destacando a prévia da semifinal entre Itália e Espanha que seria jogada no dia seguinte. Ao fim da reportagem, ainda foi mais uma vez destacado em nota simples que o jogo seria transmitido pela TV Globo no dia seguinte.

No dia 6 de julho de 2021, a edição do telejornal contou com três destaques esportivos na escalada, o maior número até então de manchetes do tema esportivo em todo o período analisado. Foram mencionadas a vitória do Santos sobre o Athletico Paranaense, um destaque da Eurocopa envolvendo a primeira chance da Inglaterra chegar até a final do evento na sua história, e a reportagem da série “Sentidos Olímpicos”. O noticiário esportivo teve o total de 9 minutos e 45 segundos, sendo a Eurocopa destacada em nota coberta com gols da Itália sobre a Espanha, além de uma reportagem pré-jogo assinada pela repórter Marina Izidro, direto de Londres, com a prévia de Inglaterra e Dinamarca. Houve a exibição reportagem especial sobre os sentidos nos Jogos Olímpicos, e também gols de outros três jogos de competições nacionais. No final do noticiário esportivo foi dada a primeira informação sobre a Copa América que não envolvesse resultados da Seleção Brasileira no âmbito puramente esportivo desde o início da

cobertura. Em 7 segundos, o coâncora Caio Maciel informou em nota simples que a Argentina ganhou da Colômbia nos pênaltis e iria enfrentar o Brasil na final da Copa América. Não foi informado o placar, e nem quando seria a final da competição. Essa foi a última vez que o tema Copa América foi citado no período estudado pelo Jornal da Globo. Como o assunto envolve a Seleção, que foi citada como “Brasil” na nota simples, o assunto foi categorizado também como “Seleção Brasileira” no quadro 6, disponível no subcapítulo seguinte.

Em 7 de julho, dois assuntos esportivos foram destacados na escalada: a vitória do Palmeiras sobre o Grêmio que deu a liderança momentânea da competição ao alviverde, e a terceira parte da série especial sobre os sentidos nos Jogos Olímpicos. O bloco esportivo teve 10 minutos e 21 segundos, sendo uma pequena parcela destinada a falar sobre a Eurocopa. Em 1 minuto e 17 segundos, o coâncora Caio Maciel descreveu os gols da vitória da Inglaterra sobre a Dinamarca em nota coberta, e anunciou que a final entre Itália e Inglaterra seria transmitida no próximo domingo, às 16h, na TV Globo. Essa foi a última menção a Eurocopa no Jornal da Globo no período observado. Após os destaques da Euro, foram mostrados gols de 7 jogos do Campeonato Brasileiro.

Em 8 de julho, Rodrigo Bocardi voltou a substituir Renata Lo Prete na bancada do telejornal. Na escalada, mais uma vez três manchetes esportivas. Foram destacados a vitória do Corinthians sobre a Chapecoense, a confirmação que não haveria presença de público nos eventos olímpicos em Tóquio, além da quarta parte da série “Sentidos Olímpicos”. O bloco esportivo teve 7 minutos e 43 segundos, com a maior parte destinada a cobertura dos Jogos Olímpicos. Houve pela primeira vez em todas as edições acompanhadas neste período, um link ao vivo no bloco esportivo, com Carlos Gil falando direto de Tóquio, com um boletim que abordou a chegada da chama olímpica no Japão e informando sobre a proibição de público nos eventos. Não houve menções a Eurocopa, Copa América ou Seleção Brasileira. Desde 10 de junho, a Eurocopa era ao menos mencionada no telejornal, interrompendo assim uma sequência de 20 edições consecutivas com menções ao campeonato europeu de seleções no JG.

No dia 9 de julho, na última edição do Jornal da Globo que foi ao ar antes da realização da final da Copa América, que seria jogada em clássico entre Brasil e Argentina no dia seguinte, não houve nenhuma informação sobre a partida. Também não houve nenhum tipo de cobertura relacionada a final da Eurocopa, que seria decidida no domingo entre Inglaterra e Itália. Curiosamente, esta foi a única edição das 31 analisadas em que nenhuma notícia sobre o esporte foi ao ar. No tema esportivo, apenas a última reportagem especial da série “Sentidos Olímpicos”

foi exibida, com destaque inclusive na escalada. A apresentação do bloco esportivo foi apenas com Rodrigo Borcardi, sem a presença de outro coâncora ou comentarista.

#### 4.2.2.5.1. Resumo da análise da quinta semana (5 de julho a 9 de julho de 2021)

Nesta semana que as semifinais foram realizadas e que antecipou as finais da Copa América e Eurocopa, os Jogos Olímpicos passaram a ganhar protagonismo na pauta do Jornal da Globo, dado que o início do evento estava muito próximo, o que é completamente aceitável em termos de função jornalística para a sociedade. No quadro abaixo, é possível observar como a coluna “outros eventos” apresentou uma variedade enorme de conteúdos em relação as demais.

Quadro 8 – Segunda Etapa: Quinta semana de cobertura da Copa América 2021 no Jornal da Globo

DATA DA EDIÇÃO	TEMPO TOTAL	TEMPO NOTICIÁRIO ESPORTIVO	SELEÇÃO BRASILEIRA	COPA AMÉRICA	EUROCOPA	OUTROS TEMAS
05/07/2021	49m21s*	10m10s*	NTC	NTC	REP	ESC, REP, BOL
06/07/2021	51m47s	8m45s	NTS	NTS	ESC, NTC, REP	ESC, ESC, REP, NTC
07/07/2021	54m56s	10m21s	-	-	NTC, NTS	ESC, ESC REP, NTC
08/07/2021	50m55s	7m43s	-	-	-	ESC, ESC, ESC, BOL, REP, VIVO
09/07/2021	50m58s	5m19s	-	-	-	ESC, REP

Fonte: Globoplay e classificação do pesquisador

Nota: Siglas – Boletim (BOL); Destaque na Escalada (ESC); Link Ao Vivo (VIVO); Nota Simples (NTS); Nota Coberta (NTC); Reportagem (REP);

A omissão de algum material pré-jogo de uma final envolvendo Brasil e Argentina, diante de tantas reportagens pré-jogo da Eurocopa apresentadas nestes 44 dias, demonstra o quanto o Jornal da Globo evitou divulgar o evento, de forma que seu jornalismo não promovesse nenhuma possibilidade de esvaziar audiência da TV Globo na noite de sábado, quando a final seria jogada no Maracanã, com transmissão exclusiva do SBT na TV aberta. Tal comportamento fere a função do jornalismo como fonte de alimentação das informações mais relevantes para o público. Mesmo que a final da Eurocopa tenha sido pouco abordada nas edições desta semana, não há justificativa que não envolva estratégia comercial e lógica de mercado para remover tamanho assunto de interesse público da pauta esportiva do telejornal.

#### 4.2.2.6. A edição pós-Copa América e pós-Eurocopa de 2021 no Jornal da Globo

Nesta última semana de cobertura, apenas a edição que foi ao ar na segunda-feira foi analisada, com o objetivo de encontrar alguma forma de reverberação do que aconteceu nas finais da Copa América e Eurocopa realizadas respectivamente no sábado e domingo anterior a edição. Este mesmo padrão foi aplicado nas análises de coberturas comparativas das edições da Copa América de 2019 e 2016 (detalhadas no próximo capítulo), a fim de entender a cobertura pós-evento. Por conter apenas uma edição, o resumo da análise já será inserido neste mesmo subcapítulo.

Na edição de 12 de julho de 2021, apesar da hipótese de haver uma abordagem analítica após as finais, com alguma menção do pós-evento na cobertura da Copa América e Eurocopa, nenhuma das duas competições foram abordadas na pauta esportiva do telejornal, assim como qualquer citação envolvendo a derrota da Seleção Brasileira para a Argentina na final da Copa América. Todos os esforços de cobertura do telejornal se voltaram para os Jogos Olímpicos. Com o retorno de Renata Lo Prete na ancoragem da atração, dois assuntos olímpicos foram citados na escalada: a chegada dos atletas brasileiros a Tóquio e a abertura oficial da Vila Olímpica na cidade-sede do evento.

Aliás, vale ressaltar que a pauta olímpica tomou integralmente os 2 minutos e 48 segundos do noticiário esportivo, que também foi o menor percentual encontrado de assuntos ligados ao esporte em uma edição do período analisado (apenas 6,30% dos 44 minutos e 26 segundos totais do telejornal). A repórter Carol Barcelos foi acionada em um link ao vivo, e trouxe as informações que foram destacadas na escalada do telejornal em um boletim diretamente da Vila Olímpica, destacando também que faltavam apenas dez dias para a abertura dos Jogos Olímpicos.

Para se manter o padrão de elementos inseridos, abaixo é possível ver o quadro que resume a cobertura da última semana de análise das edições do JG, destacando o único programa estudado nesta semana final.

Quadro 9 – Segunda Etapa: Edição Pós-Copa América e Pós Eurocopa de 2021 no Jornal da Globo

DATA DA EDIÇÃO	TEMPO TOTAL	TEMPO NOTICIÁRIO ESPORTIVO	SELEÇÃO BRASILEIRA	COPA AMÉRICA	EUROCOPA	OUTROS TEMAS
12/07/2021	40m20s	2m48s	-	-	-	ESC, BOL, VIVO

Fonte: Globoplay e classificação do pesquisador

Nota: Siglas – Boletim (BOL); Destaque na Escalada (ESC); Link Ao Vivo (VIVO)

Chega causar estranheza não ter nenhum assunto relacionado a pauta da Eurocopa, ainda mais diante de toda profundidade de cobertura que o JG realizou durante o evento. É de se imaginar que, sem a necessidade de divulgar o evento que não teria jogos futuros na programação dos canais do Grupo Globo, não houve interesse de colocá-lo na pauta do último telejornal a ir ao ar no dia por se tratar de uma pauta com “pouco calor”. Em contrapartida, já foi possível observar a expansão de esforço jornalístico na cobertura olímpica, com o objetivo de valorizar os Jogos Olímpicos, já que este evento começaria a ser transmitido na programação da emissora na semana seguinte.

## **5. COMPARAÇÕES DE COBERTURA JORNALÍSTICA: AS DIFERENÇAS DE ABORDAGEM SOBRE A COPA AMÉRICA E A SELEÇÃO BRASILEIRA NA PAUTA DO JORNAL DA GLOBO NAS EDIÇÕES DE 2021, 2019 E 2016**

Para encerrar a análise de conteúdo, este capítulo propõe um estudo comparativo para entender as diferenças de cobertura jornalística do Jornal da Globo nas últimas três edições da Copa América, realizadas respectivamente em 2021, 2019 e 2016. Destas duas últimas, a TV Globo possuía os direitos de transmissão na TV aberta, diferente do que aconteceu em 2021.

Para realizar essa comparação, serão apresentados breve resumos da cobertura da Copa América de 2019 e 2016, analisando e classificando-as com as mesmas métricas de formatos de conteúdo e gênero jornalístico propostos no Quadro 1, apresentado no capítulo anterior, além da medição de tempo total do telejornal, juntamente com o tempo do bloco esportivo nas ocasiões em que a plataforma Globoplay permitiu tal observação. Foram delimitados períodos de coleta das edições de forma semelhante ao que foi aplicado na segunda etapa da cobertura de 2021: o período de análise de cobertura se inicia na semana anterior ao jogo de abertura da competição e se encerra na segunda-feira seguinte à final do campeonato.

Com relação as semelhanças da Copa América 2021 com a de 2019, ambas foram realizadas no Brasil, repetindo algumas cidades-sedes e estádios, como o Maracanã, que em ambas as oportunidades recebeu a final. A Seleção Brasileira realizou nestas duas edições uma campanha que atingiu a classificação para a final. Os dois eventos foram realizados entre junho e julho nos seus respectivos anos.

A ampliação do estudo para a Copa América de 2016, chamada de Copa América Centenário, se deu além da cronologia passada dos eventos, pelas características também semelhantes com a edição de 2021. Por questões de adiamentos causados pela pandemia de covid-19, Eurocopa e Copa América foram disputadas de forma simultânea em 2021. Essa concomitância também ocorreu em 2016, com ambas as competições tendo direitos de transmissão da TV Globo. Naquele ano, para comemorar os 100 anos da Copa América, a CONMEBOL realizou uma edição especial, nos Estados Unidos, quebrando assim os ciclos de quatro anos entre as edições da competição, e realizando duas Copas Américas em intervalo de dois anos pela primeira vez desde a década de 1950. Foi a primeira vez desde 2004 que os o campeonato europeu de seleção foi realizado no mesmo ano do Sul-Americano.

### **5.1. Resumo da cobertura da Copa América 2019 no Jornal da Globo**

A Copa América de 2021 teve um formato de primeira fase diferente do que o de 2019. Em 2021, a Copa América foi disputada com 10 times na primeira fase, com dois grupos de cinco, nos quais os quatro primeiros se classificavam para as quartas-de-final. O evento teve 26 jogos, uma a menos do que a edição de 2019. Contudo, em razão da primeira fase ser mais extensa, com quatro jogos em vez de três para cada seleção, e adicionando uma folga para cada time em uma das cinco rodadas iniciais, o regulamento proporcionou uma competição ligeiramente mais longa. Com isso, a segunda etapa da análise da Copa América 2021 apresentou 24 edições no período analisado, enquanto a de 2019 apresentou 21 edições. O período de análise da edição de 2019 vai da edição de 10 de junho de 2019 até a edição de 8 de julho de 2019, totalizando 29 dias corridos.

Sobre as características do JG em 2019, o formato de coanoragem do bloco esportivo não era um elemento fixo do telejornal, sendo algo que seria adotado pontualmente durante a cobertura da Copa América com a presença de Felipe Diniz. Além dele, o comentarista Samy Dana possuía também uma participação recorrente, com uma coluna de comentários na qual ele palpitava os resultados através de um modelo estatístico.

Vale ressaltar que diferentemente de 2016 e 2021, não houve realização da Eurocopa concomitante à Copa América em 2019. No entanto, houve a realização de outro grande evento, que assim como a Eurocopa, fazia parte dos direitos de transmissão da TV Globo. A Copa do Mundo de Futebol Feminino, principal torneio de seleções femininas, teve destaque na programação da Globo na edição de 2019, sobretudo nos jogos que envolveram a Seleção Brasileira Feminina. Houve recorrência de conteúdos sobre o evento, com cobertura relevante no JG. Portanto, para ocupar o lugar que ficou vago com a ausência da Eurocopa nos elementos textuais, a Copa do Mundo de Futebol Feminino passou a ocupar essa posição na 6ª coluna, com a abreviatura “Copa do Mundo Fem.”.

Seguem abaixo os cinco quadros que tratam sobre os formatos de conteúdo e a recorrência deles nas cinco semanas de cobertura da Copa América de 2021. Apenas para manter o padrão estabelecido pelo Quadro 2 e pela análise de 2021, que estabeleceu uma subdivisão semanal para acompanhar a cobertura do evento, os quadros abaixo estão subdivididos em quatro semanas, além da edição pós-Copa América de 2019.

Quadro 10 – Primeira semana da cobertura da Copa América 2019 no Jornal da Globo

DATA DA EDIÇÃO	TEMPO TOTAL	TEMPO NOTICIÁRIO ESPORTIVO	SELEÇÃO BRASILEIRA	COPA AMÉRICA	COPA DO MUNDO FEM.	OUTROS TEMAS
10/06/2019	44m56s	07m43s	ESC, ESC, REP, REP	ESC, REP	ESC, REP	ESC, CMT, NTC, NTC
11/06/2019	38m08s	11m06s	ESC, ESC, ESC, CMT, D&C, REP, REP	ESC, ESC, REP, D&C	ESC, REP, NTC	ESC
12/06/2019	41m11s	08m29s	ESC, ESC, REP, REP	ESC, REP	ESC, REP	ESC, NTC
13/06/2019	44m41s	14m35s	ESC, ESC, ESC, CMT, REP, REP	ESC, ESC, REP, CMT, D&C	ESC, REP	ESC, ESC, NTC
14/06/2019	48m11s	07m41s	ESC, VIVO, REP, NTC, NTC, CMT, REP	ESC, VIVO, REP, NTC, NTC, CMT	REP	REP

Fonte: Globoplay e classificação do pesquisador

Nota: Siglas – Boletim (BOL); Comentário (CMT); Crônica (CRO); Destaque da Escalada (ESC); Dossiê e Cronologia (D&C); Editorial (ED); Link Ao Vivo (VIVO); Nota Coberta (NTC); Nota Simples (NTS); Reportagem (REP); Resenha (RES).

Quadro 11 – Segunda semana da cobertura da Copa América 2019 no Jornal da Globo

DATA DA EDIÇÃO	TEMPO TOTAL	TEMPO NOTICIÁRIO ESPORTIVO	SELEÇÃO BRASILEIRA	COPA AMÉRICA	COPA DO MUNDO FEM.	OUTROS TEMAS
17/06/2019	34m45s	07m35s	ESC, REP, CMT, REP	ESC, BOL, REP, CMT	ESC, REP	---
18/06/2019	39m53s	07m46s	ESC, ESC, VIVO, REP, REP, REP, NTC, NTC, CMT	ESC, VIVO, REP, REP, NTC, BOL, NTC, CMT	ESC, REP	---
19/06/2019	34m40s	07m53s	VIVO, BOL, REP	ESC, NTC, BOL, VIVO, BOL, REP, CMT	REP	---
20/06/2019	34m14s	10m42s	ESC, ESC, REP, CMT, REP	ESC, ESC, BOL, REP	ESC, REP, NTS	---
21/06/2019	39m44s	11m05s	ESC, REP, REP, CMT, REP	ESC, ESC, BOL, REP, REP, CMT	REP	REP, NTS

Fonte: Globoplay e classificação do pesquisador

Quadro 12 – Terceira semana da cobertura da Copa América 2019 no Jornal da Globo

DATA DA EDIÇÃO	TEMPO TOTAL	TEMPO NOTICIÁRIO ESPORTIVO	SELEÇÃO BRASILEIRA	COPA AMÉRICA	COPA DO MUNDO FEM.	OUTROS TEMAS
----------------	-------------	----------------------------	--------------------	--------------	--------------------	--------------

24/06/2019	35m33s	10m34s	ESC, NTC, REP, REP	ESC, ESC, ESC, BOL, BOL, NTC, NTS	REP	CMT, NTC
25/06/2019	36m46s	07m21s	ESC, REP, REP, CMT, D&C, NTC	ESC, REP, REP, CMT, D&C	NTC, NTC, NTC	---
26/06/2019	35m05s	05m28s	ESC, REP, REP, CMT	ESC, REP, REP, CMT	---	---
27/06/2019	33m28s	09m55s	ESC, VIVO, BOL, NTC, NTC, CMT	ESC, VIVO, NTC, BOL, NTC, REP, REP, REP, CMT	NTC	---
28/06/2019	38m41s	11m40s	ESC, ESC, NTC, VIVO, BOL	ESC, ESC, ESC, BOL, REP, REP, CMT	NTC	REP

Fonte: Globoplay e classificação do pesquisador.

Nota: Siglas – Boletim (BOL); Comentário (CMT); Crônica (CRO); Destaque da Escalada (ESC); Dossiê e Cronologia (D&C); Editorial (ED); Link Ao Vivo (VIVO); Nota Coberta (NTC); Nota Simples (NTS); Reportagem (REP); Resenha (RES).

Quadro 13 – Quarta semana da cobertura da Copa América 2019 no Jornal da Globo

DATA DA EDIÇÃO	TEMPO TOTAL	TEMPO NOTICIÁRIO ESPORTIVO	SELEÇÃO BRASILEIRA	COPA AMÉRICA	COPA DO MUNDO FEM.	OUTROS TEMAS
01/07/2019	34m47s	09m15s	ESC, REP, REP, CMT, REP	ESC, REP, CMT, REP	---	NTC, CMT
02/07/2019	36m46s	12m15s	ED, VIVO, CMT, RES, NTC, NTS, VIVO, REP, REP	ED, VIVO, CMT, RES, REP, NTC, NTS, VIVO, REP	NTC, NTC	NTS
03/07/2019	33m28s	05m31s	ESC, NTC, BOL, BOL	ESC, NTC, BOL, BOL	NTC	---
04/07/2019	32m40s	04m31s	ESC, REP, REP	ESC, REP	---	---
05/07/2019	30m04s	12m27s	ESC, REP, REP, REP, CMT	ESC, REP, REP, REP, REP, REP, CMT	ESC, REP	ESC, REP

Fonte: Globoplay e classificação do pesquisador.

Nota: Siglas – Boletim (BOL); Comentário (CMT); Crônica (CRO); Destaque da Escalada (ESC); Dossiê e Cronologia (D&C); Editorial (ED); Link Ao Vivo (VIVO); Nota Coberta (NTC); Nota Simples (NTS); Reportagem (REP); Resenha (RES).

Quadro 14 – Edição Pós-Copa América 2019 no Jornal da Globo

DATA DA EDIÇÃO	TEMPO TOTAL	TEMPO NOTICIÁRIO ESPORTIVO	SELEÇÃO BRASILEIRA	COPA AMÉRICA	COPA DO MUNDO FEM.	OUTROS TEMAS
08/07/2019	34m49s	05m50s	ESC, NTC, CMT, RES	ESC, NTC, CMT, RES	---	REP

6. Fonte: Globoplay e classificação do pesquisador.

7. Nota: Siglas – Boletim (BOL); Comentário (CMT); Crônica (CRO); Destaque da Escalada (ESC); Dossiê e Cronologia (D&C); Editorial (ED); Link Ao Vivo (VIVO); Nota Coberta (NTC); Nota Simples (NTS); Reportagem (REP); Resenha (RES).

## **5.2. Resumo da cobertura da Copa América de 2016 no Jornal da Globo**

A Copa América de 2016, conhecida também como Copa América Centenário, foi realizada no mês de junho de 2016, em 14 cidades-sede nos Estados Unidos, e teve seleções da CONCACAF convidadas para compor os 16 participantes (os dez membros da COMEMBOL, mais Estados Unidos, México, Costa Rica, Panamá, Jamaica e Haiti). Assim como aconteceu em 2019, a Copa América de 2016 teve um formato de disputa onde cada time participante realizou três jogos na primeira fase. Contudo, diferente do que aconteceu em 2019, a primeira fase possuía quatro grupos de quatro times, um grupo a mais do que a edição de 2019 e dois a mais do que a de 2021. Isso não mudou o tamanho do período de competição, mas proporcionou uma competição com mais jogos: 32, cinco a mais do que em 2019, e seis a mais do que em 2021.

Assim como em 2019, a edição da Copa América de 2016 apresentou um período de análise que compreendeu a segunda-feira anterior ao início da cobertura, e a primeira segunda-feira após a final da competição. Foram 21 edições do Jornal da Globo analisadas, mesma quantidade de 2019, três a menos do que 2021. O período de análise foi da edição de 30 de maio de 2016 e a edição de 28 de junho de 2016, totalizando 29 dias corridos.

Diferentemente de 2021 e 2019, o Jornal da Globo era apresentado por William Wack, e não por Renata Lo Prete como âncora titular. Entretanto, Lo Prete era a substituta de Waack e apresentou 6 edições das 21 analisadas. Vale ressaltar que, como citado no capítulo 3, cada âncora titular impõe uma fase diferente ao JG, sendo este de 2016 distinto em linguagem, estilo e formato comparado ao de 2021 e 2019. O JG neste período apresenta características mais eruditas, das quais os comentaristas parecem mais distante e impessoais no contato com Waack. O bloco esportivo em dias de jogos era comandado por Cléber Machado, com o já extinto “Placar da Rodada”. O coapresentador do noticiário esportivo intervinha apenas nas segundas-feiras, com a participação de Luís Roberto, e em vez de apenas trazer apenas as notícias e os gols, também opinava com profundidade através de resenha.

Também vale ressaltar que a plataforma Globoplay não possui as edições na íntegra do Jornal da Globo neste período de 2016. Os trechos do telejornal estão separados pelos assuntos principais abordados no dia. Logo, não houve como mensurar o tempo total da edição.

Há de se destacar que a Seleção Brasileira foi eliminada na primeira fase do torneio, culminado na demissão do técnico Dunga, e a contratação do técnico Tite. A Eurocopa passou a ser disputada a partir de 10 de junho, por isso, possui pouca recorrência de pautas antes da data do seu início.

Segue abaixo os cinco quadros que tratam sobre os formatos de conteúdo e a recorrência deles nas cinco semanas de cobertura da Copa América de 2016.

Quadro 15 – Primeira semana da cobertura da Copa América Centenário (2016) no Jornal da Globo

DATA DA EDIÇÃO	TEMPO NOTICIÁRIO ESPORTIVO	SELEÇÃO BRASILEIRA	COPA AMÉRICA	EUROCOPA	OUTROS TEMAS
30/05/2016	07m29s	VIVO, BOL, NTC, RES, NTC	VIVO, BOL, NTC, RES, NTC	-	NTC, NTC, CMT
31/05/2016	04m14s	VIVO, BOL	VIVO, BOL	-	REP, NTC
01/06/2016	06m05s	VIVO, BOL	VIVO, BOL	-	NTC, NTC
02/06/2016	05m23s	VIVO, BOL	VIVO, BOL	-	REP, NTC
03/06/2016	04m38s	VIVO, BOL	VIVO, BOL	-	REP, REP

Fonte: Globoplay e classificação do pesquisador.

Nota: Siglas – Boletim (BOL); Comentário (CMT); Crônica (CRO); Destaque da Escalada (ESC); Dossiê e Cronologia (D&C); Editorial (ED); Link Ao Vivo (VIVO); Nota Coberta (NTC); Nota Simples (NTS); Reportagem (REP); Resenha (RES).

Quadro 16 – Segunda semana da cobertura da Copa América Centenário (2016) no Jornal da Globo

DATA DA EDIÇÃO	TEMPO NOTICIÁRIO ESPORTIVO	SELEÇÃO BRASILEIRA	COPA AMÉRICA	EUROCOPA	OUTROS TEMAS
06/06/2016	07m18s	REP, RES, NTC, NTC	REP, RES, NTC, NTC	-	NTC
07/06/2016	03m12s	REP	REP, NTC	-	NTC, NTC
08/06/2016	06m20s	RES, CMT, NTC	RES, CMT	NTC	NTC, NTC, NTC
09/06/2016	01m47s	-	NTC	-	REP
10/06/2016	06m40s	VIVO, REP	VIVO, REP	REP	REP, REP

Fonte: Globoplay e classificação do pesquisador.

Nota: Siglas – Boletim (BOL); Comentário (CMT); Crônica (CRO); Destaque da Escalada (ESC); Dossiê e Cronologia (D&C); Editorial (ED); Link Ao Vivo (VIVO); Nota Coberta (NTC); Nota Simples (NTS); Reportagem (REP); Resenha (RES).

Quadro 17 – Terceira semana da cobertura da Copa América Centenário (2016) no Jornal da Globo

DATA DA EDIÇÃO	TEMPO NOTICIÁRIO ESPORTIVO	SELEÇÃO BRASILEIRA	COPA AMÉRICA	EUROCOPA	OUTROS TEMAS
13/06/2016	08m46s	RES, CMT	-	REP	NTC, CMT
14/06/2016	07m17s	VIVO, BOL, CMT, D&C	NTC	NTC	REP, NTC
15/06/2016	08m56s	REP	REP	REP	REP, NTC
16/06/2016	04m56s	-	-	NTC, REP	BOL, NTC, REP, NTC
17/06/2016	07m47s	-	NTC	REP	VIVO, BOL, REP, REP, NTC

Fonte: Globoplay e classificação do pesquisador.

Nota: Siglas – Boletim (BOL); Comentário (CMT); Crônica (CRO); Destaque da Escalada (ESC); Dossiê e Cronologia (D&C); Editorial (ED); Link Ao Vivo (VIVO); Nota Coberta (NTC); Nota Simples (NTS); Reportagem (REP); Resenha (RES).

Quadro 18 – Quarta semana da cobertura da Copa América Centenário (2016) no Jornal da Globo

DATA DA EDIÇÃO	TEMPO NOTICIÁRIO ESPORTIVO	SELEÇÃO BRASILEIRA	COPA AMÉRICA	EUROCOPA	OUTROS TEMAS
20/06/2016	11m45s	REP, RES	-	REP	NTC, CMT, REP, RES, RES
21/06/2016	05m11s	-	NTC	REP	REP, BOL, NTC
22/06/2016	07m37s	-	NTC	REP, NTC	NTC
23/06/2016	02m57s	-	-	-	BOL, NTC, REP
24/06/2016	04m19s	-	-	REP	REP, NTC

Fonte: Globoplay e classificação do pesquisador.

Nota: Siglas – Boletim (BOL); Comentário (CMT); Crônica (CRO); Destaque da Escalada (ESC); Dossiê e Cronologia (D&C); Editorial (ED); Link Ao Vivo (VIVO); Nota Coberta (NTC); Nota Simples (NTS); Reportagem (REP); Resenha (RES).

Quadro 19 – Edição Pós-Copa América Centenário (2016) no Jornal da Globo

DATA DA EDIÇÃO	TEMPO NOTICIÁRIO ESPORTIVO	SELEÇÃO BRASILEIRA	COPA AMÉRICA	EUROCOPA	OUTROS TEMAS
27/06/2016	07m23s	-	REP	REP, RES	NTC

Fonte: Globoplay e classificação do pesquisador.

Nota: Siglas – Boletim (BOL); Comentário (CMT); Crônica (CRO); Destaque da Escalada (ESC); Dossiê e Cronologia (D&C); Editorial (ED); Link Ao Vivo (VIVO); Nota Coberta (NTC); Nota Simples (NTS); Reportagem (REP); Resenha (RES).

### **5.3. Metodologia de comparação: critérios e parâmetros utilizados para estabelecer valores de diferenciação de conteúdo jornalístico das coberturas de 2021, 2019 e 2016**

Para realizar a análise comparativa da cobertura da Copa América dos três anos previamente analisados, serão utilizadas duas abordagens metodológicas: análise comparativa quantitativa e análise comparativa qualitativa.

O primeiro método se dá maneira em que, após contabilizados todas as inserções de gêneros/formatos, os dados obtidos são comparados a partir desta quantidade de conteúdos exibidos sobre cada tipo de tema, e contrastados entre os três diferentes anos de cobertura, além de comparar as duas etapas de 2021 para tratar especificamente dos temas Copa América e Seleção Brasileira.

O método qualitativo possui maior complexidade. Os formatos de conteúdo jornalístico foram classificados pelo pesquisador em quatro categorias de valor atribuído aos esforços de produção, somados ao uso de formatos complementares para destacar temas numa cobertura jornalística, causando assim maior impacto. Foram atribuídos pesos de 1 a 4, que levam em conta o esforço despendido para produzir o formato de conteúdo e leva-lo ao ar, além das três categorias de destaque, que proporcionam uma bonificação na pontuação (destaque na escalada, editorial e link ao vivo). Os formatos também foram comparados entre si em quatro subclassificações atribuídas a seus objetivos específicos numa cobertura. De acordo com a classificação do pesquisador, os quatro objetivos são: primariamente noticiar um fato, destacar a cobertura do fato/notícia, aprofundar ou apoiar a cobertura do fato/notícia, e formatos especiais que podem servir ou não a uma cobertura. Vale frisar que não está sendo medida nenhuma forma de classificação de relevância da notícia, ou de importância do seu valor-notícia na cobertura, e sim, somente o esforço realizado pela equipe de jornalismo na produção de conteúdo e intenção de destaque.

No quadro abaixo é possível ver a pontuação definida para cada um dos formatos analisados neste estudo, destacando nas cores citadas nas legendas as subcategorizações de objetivo aplicados pela opinião do pesquisador. Após o quadro, são justificadas a pontuações atribuídas a de cada formato.

Quadro 20 – Parâmetros de pontuação dos formatos de conteúdo jornalístico utilizados no método qualitativo

PESO 4	PESO 3	PESO 2	PESO 1
Reportagem (REP)	Boletim (BOL)	Nota Coberta (NTC)	Nota Simples (NTS)
Editorial (ED)	Destaque na Escalada (ESC)	Melhores Momentos (MM)	Enquete (ENQ)
Link Ao Vivo (VIVO)	Caricatura (CAR)	Comentário (CMT)	
Entrevista Especial (ENT)	Crônica (CRO)	Resenha (RES)	
Perfil (PER)			
Dossiê e cronologia (D&C)			

Fonte: Classificação do pesquisador

Notas: As quatro cores destacadas representam os objetivos classificados pelo pesquisador de cada formato, sendo eles:

	Formatos primariamente utilizados para noticiar um fato
	Formatos que destacam a cobertura de um fato/notícia
	Formatos que aprofundam ou servem de apoio a cobertura de fato/noticia
	Formatos que não precisam necessariamente estar conectados a um fato/notícia

Na opinião do pesquisador, uma nota simples possui qualidade de conteúdo e esforço jornalístico inferior do que uma nota coberta, boletim ou reportagem. Desta forma, o formato recebeu o menor peso de formato noticioso. Também foi atribuído peso para enquete, que, apesar de dar voz a audiência, é um recurso de baixo esforço de produção jornalística.

Em relação aos formatos que receberam peso 2, a nota coberta entra nessa categorização por exigir menor esforço do que o boletim e reportagem, mas maior do que a nota simples para noticiar um fato. A categoria “melhores momentos” recebe essa pontuação por ser uma reprodução de um recorte que foi ao ar mais cedo. O “comentário” e a “resenha” recebem 2 pontos de peso por serem elementos que complementam a notícia, mas não exigem enormes esforços de produção de material jornalístico, ainda que, tenham mais valor do que a enquete.

Os formatos que receberam peso 3 foram Boletim (BOL), Destaque na Escalada (ESC), Caricatura (CAR) e Crônica (CRO). O boletim possui essa pontuação por ser um elemento de cobertura que necessita menor esforço do que a reportagem, já que, não precisa ouvir alguma fonte envolvida de acordo com a classificação apresentada no Quadro 1, mas também possui maior esforço do que a nota coberta e a nota simples. O destaque na escalada é um realce noticioso de algum conteúdo que vai ao ar no telejornal, por isso, possui caráter de bonificação nesta classificação. No caso do Jornal da Globo, o destaque da escalada é importante, mas tem menor valor do que o editorial, que contém o principal destaque da edição no dia, e que abre o telejornal. A crônica dentro do JG possui função de realce opinativo, e demanda uma edição e produção maior do que a resenha e o comentário. Por este motivo, recebe um peso maior do que estes dois na opinião do pesquisador. A caricatura, apesar de ser um complemento que

detém uma opinião crítica e bem humorada de um fato, recebe esse peso por demandar um esforço elevado e não possuir repetições numa edição.

Por fim, os formatos que possuem maior esforço e dão maior destaque a notícia em termos de impacto de cobertura são: o Editorial (ED), a Reportagem (REP), o Link Ao Vivo (VIVO), a Entrevista (ENT), o Perfil (PER) e o Dossiê e cronologia (D&C). A reportagem recebe peso 4 por ser, dentre os formatos classificados como primariamente noticioso, a forma mais completa e profunda de se informar um fato. É um conteúdo que exige a participação de um repórter, que vai aparecer no vídeo em um local que possui algum tipo de ligação com a notícia, seguido da participação de uma fonte, e que demanda edição de imagens. O editorial não exige um enorme esforço de produção, mas é no caso do JG a primeira notícia ou opinião a ir ao ar, abrindo uma edição do telejornal. Seu valor dentro do Jornal da Globo é o de primeira opinião, e só acontece uma vez por edição. Por este motivo, recebe o peso 4. Já o link ao vivo não é um formato em separado, e sim uma bonificação nesta classificação. Todo link ao vivo observado nesta pesquisa acompanhou diretamente um boletim, reportagem, resenha ou comentário. Ele caracteriza a participação *in loco* do profissional, atribuindo assim um elevado valor de credibilidade e esforço despendido. A entrevista faz parte da prática jornalística, mas como citado no Quadro 1, necessariamente precisa ser ocupar uma quantidade maior de espaço para receber essa classificação de formato. O perfil e o dossiê e cronologia são gêneros que necessitam de elevado grau de pesquisa histórica ou empírica para ser produzido. Podem ser materiais frios, que servem a pauta do telejornal sem serem percebíveis como as outras reportagens, boletins e notas. Contudo, demandam a coleta de dados, informações e outros tipos de materiais de pré e pós-produção que demandam altíssimo esforço jornalístico, mesmo que não tenham necessidade de estar conectados com uma notícia.

Definidos os pesos atribuídos a cada formato, o próximo passo é aplicar fórmula descrita abaixo para chegar a uma pontuação atribuída a cobertura no geral. O processo funciona como uma espécie de *score* da cobertura. Para chegar a pontuação (y), deve se multiplicar o valor do peso do formato (p) pela quantidade de vezes que ele foi utilizado na cobertura (q), já foi descrito na análise quantitativa.

$$p \times q = y$$

Por fim, a somatória da pontuação de todos os formatos determina qual foi o esforço qualitativo de cobertura jornalística. Quanto mais elevado, melhor foi a qualidade do esforço e do impacto de cobertura sobre o determinado tema em questão.

#### **5.4. Comparações quantitativas: o contraste das coberturas da Copa América de 2021, 2019 e 2016 pela quantidade de conteúdos exibidos no Jornal da Globo**

Quando observamos as coberturas jornalísticas dos três anos e analisamos a quantidade de conteúdo, procurando assim obter uma análise que reflete de forma quantitativa dos esforços despendidos pelo Jornal da Globo, é possível perceber diferenças enormes no modo em que o evento foi tratado no telejornal. O quadro abaixo totaliza o número total de conteúdos levados ao ar nas edições de 2021, 2019 e 2016, separados pelos formatos utilizados pelo JG para noticiar o evento.

Para efeitos de comparação de cobertura, apenas as 24 edições da segunda etapa de análise de 2021 (período de 9 de junho até 12 de julho) são contabilizadas como referente ao período de cobertura da Seleção Brasileira na Copa América 2021. Por fim, vale lembrar que nem todos os conteúdos falam especificamente sobre o Brasil na Copa América, podendo também se referir a Seleção Brasileira Olímpica e Feminina.

Quadro 21 – Comparativo quantitativo de formatos de conteúdo sobre a Seleção Brasileira utilizados nas coberturas da Copa América de 2021, 2019 e 2016 pelo Jornal da Globo

FORMATO	QUANTIDADE		
	2021 (2ª ETAPA) 24 EDIÇÕES	2019 21 EDIÇÕES	2016 21 EDIÇÕES
Boletim (BOL)	0	5	6
Comentário (CMT)	0	14	3
Destaque da Escalada (ESC)	1	28	0
Dossiê e cronologia (D&C)	0	2	1
Editorial (ED)	0	1	0
Link Ao Vivo (VIVO)	0	7	7
Nota Coberta (NTC)	5	12	5
Nota Simples (NTS)	4	1	0
Reportagem (REP)	2	37	5
Resenha (RES)	0	2	5
<b>TOTAL DE FORMATOS</b>	<b>12</b>	<b>109</b>	<b>32</b>

Fonte: Globoplay e classificação do pesquisador

Nota: Não foram registrados em nenhum dos três anos de cobertura: Caricatura (CAR), Crônica (CRO), Enquete (ENQ), Entrevista (ENT), Melhores Momentos (MM) e Perfil (PER).

Como é possível perceber, mesmo com mais edições no período de cobertura, o JG de 2021 falou muito menos sobre a Seleção Brasileira enquanto ela disputava a Copa América do que em 2019 e 2016. A proporção aproximada é 2,66 vezes menos recorrência de conteúdo do que 2016, portanto mais do que o dobro, quase o triplo. Quando comparada a 2019, onde a Seleção teve uma campanha de sucesso semelhante do que em 2021, chegando a final em ambas as competições, a proporção aproximada é de 9 vezes menos inserções de materiais jornalísticos em 2021 do que em 2019. Quando comparamos 2016 com 2019, a proporção é de 3,4 vezes menos conteúdos em 2021, mas aqui é importante ressaltar que o Brasil teve uma atuação decepcionante em 2016, com a eliminação ocorrendo de forma precoce ainda na primeira fase.

Se formos analisar apenas os conteúdos que tratam sobre a Copa América, independentemente de envolver a Seleção Brasileira ou não, veremos uma cobertura que também tem diferenças na contabilização do total de conteúdos produzidos. O quadro abaixo trata exclusivamente sobre assuntos relacionados a Copa América nas edições de 2021, 2019 e 2016. Desta vez, o quadro inclui de forma separada as duas etapas da cobertura de 2021, sendo a primeira etapa (31 de maio a 8 de junho) definida pelo momento que o Brasil passa a ser a sede do evento e joga duas partidas das Eliminatórias (evento no qual a TV Globo possuía direitos de transmissão) e a segunda etapa, onde a cobertura da competição foi realizada sem a interferência de pautas relacionadas as Eliminatórias da Copa do Mundo (9 de junho e 12 de julho).

Quadro 22 – Comparativo quantitativo de formatos de conteúdo sobre a Copa América utilizados nas coberturas da Copa América de 2021, 2019 e 2016 pelo Jornal da Globo

FORMATO	QUANTIDADE			
	2021 1ª ETAPA (7 EDIÇÕES)	2021 2ª ETAPA (24 EDIÇÕES)	2019 (21 EDIÇÕES)	2016 (21 EDIÇÕES)
Boletim (BOL)	0	0	12	5
Comentário (CMT)	0	0	14	1
Destaque da Escalada (ESC)	3	0	28	0
Dossiê e cronologia (D&C)	0	0	3	0
Editorial (ED)	1	0	1	0
Link Ao Vivo (VIVO)	0	0	6	6
Nota Coberta (NTC)	0	5	11	10
Nota Simples (NTS)	3	7	2	0
Reportagem (REP)	6	0	31	5
Resenha (RES)	0	0	2	3

TOTAL DE FORMATOS	15	12	104	30
-------------------	----	----	-----	----

Fonte: Globoplay e classificação do pesquisador

Nota: Não foram registrados em nenhum dos três anos de cobertura: Caricatura (CAR), Crônica (CRO), Enquete (ENQ), Entrevista (ENT), Melhores Momentos (MM) e Perfil (PER).

O primeiro ponto a ser observado é dentro da própria cobertura de 2021. Na primeira etapa, nas sete edições, os temas relacionados a Copa América foram abordados em média com 2,14 conteúdos por dia. Lembrando que, em sua maioria absoluta, os temas foram abordados com viés crítico a realização da competição no Brasil. A partir da segunda etapa, onde a Copa América se aproxima do seu início, e com a Seleção encerrando seus jogos com transmissão da TV Globo pelas Eliminatórias, a média da frequência diária cai de pouco mais de duas vezes por dia para uma média de 0,5 conteúdos por dia de cobertura do JG, ou seja, um conteúdo a cada dois dias, com uma redução de 77% na frequência de exibição de algum conteúdo sobre a Copa América.

Quando realizamos a comparação dos totais por ano, somando as duas etapas de 2021, não temos grandes discrepâncias quantitativas em relação ao período total estudado de 2016, porém, muito abaixo do que o de 2019, ano que a Seleção Brasileira chegou à final da competição. A cobertura de 2021 apresenta 27 conteúdos, 30 de 2016 e 104 de 2019. Sendo que o período de 2021 possui 31 edições, contra 21 dos períodos de 2019 e 2016. Quando fazemos a média diária de exibição de algum conteúdo relacionado a Copa América, a cobertura de 2021 apresenta a média de 0,87 conteúdos levados ao ar por dia, contra 4,95 conteúdos exibidos em média diariamente em 2019, e 1,42 de média em 2016. Tal média diária de formatos de conteúdo nos leva a um queda de quase 5 vezes de frequência de conteúdos que abordavam a Copa América na comparação com 2019, e uma queda de 63% em relação a 2016.

Se a Copa América passou a ser menos abordada no telejornal em 2021 comparada com 2019 e 2016, e o bloco esportivo continuou a ter uma média superior a 7 minutos. A questão é observar o que preencheu esse espaço. Como concluímos no capítulo anterior, o telespectador não teve um blackout de informações de temas esportivo pelo fato do JG inflar a cobertura da Eurocopa na sua pauta diária, deixando de lado a Copa América e dando um espaço grande em termos quantitativos para a competição europeia. No quadro abaixo, podemos observar a quantidade de formatos de conteúdo levados ao ar durante a cobertura da Eurocopa, comparando-os com cobertura realizada em 2016. Em ambos os anos, as competições foram realizadas de forma parcialmente concomitante, logo, não é possível utilizar a mesma métrica de início e fim da cobertura que é baseada no período de realização da Copa América, objeto

primário de estudo desta pesquisa. Desta forma, a delimitação do quadro a seguir começa no momento que o assunto foi abordado pela primeira vez, até a última citação no período de análise. Também vale ressaltar que em 2016, a Eurocopa acabou duas semanas após a Copa América, sendo assim, 13 dias após o fim do período delimitado neste estudo, com 9 edições a menos analisadas do que 2021.

Quadro 23 – Comparativo quantitativo de formatos de conteúdo sobre a Eurocopa utilizados nas coberturas de 2021 e 2016 pelo Jornal da Globo

FORMATO	QUANTIDADE		
	2021 (23 EDIÇÕES)	2016 (14 EDIÇÕES)	DIFERENÇA ENTRE 2021 E 2016
Boletim (BOL)	1	0	+1
Comentário (CMT)	1	0	+1
Destaque da Escalada (ESC)	14	0	+14
Dossiê e cronologia (D&C)	1	0	+1
Nota Coberta (NTC)	15	4	+11
Nota Simples (NTS)	4	0	+4
Reportagem (REP)	13	10	+3
Resenha (RES)	0	1	-1
<b>TOTAL DE FORMATOS</b>	<b>48</b>	<b>15</b>	<b>+33</b>

Fonte: Globoplay e classificação do pesquisador

Nota: Não foram registrados em nenhum dos anos de cobertura: Caricatura (CAR), Crônica (CRO), Editorial (ED), Enquete (ENQ), Entrevista (ENT), Link Ao Vivo (VIVO), Melhores Momentos (MM) e Perfil (PER).

Para não realizar nenhuma conclusão distorcida em razão do período análise de 2016 ser 39% menor do que o de 2021, não serão levados em conta os dados absolutos da soma dos conteúdos, e sim, da média de frequência exibição apenas. Desta forma, a frequência média de exibição de um conteúdo em 2016 foi de 1,07 conteúdos por dia. Em 2021, essa média foi praticamente o dobro, atingindo a exibição de 2,08 formatos de conteúdo por dia de cobertura. Assim, podemos ter uma conclusão inicial que a cobertura da Eurocopa recebeu uma atenção muito maior, com um aumento de 94% de pautas relacionadas ao evento europeu. O que passamos a ver como justificativa deste aumento percentual elevado de conteúdo relacionado a Eurocopa é definido por Cremilda Medina (1988) como angulação.

Toda a matéria jornalística parte de uma pauta que pode ser intencional, procurada ou ocasional (acontecimento totalmente imprevisto) e essa pauta tem em si a primeira força do processo, que pode ser chamada angulação. Na angulação encontramos, de imediato, relações muito estreitas dos três níveis gerais de comunicação numa sociedade urbana em industrialização ou pós-industrializada: o nível-massa, o grupal e o pessoal. Quando a mensagem é angulada para de pauta se transformar num processo de captação, a componente grupal se identifica com a caracterização da empresa jornalística

onde essa pauta vai ser tramitada. A empresa que, por sua vez, está ligada a um grupo econômico e político (em bases bem características na América Latina) conduz o comportamento da mensagem da captação do real à sua formulação estilística. Nem sempre é fácil chegar a esse componente, porque ele não se apresenta claramente. (MEDINA, 1988, p.73-74)

Neste caso, pode ser interpretado que a Eurocopa teve um aumento intencional de pautas para suprir as lógicas comerciais de não divulgar um evento que é de transmissão de uma emissora concorrente. Ou seja, quando a Globo perdeu os direitos de transmissão por causa da agressividade dos valores oferecidos por outros player do mercado, ou pela relação ruim com as federações/confederações que regulamentam esses direitos, ela passou a tirar os assuntos da sua pauta, de forma a dar menor visibilidade ao evento, ao menos através dos seus instrumentos de comunicação.

O nível de interesse do público tem, sem dúvida, valor fundamental para a precificação dos direitos de Mídia, uma vez que o potencial de gerar audiência será o principal artifício para comercializar assinaturas e conquistar anunciantes. Quanto maior o interesse da população, evidentemente, maior o preço. (...) Fazendo uma análise competitiva, quanto maior o número de empresas de Mídia dispostas a adquirir um determinado pacote de direitos, maior será o poder de negociação dos detentores desses direitos, pressionando os preços para cima. No cenário inverso, os preços tendem a baixar. Por isso, a estrutura da Indústria da Comunicação em cada meio, e em cada região, é determinante. (SIQUEIRA, 2014, p.104)

Por fim, é possível afirmar que, com a queda de frequência de assuntos relacionados a Copa América, a Eurocopa passou a tomar destaque de cobertura maior do que a Copa América em relação ao que foi realizado na edição anterior do evento. Sem dar espaço para a Copa América, o Jornal da Globo optou por promover de forma muito desproporcional a competição que ela detinha os direitos de transmissão. Tal prática possui lógica comercial, mas fere os valores-notícias que a emissora adotava para assuntos relacionados a Seleção Brasileira.

Traquina (2005) definiu que a empresa jornalística, apesar de ter sua responsabilidade ideológica na definição de sua pauta, tem no escopo comercial relações que interferem no que é a pauta noticiosa do veículo.

O fator econômico é uma força importante na atividade jornalística. Enquanto o pólo ideológico define o jornalismo como um serviço público, o jornalismo é feito em empresas que, na sua esmagadora maioria, têm como objetivo acabar o ano com lucros. Enquanto o pólo ideológico define o jornalismo como um serviço público, o pólo econômico define o jornalismo como um negócio, que tem tendência para definir as notícias como uma mercadoria que vende jornais ou consegue um bom share da audiência. (TRAQUINA, 2005, p.207)

### **5.5. Comparações Qualitativas: o contraste das coberturas da Copa América de 2021, 2019 e 2016 pelas classificações de esforços/impactos de cobertura no Jornal da Globo**

Quando realizamos a comparação da quantidade de formatos específicos aplicados em cada cobertura, é possível também perceber a diferença de recorrência de cada formato em cada uma das coberturas. No que se refere a Copa América e a Seleção Brasileira nos anos de 2021, 2019 e 2016, foi possível notar que alguns formatos foram explorados em maior quantidade, e outros foram praticamente abandonados.

Acontece que cada um desses formatos apresenta diferentes quantidades de esforços de cobertura jornalística, e diferentes impactos causados através da forma como é destacado o conteúdo. O esforço/impacto de cobertura jornalística pode ser medido pela quantidade de conteúdos exibidos, mas também pode ser comparado através da métrica qualitativa do esforço/impacto jornalístico que é exercido através dos formatos. Cada formato demanda uma quantidade de profissionais envolvidos, enviados ou não para o local do acontecimento, com fontes ouvidas, edição, busca de imagens de acervo, pesquisa de dados, uso de suporte opinativo personificado do âncora ou comentarista, abordando o assunto com destaque na escala ou, no caso do JG, no editorial de abertura.

Levando em conta esses diferentes esforços que podem ser aplicados, e relacionando com os formatos destacados neste estudo, veremos agora quais foram as diferenças na cobertura de 2021, 2019 e 2016 do Jornal da Globo na Copa América. Sobretudo no que se refere a Seleção Brasileira.

#### **5.5.1. Analisando de forma qualitativa os esforços de cobertura da Copa América de 2021, 2019 e 2016**

Após a aplicação da fórmula apresentada no subcapítulo 4.3, foi possível mensurar a pontuação total das coberturas nos três diferentes anos. O quadro abaixo apresenta a pontuação dos esforços/impactos de cobertura da Copa América no geral, incluindo ou não temas ligados a Seleção Brasileira. O ano de 2021 foi separado em duas etapas, assim como ocorreu na medição quantitativa.

Quadro 24 – Comparação de formatos de conteúdo do Jornal da Globo sobre a Copa América de 2021, 2019 e 2016 pelo método qualitativo de esforços/impactos de cobertura

FORMATO	PESO	PONTUAÇÃO			
		2021 1ª ETAPA (7 EDIÇÕES)	2021 2ª ETAPA (24 EDIÇÕES)	2019 (21 EDIÇÕES)	2016 (21 EDIÇÕES)
Boletim (BOL)	3	0	0	36	15
Comentário (CMT)	2	0	0	28	2
Destaque da Escalada (ESC)	3	9	0	84	0
Dossiê e cronologia (D&C)	4	0	0	12	0
Editorial (ED)	4	4	0	4	0
Link Ao Vivo (VIVO)	4	0	0	24	24
Nota Coberta (NTC)	2	0	10	22	20
Nota Simples (NTS)	1	3	7	2	0
Reportagem (REP)	4	24	0	124	20
Resenha (RES)	2	0	0	4	6
<b>TOTAL DE PONTOS</b>		<b>40</b>	<b>17</b>	<b>340</b>	<b>87</b>

Fonte: Globoplay e classificação do pesquisador

Nota: Não foram registrados em nenhum dos três anos de cobertura: Caricatura (CAR), Crônica (CRO), Enquete (ENQ), Entrevista (ENT), Melhores Momentos (MM) e Perfil (PER).

Se compararmos a segunda etapa de 2021, período em que foram realizados os jogos da Copa América, temos uma queda de 95% na qualificação de esforços/impactos de cobertura, 20 vezes menor do que o de 2019. O assunto apresentou uma perda de valor muito grande no período de dois anos na pauta do telejornal, algo que só pode ser visto com as notícias referentes a Fórmula 1, que de 2019 para 2021, desapareceu da pauta do telejornal. Vale ressaltar que o evento também saiu do catálogo de direitos de transmissão da emissora neste intervalo de tempo.

Aqui há uma curiosidade com relação a cobertura de 2021. O JG teve esforços/impactos maiores de cobertura de assuntos ligados a Copa América antes da realização do evento do que durante a realização do evento. Tal resultado é reflexo do elevado número de inserções de conteúdos críticos a realização do evento que foram exibidos pela emissora após a escolha do Brasil como sede da competição. A proporção de esforço de cobertura entre os dois períodos é de pouco mais do que o dobro na primeira etapa, passando por uma queda de 57,50% após a Eurocopa começar.

Nas hipóteses preliminares desta pesquisa, foi idealizada que uma redução de qualidade de cobertura era natural em razão da perda de direitos de transmissão. Se a empresa não transmite o evento, depende da cessão de imagens por parte da concorrência. Porém, mesmo diante de entraves e dependência de terceiros, as limitações técnicas e limitação de esforços que podem ser aplicados, a cobertura foi tão discreta que quase eliminou o assunto da pauta do telejornal, com um percentual elevado de redução esforços/impactos que ultrapassam o que pode ser

considerado natural, suspeitando-se de que há interferência lógica comercial na supressão do assunto.

O jornalismo é também um negócio. Todas as empresas jornalísticas, com a exceção das empresas públicas, enfrentam mais tarde ou mais cedo a tirania do balanço econômico final. Ou seja, a comparação entre os custos e as receitas. As receitas provêm essencialmente das vendas e da publicidade. O espaço ocupado pela publicidade intervém diretamente na produção do produto jornalístico. (...) Na televisão, a publicidade impõe sobretudo a lógica das audiências, seguindo a lógica "mais audiências, mais receitas publicitárias". Assim sendo, o conteúdo noticioso do jornal televisivo pode ser influenciado pela dimensão econômica: são incluídos no noticiário os acontecimentos noticiosos que julgam ser do maior interesse para o maior número de público. Temos aqui o problema do sensacionalismo no jornalismo, acentuado ainda mais pela lógica da concorrência. A procura do lucro poderá levar a empresa jornalística à crescente utilização de critérios econômicos, nomeadamente o recurso às técnicas de marketing. (TRAQUINA, 2005, p.158-159)

É de se ressaltar que, a cada dia em que há inserção de conteúdo sobre a Copa América na temporada 2021, no intervalo comercial, são apresentados os patrocinadores que compraram cotas comerciais do evento. Ou seja, cada vez que você fala do assunto num telejornal, você expõe o produto ou a marca do seu parceiro ligado ao evento. Em 2021, sem os direitos de transmissão da Copa América, a TV Globo não possuía tal oportunidade com relação a Copa América, o que tira a pressão econômica sobre a recorrência do assunto e da qualidade de esforço que é aplicado para produzir materiais sobre o tema. Em contrapartida, a Eurocopa, que passou a ter destaque no noticiário esportivo em relação a Copa América na edição de 2021, possuía um patrocinador oficial (Volkswagem), que tinha sua publicidade inserida antes do bloco de cada um dos dias em que os assuntos ligados a competição europeia foram abordados.

Nessa perspectiva, a publicidade não aceita mais apenas fazer vizinhança com o jornalismo. Portadora dos interesses do capital, a publicidade pressiona o jornalismo a operar na mesma lógica. A publicidade acossa o jornalismo, submete-o às mesmas regras e valores do capital, obrigando-o a relativizar seu compromisso com a verdade e o interesse público. (MARSHALL, 2003, p.115)

Não há aqui uma contestação do compromisso com a verdade, como aponta Marshall (2003) em seu discurso, mas sim com a falta de compromisso com o interesse público. A supressão de uma pauta referente a uma competição centenária que é realizada em nosso país, e com uma final contra um rival como a Argentina, obedece aqui a tentativa de esvaziamento de mitos construídos com colaboração da própria TV Globo. Retirando o assunto da pauta, ela recebe mais espaço para falar sobre o produto que ela detém, a Eurocopa. Há uma possibilidade de uso

de marketing jornalístico não apenas para expor e valorizar um produto da emissora, como também pressão para respeitar contratos com marcas parceiras da emissora.

Do ponto de vista empresarial, justifica-se o marketing jornalístico através do fato de ele servir para se obter uma maior previsibilidade e, a longo prazo, garantir o direcionamento das necessidades. (...) Como empresa, a indústria jornalística não poderia almejar outra meta senão a de aumentar seus lucros. O que preocupa, não obstante, é a repercussão política da orientação da imprensa para tal atividade. (MARCONDES FILHO, 1989, p.35)

A pressão da lógica comercial pode ter esvaziado a cobertura de 2021, mas o que chama atenção não é a remoção de menções ao evento da pauta do JG, e sim a Seleção Brasileira, um produto histórico da emissora, sendo eclipsado dentro do noticiário esportivo.

No quadro abaixo, é possível perceber qual foi a pontuação atribuída aos assuntos ligados à Seleção Brasileira no Jornal da Globo pela métrica qualitativa de esforços/impactos de cobertura nas edições de 2021, 2019 e 2016.

Quadro 25 – Comparação de formatos de conteúdo do Jornal da Globo sobre a Seleção Brasileira na Copa América de 2021, 2019 e 2016 pelo método qualitativo de esforços/impactos de cobertura

FORMATO	PESO	PONTUAÇÃO POR ANO		
		2021 (24 EDIÇÕES)	2019 (21 EDIÇÕES)	2016 (21 EDIÇÕES)
Boletim (BOL)	3	0	15	18
Comentário (CMT)	2	0	28	6
Destaque da Escalada (ESC)	3	3	84	0
Dossiê e cronologia (D&C)	4	0	8	4
Editorial (ED)	4	0	4	0
Link Ao Vivo (VIVO)	4	0	28	28
Nota Coberta (NTC)	2	10	24	10
Nota Simples (NTS)	1	4	1	0
Reportagem (REP)	4	8	148	20
Resenha (RES)	2	0	4	10
<b>TOTAL DE PONTOS</b>		<b>25</b>	<b>344</b>	<b>96</b>

Fonte: Globoplay e classificação do pesquisador

Nota: Não foram registrados em nenhum dos três anos de cobertura: Caricatura (CAR), Crônica (CRO), Enquete (ENQ), Entrevista (ENT), Melhores Momentos (MM) e Perfil (PER).

Como é possível observar, a pontuação da edição de 2021 é quase 14 vezes inferior ao da cobertura da Seleção em 2019, e quase quatro vezes inferior ao de 2016. Isso significa que em termos qualitativos de esforço jornalístico, a cobertura de 2021 da Seleção Brasileira na Copa América teve uma redução de 92,73% de valor de esforço aplicado no desenvolvimento de

conteúdos que falavam sobre o tema se comprado a 2019, e 73,95% se comparado a 2016, ano que o Brasil realizou quase três vezes menos jogos pela competição do que 2021.

Quando tratamos inclusive especificamente sobre os dias dos jogos, temos também uma queda de esforço jornalístico aplicado à cobertura dos pós-jogos da Seleção, como é possível perceber no quadro abaixo.

Quadro 26 – Comparação de formatos de conteúdo do Jornal da Globo sobre a Seleção Brasileira em dias de jogos do Brasil na Copa América de 2021, 2019 e 2016 pelo método qualitativo de esforços/impactos de cobertura

FORMATO	PESO	PONTUAÇÃO		
		2021 2ª ETAPA (4 EDIÇÕES)	2019 (4 EDIÇÕES)	2016 (1 EDIÇÃO)
Boletim (BOL)	3	0	3	0
Comentário (CMT)	2	0	8	2
Destaque da Escalada (ESC)	3	0	12	0
Dossiê e cronologia (D&C)	4	0	0	0
Editorial (ED)	4	0	4	0
Link Ao Vivo (VIVO)	4	0	20	0
Nota Coberta (NTC)	2	8	14	2
Nota Simples (NTS)	1	0	1	0
Reportagem (REP)	4	4	28	0
Resenha (RES)	2	0	2	2
<b>TOTAL DE PONTOS</b>		12	92	6

Fonte: Globoplay e classificação do pesquisador

Nota: Não foram registrados em nenhum dos três anos de cobertura: Caricatura (CAR), Crônica (CRO), Enquete (ENQ), Entrevista (ENT), Melhores Momentos (MM) e Perfil (PER).

Os anos de 2019 e 2021 tiveram a mesma quantidade de coberturas de pós-jogo no Jornal da Globo, mas com as limitações que os direitos de transmissão impuseram a TV Globo, é natural imaginar que a cobertura de pós-jogo acabe sendo prejudicada. A partir do momento que a emissora se tornou dependente das imagens cedidas pelo SBT, e com limitações de profissionais com a acesso as praças que os eventos foram realizados, a quantidade de esforço aplicado caiu 80,96% em 2021 quando comparado a 2019. Os dados sobre 2016 ocupam a lanterna da contabilização total, mas há de se destacar que apenas um jogo teve cobertura do JG neste ano, levando em conta que os demais jogos do Brasil caíram em finais de semana.

Contudo, se a cobertura do pós-jogo acaba ficando prejudicada, a possibilidade de cobertura do pré-jogo não possui essa limitação. Uma emissora pode dar a notícias apuradas a partir dos treinamentos que definem a escalação, fazer uma análise do adversário, e outros esforços que

não são impedidos pelos direitos de transmissão. Noticiar pautas de interesse do público e transmitir eventos são ações diferentes, e não dependem de uma correlação no caso de um evento como a Copa América.

Quando contabilizamos apenas as edições que foram ao ar nas vésperas de jogos do Brasil pela Copa América, a fim de aferir a cobertura de pré-jogo, mais uma vez temos uma relação discrepante, com uma cobertura quase que uniforme quando comparada na pontuação total, como é possível observar no quadro abaixo.

Quadro 27 – Comparação de formatos de conteúdo do Jornal da Globo sobre a Seleção Brasileira em vésperas de jogos do Brasil na Copa América de 2021, 2019 e 2016 pelo método qualitativo de esforços/impactos de cobertura

FORMATO	PESO	PONTUAÇÃO		
		2021 (6 EDIÇÕES)	2019 (4 EDIÇÕES)	2016 (3 EDIÇÃO)
Boletim (BOL)	3	0	0	3
Comentário (CMT)	2	0	12	0
Destaque da Escalada (ESC)	3	3	24	0
Dossiê e cronologia (D&C)	4	0	0	0
Editorial (ED)	4	0	0	0
Link Ao Vivo (VIVO)	4	0	0	8
Nota Coberta (NTC)	2	4	0	0
Nota Simples (NTS)	1	1	0	0
Reportagem (REP)	4	4	60	8
Resenha (RES)	2	0	0	0
<b>TOTAL DE PONTOS</b>		12	96	19

Fonte: Globoplay e classificação do pesquisador

Nota: Não foram registrados em nenhum dos três anos de cobertura: Caricatura (CAR), Crônica (CRO), Enquete (ENQ), Entrevista (ENT), Melhores Momentos (MM) e Perfil (PER).

As alterações no total de pontos são sutis na comparação de 2021 com 2019, tendo portanto uma pouca mudança em relação de esforços/impactos nas coberturas de dias de jogo e véspera de jogos, mudando apenas os formatos de conteúdo que foram utilizados, que passam por adequação que os diferentes momentos exigem. Em relação às vésperas de jogos de 2016, os dados comparativos seguem relação próxima com a cobertura em dias de jogos, uma vez que, foram mensuradas três edições em vez de apenas uma. Na média diária, ambas permanecem dentro da casa dos 6 pontos.

Dessa forma, temos indícios que a cobertura sobre a Seleção Brasileira foi menor em 2021 não pelas restrições de direitos de transmissão, e sim, pela vontade da própria emissora de não tocar no assunto que a concorrência possui exclusividade como produto. Ou seja, nessa análise de

conteúdo pudemos notar por diferentes métricas que o discurso do Jornal da Globo em relação ao mito da Seleção Brasileira passou a ter efeito de simular sua desvalorização através de uma pauta extremamente reduzida, pouco aprofundada e muito distante do que foi realizado quando a emissora detinha os direitos de transmissão.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final da análise das 73 edições do Jornal da Globo referentes a cobertura da Seleção Brasileira na Copa América de 2021, 2019 e 2016, através de uma perspectiva empírica e interpretativa da abordagem do evento na pauta do telejornal, foi possível observar mudanças abruptas entre os anos de 2019 e 2016, nos quais a TV Globo detinha os direitos de transmissão, e a edição de 2021, na qual os direitos eram de uma emissora concorrente. Houve reduções significativas na frequência e na quantidade de esforço despendido na cobertura da Copa América de 2021, além do baixo destaque dado aos assuntos relacionados ao evento no telejornal.

Para preencher a pauta esportiva em 2021, a emissora optou por dar destaque para a Eurocopa, torneio que a TV Globo detinha os direitos de transmissão, e que foi o evento protagonista do noticiário esportivo. Os esforços envolviam até mesmo o deslocamento de vários profissionais enviados especialmente para realizar a cobertura pelos países-sede da competição, algo que não foi visto na cobertura da Seleção, que jogava no Brasil, em cidades-sede onde a emissora possuía equipes de jornalismo.

Considera-se que não há relação envolvendo uma possível queda de interesse pela Seleção Brasileira na opinião pública que justifique essa mudança de cobertura, já que, nas partidas da Seleção pelas Eliminatórias da Copa do Mundo, competição que a TV Globo detém os direitos, a cobertura foi semelhante à do que foi realizada na Copa América das edições de 2019 e 2016. Nesse sentido, a função social do jornalismo foi subjugada pelos interesses mercadológicos, pois a significativa diminuição do noticiário sobre a Seleção Brasileira é indicativa de que por não ser mais um produto da emissora, não houve esforços para a cobertura do evento.

É importante lembrar que direitos de transmissão esportivos não são os direitos absolutos sobre notícias referentes a um determinado evento. Os direitos impedem que outras empresas tenham o mesmo tipo de acesso as imagens, entrevistas e outros aspectos técnicos que dão maior valor agregado à notícia, mas não impede a divulgação dos fatos. A informação não é um bem exclusivo de uma empresa que possui os direitos de transmissão, e sim, um patrimônio imaterial que pode ser utilizado por qualquer veículo jornalístico. Claro que os direitos de transmissão proporcionam facilidades de cobertura jornalística, e até podem sustentar a parte comercial e mercadológica do conteúdo, mas não são, ou ao menos não deveriam ser entraves para definir o que é, e o que não é uma informação relevante.

O esporte, sobretudo o futebol, é um produto de baixa complexidade de entendimento e alta relevância na sociedade brasileira, ainda mais no que se refere à Seleção Brasileira. O mito construído sobre a Seleção, incluindo seus símbolos, tornou-a um elemento que transcende predileções pessoais sobre quase qualquer tipo de assunto, tornando-a um objeto de unificação nacional, (DA MATTA, 2012, p.111). Por exemplo, diante de uma Copa do Mundo, não importa qual é o time que um indivíduo seja torcedor, sua cidade de origem, sua cor ou sua religião: o interesse sobre informações relacionadas a Seleção é alto, o que torna a cobertura esportiva tão ampla nos diversos veículos do jornalismo brasileiro, independentemente da sua relação com os direitos de transmissão.

Se o indivíduo tem interesse em algum time ou evento específico, não ser incomoda de maneira alguma em consumir a informação por uma fonte noticiosa que não seja detentora dos direitos de transmissão. A maioria das emissoras não detém direitos sobre um grande catálogo de eventos esportivos, mas possuem uma grande variedade de programas para noticiar, analisar ou suscitar o debate sobre campeonatos que podem ser ou não ser parte dos seus direitos de transmissão.

Nesta questão, como ficaria a função do jornalismo se todas as empresas de comunicação decidissem noticiar apenas eventos nos quais elas detêm direitos de transmissão? Possivelmente não haveria pauta esportiva para preencher os noticiários das emissoras, sobretudo no período mais crítico do monopólio da Globo na transmissão dos principais campeonatos estaduais, nacionais e internacionais. Ou ainda que houvesse conteúdo, não haveria a prática de se noticiar o que é mais importante ou relevante, distorcendo a função do jornalismo.

No escopo de pesquisa acadêmica, vale frisar que este estudo encontrou algumas limitações na sua elaboração. A pesquisa aconteceu em meio a pandemia de covid-19, que proporcionou dificuldades ao pesquisador, sobretudo no que envolve relações físicas e sociais, dificultando métodos como entrevistas presenciais e busca por obras mais antigas, que não possuem versões digitais, restritas a poucos acervos bibliográficos físicos. Além disso, houve restrições da plataforma Globoplay em questões de coleta de edições completas de material de vídeo. Nas 73 edições analisadas, quatro delas tiveram material suprimido na versão de internet, algo que interfere na realização de medições precisas com relação ao tempo que foi atribuído à cobertura da Seleção Brasileira na Copa América. Para futuras pesquisas sobre o tema, deve-se levar em conta que os números medidos nestas quatro edições não acessíveis impedem que comparações envolvendo o tempo total e a média de tempo total destinado a cobertura sejam usados como dados absolutos.

As questões deste trabalho também podem ser aprofundadas de outras formas, como a metodologia que foi utilizada, que pode ser aplicada de forma integral ou adaptada em outros estudos de telejornalismo ou jornalismo audiovisual.

Na questão interpretativa inclusive, entrevistas com produtores do telejornal e observações diretas na redação poderiam contribuir para um aprofundamento da análise. Por isso, este trabalho contempla alguns aspectos da cobertura que podem ser ampliados. As práticas jornalísticas e as limitações que o participante direto na produção do telejornal tem podem ser diferentes do que a do pesquisador. Porém, é importante ressaltar que os dados apresentados mostram uma sensível diferença na cobertura da Seleção Brasileira na Copa América em 2021, após a perda dos direitos de transmissão pela emissora.

Os resultados descritos nesta pesquisa podem também suscitar novos estudos com relação ao que a TV Globo adotará nos seus próximos passos com relação a cobertura jornalística dos eventos que ela perdeu ou pode vir a perder os direitos de transmissão. A perda dos direitos sobre a Copa América é um marco importante da relação da TV Globo com um evento esportivo que envolveu a Seleção, mito que ela ajudou a alimentar por décadas.

Contudo, é importante contextualizar que outros direitos de transmissão de campeonatos importantes estão também passando por transformações, seja pela chegada de novos *players* no mercado, pela popularização de novas plataformas de mídia, ou ainda pelas mudanças na legislação brasileira. Todos esses fatores já interferiram e podem interferir ainda mais no catálogo tradicional de eventos esportivos da TV Globo. Tal mudança, pode gerar comportamentos semelhantes, ou até mudanças de estratégias no que se refere a cobertura jornalística. Todos os estudos que possam acompanhar essas mudanças serão de extrema importância para compreender as relações do jornalismo com os direitos de transmissão em eventos esportivos

## 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- A TAÇA DO MUNDO É NOSSA. Titulares Do Ritmo. In. Pra Frente Brasil / A Taça Do Mundo É Nossa. Brasil, Copacabana, 1970. Disponível em:  
<<https://open.spotify.com/album/5DS8kmOrdinyEKQmmItFZG>>. Acesso em 08 nov. 2021
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BARTHES, Roland. **Mitologias**. 11ª Edição. Rio de Janeiro, Betrand Brasil: 2011.
- BERNARDO, André. **Qual foi a maior audiência de todos os tempos na TV brasileira?**. Revista Super Interessante. Publicado em 25 set 2012. Disponível em  
<<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/qual-foi-a-maior-audiencia-da-tv-brasileira/>>. Acesso em 21 nov. 2021.
- BISTANE, Luciana; BACELLAR, Luciane. **Jornalismo de TV**. 1ª Edição. São Paulo, Contexto, 2005. E-book. Edição do Kindle.
- BOCKEL, Cristina; PIERRE, Eduardo. **'Brasil-sil-sil!' Grito mais famoso da torcida brasileira em Copas do Mundo completa 50 anos**. G1, 06 jul. 2018. Disponível em  
<<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/grito-mais-famoso-da-torcida-brasileira-em-copas-do-mundo-completa-50-anos.ghtml>>. Acesso em 21 nov. 2021.
- BORDIEU, Pierre. **Sobre a Televisão**. 1ª Edição. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1997.
- \_\_\_\_\_. **O campo econômico: a dimensão simbólica da dominação**. 1ª Edição. Campinas: Papyrus, 2000.
- BRITTOS, Valério Cruz; RÜHEE, Paloma. **A construção dos âncoras nos telejornais nacionais da Globo**. Comunicação plural [online]. Salvador: EDUFBA, 2007.
- BRUM, Maurício. **O inverno da esperança: como a Copa do Mundo de 1950 chegou ao Brasil e por que ela partiu o coração do país**. 1ª edição. Fronteira, 2014. E-book. Edição do Kindle.

COELHO, Paulo Vinicius. **Jornalismo Esportivo**. 4ª Edição. São Paulo: Contexto, 2021.

CORAÇÃO VERDE E AMARELO. Aerobanda. In: Tudo a ver: Temas de Aberturas dos Programas da Rede Globo. Brasil, Som Livre, 2001. Faixa 25. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-TuYe02W8Yc/>>. Acesso em: 21 nov. 2021.

DA MATTA, Roberto. **Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira**. 1ª edição. Rio de Janeiro, Pinakotheke, 1982.

\_\_\_\_\_. DA MATTA, Roberto. **A bola corre mais que os homens: duas Copas, treze crônicas e três ensaios sobre futebol**. Rocco Digital, 2012. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/book/477955237/A-bola-corre-mais-que-os-homens-Duas-Copas-treze-chronicas-e-tres-ensaios-sobre-futebol>>. Acesso em 10 fev. 2022.

\_\_\_\_\_. Roberto DaMatta analisa diferenças entre Brasil de 1950 e 2014: 'Não há ganhador para sempre. Entrevista cedida à André Miranda do O Globo. Disponível em <<https://oglobo.globo.com/esportes/copa-2014/roberto-damatta-analisa-diferencas-entre-brasil-de-1950-2014nao-ha-ganhador-para-sempre-13188426>>. Acesso em 10 fev. 2022.

ESTADÃO. **Acervo Digital**. Várias edições. Disponível em <<https://acervo.estadao.com.br/>>. Acesso em 21 nov. 2021.

FERMINO, Antonio Luis; BIANCHINI, Leandro; FURTADO Heitor Luiz; LOTTERMAN, Josimar; PIRES, Giovanni de Lorenzi. **Futebol masculino nos jogos olímpicos de Londres/2012: enquadramentos de alguns telejornais brasileiros**. Lúdica Pedagógica, 2017. Disponível em: <<https://revistas.pedagogica.edu.co/index.php/LP/article/view/7027>>. Acesso em: 18 nov. 2021.

FOLHA. **Canais Disney irão transmitir Copa América na TV fechada**. 1 jun. 2020. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2021/06/canais-disney-irao-transmitir-copa-america-na-tv-fechada.shtml>>. Acesso em 10 fev. 2022.

LANCE. **Manual de Redação e Estilo: As regras do Jornalismo do LANCE!** 1ª Edição. Rio de Janeiro: Areté Editorial, 2008.

LÉO, Alberto. **História do jornalismo esportivo na TV brasileira.** Rio de Janeiro: Maquinária Editora, 2017.

G1. **História do Jornal da Globo.** 19 abr. 2018. Disponível em <https://g1.globo.com/jornal-da-globo/noticia/historia-do-jornal-da-globo.ghtml/>>. Acesso em 19 nov. 2021.

GLOBOPLAY. **Jornal da Globo.** Jornalismo. Acervo Digital. Várias edições. Disponível em <<https://globoplay.globo.com/jornal-da-globo/t/HxbxWLmmRz/>>. Acesso em 11 fev. 2021.

GOMES, Itania Maria Mota, org. **Metodologia de análise de telejornalismo.** In: Gênero televisivo e modo de endereçamento no telejornalismo. Salvador: EDUFBA, 2011, p. 17-47. Disponível em: <<https://books.scielo.org/id/9wgnc/pdf/gomes-9788523211998-02.pdf>>. Acesso em 10 fev. 2022.

GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil:** uma história da maior expressão popular do país. São Paulo: Contexto, 2009. E-book. Edição do Kindle.

MARCONDES FILHO, Ciro (org). **Imprensa e Capitalismo.** 1ª Edição. São Paulo: Kairós, 1984.

\_\_\_\_\_. **O Capital da Notícia:** Jornalismo como Produção Social da Segunda natureza. 2ª edição. São Paulo: Ática, 1989.

MARSHALL, Leandro da Rosa. **O jornalismo na era da publicidade.** 2ª edição. São Paulo, Summus Editorial, 2003.

MEDINA, Cremilda. **Notícia, um produto a venda:** Jornalismo na Sociedade Urbana e Industrial. 2ª Edição. São Paulo: Summus, 1988.

MELO, José Marques de; ASSIS, Francisco de. **Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório**. Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação. 2016, v. 39, p. 39-56. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1809-5844201613>>. Acesso em 14 fev. 2022.

MEMÓRIA GLOBO. Jornal da Globo: Anos 1980. Disponível em <<https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/jornalismo-e-telejornais/jornal-da-globo/anos-1980/>>. Acesso em 23 nov. 2021.

\_\_\_\_\_. Jornal da Globo: Cenários. Disponível em <<https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/jornalismo-e-telejornais/jornal-da-globo/cenarios/>>. Acesso em 23 nov. 2021.

\_\_\_\_\_. Copa do Mundo do México – 1970: Transmissão e Cobertura. Disponível em <<https://memoriaglobo.globo.com/esporte/busca/copa-do-mundo-do-mexico-1970/transmissao-e-cobertura/3306022/>>. Acesso em 23 nov. 2021.

\_\_\_\_\_. Copa do Mundo da Espanha – 1982: Transmissão e Cobertura. Disponível em <<https://memoriaglobo.globo.com/esporte/busca/copa-do-mundo-da-espanha-1982/transmissao-e-cobertura/>>. Acesso em 23 nov. 2021.

MORAIS, Nayara Crístian; PANIAGO, Maria de Lourdes Faria dos Santos. **Música, discurso, dispositivo, identidade nacional e Ditadura Militar no Brasil: “Pra Frente Brasil”**. 2014. IV Congresso Internacional de História da UFG - Jataí (2014). Disponível em: <[http://www.congressohistoriajatai.org/anais2014/Link%20\(206\).pdf](http://www.congressohistoriajatai.org/anais2014/Link%20(206).pdf)> Acesso em: 20 nov. 2021.

NAUJORKS, Jaqueline. **Neotelejornalismo: a nova linguagem do telejornalismo global para o público multimídia**. In. **Mídia, experiência e interação: leituras críticas sobre a comunicação**. 1ª edição. São Paulo: Pimenta Cultural, 2017. E-book. Disponível em <[https://www.google.com.br/books/edition/M%C3%ADdia\\_experi%C3%Aancia\\_e\\_intera%C3%A7%C3%A3o\\_leitur/X3U3DwAAQBAJ?hl=pt-BR&gbpv=1&printsec=frontcover](https://www.google.com.br/books/edition/M%C3%ADdia_experi%C3%Aancia_e_intera%C3%A7%C3%A3o_leitur/X3U3DwAAQBAJ?hl=pt-BR&gbpv=1&printsec=frontcover)>

PRA FRENTE BRASIL. Coral De Joab. In. Pra Frente Brasil / A Taça Do Mundo É Nossa. Brasil, Copacabana, 1970. Disponível em:

<<https://open.spotify.com/album/5DS8kmOrdinyEKQmmItFZG>>. Acesso em 08 nov. 2021.

REZENDE, Guilherme José. **Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial**. São Paulo: Summus, 2000.

\_\_\_\_\_. GÊNEROS E FORMATOS JORNALÍSTICOS NA TELEVISÃO BRASILEIRA. CURITIBA, **XXXII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO: 2009. DISPONÍVEL EM: <[HTTP://WWW.INTERCOM.ORG.BR/PAPERS/NACIONAIS/2009/RESUMOS/R4-2902-1.PDF](http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-2902-1.pdf)> ACESSO EM 14 FEV. 2022.**

RODRIGUES, Nelson. **A pátria de chuteiras**. Nova Fronteira. Edição do Kindle. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

SACCHITIELLO, Bárbara. **Globo rescinde contrato e deixa de exibir Libertadores**. Meio e Mensagem. Disponível em <<https://www.meioemensagem.com.br/home/midia/2020/08/06/globo-rescinde-contrato-e-deixa-de-exibir-libertadores.html>>. Último acesso em 07 fev 2022.

SBT. **SBT vai transmitir a Libertadores da América até 2022**. SBT.com.br. Disponível em: <<https://www.sbt.com.br/variedades/sbt-na-web/fiquepordentro/148806-sbt-vai-transmitir-a-libertadores-da-america-ate-2022>>. Último acesso em 07 fev 2022.

SCHINNER, Carlos Fernando. **Manual dos locutores esportivos: Como narrar futebol e outros esportes no rádio e na televisão**. 1ª Edição. São Paulo: Panda, 2004.

SCHWOB, Marcelo. **Seleção Brasileira de Histórias de Futebol (1930-1980)**. 1ª Edição Rio de Janeiro: Pébola. 2019. E-book. Edição do Kindle.

SIQUEIRA, Marco Antonio. **Marketing Esportivo: Uma visão estratégica e atual**. 1ª Edição. São Paulo: Saraiva, 2014.

SIROTSKY, Pedro. **Apresentação**. In **The Yellow Book**. Seleção: um século de religião. 1ª Edição. Florianópolis: Toriba, 2014. p.14-15.

SOUZA, Felipe dos Santos. **Cantando na Copa (II):** no Brasil, muitas canções, poucas marcantes. Portal Trivela. Matéria publicada em 23 abr. 2018. Disponível em: <[www.trivela.com.br/copa-do-mundo/cantando-na-copa-ii-no-brasil-muitas-cancoes-poucas-marcantes/](http://www.trivela.com.br/copa-do-mundo/cantando-na-copa-ii-no-brasil-muitas-cancoes-poucas-marcantes/)>. Acesso em 23 nov. 2021.

TÁVOLA, Arthur da. **Comunicação é mito**. 1ª Edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessoa. **De tudo um pouco:** o telejornalismo e a mistura dos gêneros. In. Anuário Unesco Metodista de Comunicação Regional. Volume 13. 2009. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-etodista/index.php/AUM/article/view/2194>>. Acesso em 14 fev. 2022.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo:** Porque as notícias são como são. 2ª Edição. Florianópolis: Insular, 2005. Volume 1.

VALENTIM, Janaína. **Jornal Nacional x Jornal da Globo:** público de massa x público segmentado. Publicado em 25 set. 2018. Disponível em <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/eleicoes-2018/jornal-nacional-x-jornal-da-globo-publico-de-massa-x-publico-segmentado/>>. Acesso em 22 nov. 2021.

YELLOW. **The Yellow Book**. Seleção: um século de religião. 1ª Edição. Florianópolis: Toriba, 2014.